PRIMEIRA SEÇÃO

ORIENTAÇÕES DE VIDA ESPIRITUAL PARA OS JOVENS

Apresentação

Não existe um escrito sistemático de Dom Bosco sobre a formação espiritual dos jovens. Seja como for, dispomos de uma quantidade de subsídios impressos, testemunhos biográficos, intervenções formativas, em que é possível identificar uma visão bem definida da vida cristã, junto com alguns temas específicos que se repetem e que sublinham atitudes e valores, comportamentos virtuosos a cultivar e perigos a evitar. Tudo isso nos permite reconstruir o horizonte espiritual de Dom Bosco, ancorado nos parâmetros culturais e na sensibilidade típica do seu tempo e do seu ambiente, claramente devedor de tradições espirituais precedentes, todavia marcado por alguns princípios espirituais e traços pedagógicos que definem sua peculiaridade e permitem a sua transposição em contextos históricos e culturais diversos dos anos oitocentos na Itália. Neste sentido o material que aqui apresentamos é significativo e exemplar.

Quatro partes compõem esta seção.

A primeira é constituída pelas porções mais substanciais do Jovem Instruído (1847). Livro fundamental de Dom Bosco, “adaptado aos tempos e à juventude” – como ele escreve nas Memórias do Oratório – “oportuno pelas suas ideias religiosas, apoiado na Bíblia”, no qual se expõem “os fundamentos da religião católica com a máxima brevidade e clareza”¹. Não é uma simples coletânea de orações, mas um pequeno manual de vida espiritual com meditações, leituras edificantes, instruções e devoções que visam a alimentar o espírito de piedade, a tocar o coração dos jovens e orientá-los para uma vivência cristã integral e alegre. O estudo desse documento é essencial para compreender os traços fundamentais da pedagogia espiritual de Dom Bosco².

A segunda parte compreende uma amostra de cartas dirigidas a jovens individualmente ou a comunidades educativas salesianas. Ressaltam as notas que

¹ Giovanni BOSCO, *Memorie dell'Oratorio di S. Francesco di Sales dal 1815 al 1855*. Introdução e notas históricas de Aldo Giraud. Roma, LAS 2011, p. 164.

² Cf. Pietro STELLA, *Valori spirituali nel “Giovane provveduto” di san Giovanni Bosco*. Roma, Scuola Grafica Borgo Ragazzi Don Bosco 1960.

caracterizam a direção espiritual de Dom Bosco, seu realismo operativo e a tendência à simplificação, que não consistia em abaixar o horizonte dos ideais, mas que era estratégia educativa. A orientação cristã das suas sugestões é muito clara. Exigentes e robustas são suas propostas. Evidente é a referência contínua à concretude do quotidiano, aos seus desafios e às responsabilidades que dele derivam. Dom Bosco possui a arte de projetar horizontes transcendententes de sentido e visões entusiasmantes de futuro, aptas a inspirar uma vida muito intensa. Convencido da ação eficaz de Deus no coração de cada ser humano, ele sabe estimular os melhores sentimentos dos jovens, sua generosidade inata, para suscitar a colaboração concreta com a graça santificante.

Na terceira parte são transcritos os regulamentos originais das Companhias de São Luís Gonzaga (1847), da Imaculada (1856) e do Santíssimo Sacramento (1858). As Companhias foram instrumentos excelentes para a formação espiritual da elite juvenil no Oratório e nas casas de Dom Bosco. Reservadas aos jovens mais sensíveis à vida interior, disponíveis para um caminho espiritual totalizador, abertos à colaboração educativa entre os colegas, foram um viveiro de vocações salesianas.

A quarta parte recolhe alguns exemplos de breves exortações de Dom Bosco aos jovens, sob a forma de instruções dominicais, de pequenos discursos à noite (“boas-noites”) e de contos de sonhos. Demonstrações eficazes de um estilo plenamente formativo próprio do santo educador.

I. O JOVEM INSTRUÍDO

Aparecido em sua primeira edição em 1847, o “Jovem Instruído” é o livro de Dom Bosco que teve o maior sucesso editorial. No ano de sua morte foi impressa a 119ª edição. Foram feitas reimpressões com pouquíssimas adaptações até 1961³. É também o livro a que Dom Bosco esteve mais afeiçoado e que recomendou constantemente.

Representa o ponto de chegada das suas experiências pastorais entre os jovens do primeiro Oratório e constitui a base para os futuros desenvolvimentos do seu programa de santidade juvenil. Nele são postos em relevo os conteúdos e os métodos do modelo de vida cristã proposto aos jovens, seus inconfundíveis “horizontes de espiritualidade juvenil”⁴. Esta era a intenção do autor, declarada desde o próêmio, onde afirma querer ensinar “um método cristão de vida que seja ao mesmo tempo alegre e contente”, “breve e fácil, mas suficiente” para que os jovens possam se tornar “a alegria dos pais, a honra da pátria, bons cidadãos na terra a fim de ser um dia felizes habitantes do céu”.

Do ponto de vista do conteúdo, o volume está dividido em três partes, mais um apêndice de cânticos sacros. A primeira parte contém uma série de instruções e reflexões sobre Deus e sua relação privilegiada com os jovens, sobre os deveres do cristão, as verdades eternas e a exemplaridade de São Luís Gonzaga.

A segunda parte oferece uma série de “Exercícios particulares de piedade cristã”, que são peculiares ao contexto devoto dos anos oitocentos, mas que foram selecionados e estruturados com vistas ao tipo específico de vida cristã que Dom Bosco gostava de propor e em sintonia com a sua sensibilidade pessoal: orações da manhã e da noite; sugestões para assistir com fruto à santa missa e aproximar-se dos sacramentos; orações para a visita ao Santíssimo e para a comunhão espiritual; coroinhas ao Sagrado Coração de Jesus, a Nossa Senhora das Dores e outras práticas devotas; orações para o exercício da boa morte; uma instrução a respeito da escolha do próprio estado de vida (inserida muito mais tarde, depois de 1878).

A terceira parte do Jovem Instruído contém o ofício de Nossa Senhora e os formulários para a celebração das vésperas ao longo de todo o ano.

³ [Giovanni BOSCO], *Il giovane provveduto per la pratica de' suoi doveri, degli esercizi di cristiana pietà per la recita dell'ufficio della beata Vergine e dei principali vesperi dell'anno coll'aggiunta di una scelta di laudi sacre ecc.* Turim, Tipografia Paravia e Comp. 1847; Giovanni BOSCO, *Il giovane provveduto per la pratica de' suoi doveri e degli esercizi di cristiana pietà...* 119ª ed. Turim, Tipografia e Libreria Salesiana 1888; ID., *Il giovane provveduto per la pratica dei suoi doveri e degli esercizi di cristiana pietà.* Novíssima edição revista com base no texto original e adaptada na parte devocional aos usos atuais. Turim, Società Editrice Internazionale 1961.

⁴ Cf. P. STELLA, *Valori spirituali nel “Giovane provveduto”...*, pp. 80-126.

Aqui reproduzimos integralmente a primeira e a segunda parte do Jovem Instruído, inclusive as fórmulas de oração e as práticas devocionais comuns ao catolicismo dos anos oitocentos. De fato, também nelas o trabalho editorial de Dom Bosco imprime uma marca inconfundível. É muito instrutivo para o leitor percorrer aqueles textos rezados diariamente pelos meninos de Valdocco, tão densos de afetos devotos e de tensão espiritual, tão fecundos de resolução operativa e de responsabilidade ética, tão orientados para o empenho ascético e virtuoso.

Os estudiosos individuaram os autores referenciais de Dom Bosco, mas também identificaram seus critérios de escolha e de exclusão, as acentuações e os matices que conferem à pequena obra um cunho inconfundivelmente pessoal⁵. Por exemplo, o aceno aos enganos que o demônio insinua na mente dos jovens para que não se entreguem a Deus desde a juventude e a afirmação da perfeita sintonia entre a religião e a alegria. Em particular, a insistência sobre a juventude como tempo favorável para o empenho virtuoso, para uma vivência batismal integral, fecunda de frutos por toda a vida. A idade juvenil, segundo Dom Bosco, é “a chave de toda a existência terrena”⁶, idade responsável e construtiva, momento feliz para entrar numa relação privilegiada com Deus e empreender um caminho virtuoso e gozoso rumo à santidade (Serve Domino in laetitia).

Emergem também outros temas que voltarão seguidamente no magistério do Santo: a necessidade de estar sempre prontos porque a morte pode chegar a qualquer hora fixando eternamente o nosso destino; o cuidado pela união com Deus numa relação afetuosa e oblativa, feita de oração, práticas devotas, jaculatórias, oblações; a devoção mariana; o exercício de virtudes específicas, como o amor e o temor de Deus, a obediência e a pureza, a caridade e o serviço; o cumprimento exato e alegre dos deveres do próprio estado; o cuidado pela meditação, pela escuta da palavra de Deus, pela instrução catequética; a necessidade de mortificar os sentidos, de fugir dos maus companheiros e das ocasiões de pecado; a centralidade estratégica dos sacramentos da confissão e da comunhão, pilares do método formativo posto em ação por Dom Bosco.

A importância do Jovem Instruído sobressai particularmente quando é lido em sintonia com todo o ensinamento de Dom Bosco e “com todo o sistema e o estilo de vida” no qual o Santo mergulhava os seus jovens no dia a dia do Oratório⁷. O leitor poderá dar-se conta disto comparando-o com outros textos contidos nesta antologia, particularmente com as vidas de Domingos Savio, Miguel Magone e Francisco Besucco.

⁵ Cf. Pietro STELLA, *Don Bosco nella storia della religiosità cattolica*. Vol. II. *Mentalità religiosa e spiritualità*. Roma, LAS 1981; Francis DESRAMAUT, *Don Bosco e la vita spirituale*. Leumann (Turim), Elle Di Ci 1970.

⁶ Pietro BRAIDO, *Don Bosco prete dei giovani nel secolo delle libertà*. Terceira edição corrigida e retocada. Roma, LAS 2009, vol. I, p. 232.

⁷ P. BRAIDO, *Don Bosco prete dei giovani...*, I, p. 233.

184. O jovem instruído na prática dos seus deveres dos exercícios de piedade cristã*

Edição impressa em [Giovanni BOSCO], *Il giovane provveduto per la pratica de' suoi doveri degli esercizi di cristiana pietà per la recita dell'ufficio della beata Vergine e dei principali vesperi dell'anno coll'aggiunta di una scelta di laudi sacre ecc.* Turim, Tipografia Paravia e Comp. 1847, pp. 5-143. (OE II, 185-323).

À juventude

Dois são os principais ardis de que se vale o demônio para afastar os jovens da virtude. O primeiro é fazê-los acreditar que para servir o Senhor é preciso levar uma vida triste e longe de qualquer divertimento e prazer. Não é assim, queridos jovens. Vou indicar-vos um método de vida cristã que vos deixe alegres e contentes e ao mesmo tempo vos dê a conhecer quais são os verdadeiros divertimentos e os verdadeiros prazeres, de modo que possais dizer com o santo profeta Davi: Sirvamos ao Senhor em santa alegria. *Servite Domino in laetitia*. Este é o escopo deste livrinho: ensinar a servir ao Senhor sem perder a alegria.

O outro engano é o de dar-lhes a esperança de uma vida longa e de se converterem mais tarde, na velhice ou na hora da morte. Atenção, meus filhos, porque muitos se deixaram enganar. Quem nos assegura que chegaremos à velhice? Seria preciso firmar um pacto com a morte para que nos espere até lá: porém a vida e a morte estão nas mãos de Deus, que delas dispõe como lhe aprouver. E ainda que vos concedesse vida longa, ouvi o grande aviso que ele vos dá: “O homem, na velhice e até a morte, segue o caminho que principiou a trilhar na sua adolescência”. *Adolescens iuxta viam suam etiam cum senuerit non recedet ab ea*. Significa que, se agora que somos jovens, começarmos a viver bem, seremos bons também quando tivermos idade avançada, boa será a nossa morte e princípio de uma felicidade eterna. Pelo contrário, se deixarmos que os vícios tomem conta de nós durante a juventude, é muito provável que continuemos assim até à morte, presságio funesto de uma eternidade infeliz. Para que isso não vos aconteça, apresento-vos uma norma de vida breve e fácil, mas suficiente para que vos torneis a consolação dos vossos pais, a honra de vossa pátria, bons cidadãos na terra e depois felizes habitantes do céu.

* A tradução usada nesta coletânea corresponde basicamente à tradução do *Jovem Instruído* existente em português, com frequentes adaptações para a nossa linguagem atual.

Este pequeno volume se divide em três partes. Na primeira, encontrareis o que deveis fazer e o que deveis evitar a fim de viver como bons cristãos. Na segunda, há várias práticas de piedade. Na última, o ofício da Bem-aventurada Virgem Maria, os principais ofícios da oração de vésperas do ano e uma série de cânticos espirituais.

Meus caros, eu vos amo de todo o coração. Basta que sejais jovens para que eu vos ame muito. Posso garantir-vos que podereis encontrar muitos livros escritos por pessoas bem mais doutas e virtuosas do que eu, dificilmente, porém, encontrareis quem mais do que eu vos ame em Jesus Cristo e quem mais do que eu deseje a vossa verdadeira felicidade. O Senhor, portanto, esteja sempre convosco e vos conceda a graça de poderdes, com a prática desses poucos conselhos, salvar as vossas almas e assim aumentar a glória de Deus, que é a finalidade única deste livrinho.

Sede felizes, e o santo temor de Deus seja a vossa riqueza durante toda a vossa vida.

Afeiçoadíssimo em Jesus Cristo

Sac. João Bosco.

Primeira parte: Do que precisa um jovem para se tornar virtuoso.

Artigo 1º - Conhecimento de Deus

Erguei os olhos, queridos filhos, e contemplai tudo quanto existe no céu e na terra. Tempo houve em que o sol e a lua, as estrelas, o ar, a água, o fogo não existiam. Com a sua onipotência, Deus os tirou do nada e os criou; por esse motivo ele se chama Criador. Este Deus, que sempre existiu e sempre há de existir, depois de ter criado tudo o que há no céu e na terra, deu existência ao homem, a mais perfeita de todas as criaturas visíveis. De modo que os nossos olhos, os pés, a boca, a língua, os ouvidos, as mãos, tudo é dom do Senhor.

O homem distingue-se dos outros animais especialmente porque é dotado de uma alma que pensa, raciocina e conhece o que é bem e o que é mal. Sendo puro espírito, a alma não pode morrer com o corpo, mas quando o corpo for levado à sepultura, a alma começará uma nova vida que não terminará jamais. Se for virtuosa, será para sempre bem-aventurada com Deus no paraíso, onde gozará de todos os bens por toda a eternidade; se praticar o mal,

será punida com terrível castigo no inferno, onde sofrerá para sempre toda espécie de suplícios.

Por isso, convencei-vos, queridos filhos, de que todos vós fostes criados para o paraíso, e que Deus, Pai amoroso, experimenta imenso desgosto quando se vê constrangido a condenar alguém ao inferno. Oh! como o Senhor vos ama e deseja que pratiqueis boas obras, para depois vos tornardes participantes da grande felicidade que ele preparou para todos eternamente no céu.

Artigo 2º - Os jovens são muito amados por Deus

Persuadidos, queridos filhos, de que todos nós fomos criados para o paraíso, devemos encaminhar todas as nossas ações para esse grande fim. A isso deve animar-nos o prêmio que Deus nos promete e o castigo com que nos ameaça; mas o que mais nos deve atrair ao seu amor e ao seu serviço é o grande amor que Deus nos dedica. Porque, embora ame todos os homens como obra das suas mãos, todavia, consagra particular afeto aos jovens, pois encontra neles suas delícias: *Deliciae meae esse cum filiis hominum*. Vós sois as delícias e o amor de Deus que vos criou. Ele vos ama porque ainda tendes tempo para praticar muitas boas obras. Porque estais ainda na idade da simplicidade, humildade e inocência, e em geral não chegastes a ser vítimas infelizes do inimigo infernal.

Também o nosso Salvador deu provas de especial benevolência para com os meninos. Ele nos assegura que considera como feito à sua pessoa tudo que se fizer em benefício deles. E ameaça terrivelmente os que vos dão escândalos mediante palavras ou ações. Eis aqui as suas palavras: “Se alguém escandalizar a algum destes pequenos que creem em mim, melhor seria que lhe pusessem ao pescoço uma mó de moinho e o lançassem no mais profundo do mar”. Gostava que os meninos o seguissem, chamava-os para junto dele, abraçava-os e lhes dava a sua bênção.

Dado que o Senhor vos ama na idade em que estais, como não deve ser firme o vosso propósito de corresponder a ele, procurando fazer tudo o que for do seu agrado e evitando tudo o que poderia causar-lhe desgosto!

Artigo 3º - A salvação de um jovem depende ordinariamente do tempo da juventude

Dois são os lugares que nos são preparados para a outra vida. Um inferno para os maus, onde se sofrem todos os males; um paraíso para os bons, onde se goza de todos os bens. Entretanto, o Senhor vos dá a conhecer que, se começardes a ser bons na juventude, também sereis bons para o resto da vida,

que receberá como prêmio uma felicidade de glória. Pelo contrário, uma vida desordenada iniciada na juventude facilmente será desordenada até à morte, e vos levará inevitavelmente para o inferno. Por isso, se virdes homens avançados em anos entregues ao vício da embriaguez, do jogo, da blasfêmia, quase sempre podereis dizer: estes vícios começaram na juventude: *Adolescens iuxta viam suam, etiam cum senuerit non recedet ab ea* (Pr 22, 6).

Ah! meu filho, diz Deus, lembra-te do teu Criador no tempo da tua juventude. Em outro lugar declara feliz o homem que começa a observar os seus mandamentos desde a adolescência. Esta verdade era conhecida pelos santos, especialmente por Santa Rosa de Lima e São Luís Gonzaga, que tendo começado desde os cinco anos de idade a servir fervorosamente ao Senhor, quando adultos, não encontravam nenhum prazer a não ser em tudo o que se referia a Deus, e assim se tornaram grandes santos. Dizemos o mesmo do filho de Tobias que, ainda muito jovem, já era obediente, submisso em tudo à vontade dos seus pais; quando eles morreram, Tobias continuou a viver virtuosamente até à morte.

Mas (dirão alguns), se começarmos agora a servir ao Senhor, viveremos tristes. Não é verdade; será triste somente o jovem que servir ao demônio; tal jovem, por mais que se esforce para se mostrar alegre, terá sempre um coração que chora, dizendo-lhe: tu és infeliz porque és inimigo de Deus. Quem era mais afável e mais jovial do que São Luís Gonzaga? Quem era mais divertido e mais alegre do que São Filipe Neri? Entretanto, a sua vida foi uma contínua prática de todas as virtudes.

Coragem, portanto, meus caros: entregai-vos quanto antes à virtude e vos asseguro que tereis um coração sempre alegre e contente e provareis como é bom servir ao Senhor.

Artigo 4º - A primeira virtude de um jovem é a obediência a seus pais

Assim como uma plantinha delicada, embora posta no bom terreno de um jardim, cresce torta e definha se não for cultivada ou, por assim dizer, guiada até certo ponto, assim vós, meus queridos filhos, haveis de pender certamente para o lado do mal, se não vos deixardes guiar pelos encarregados da vossa educação. Essa guia a encontrareis na pessoa dos vossos pais e dos que fazem suas vezes, a quem deveis obedecer com toda exatidão. Honra teu pai e tua mãe e viverás longo tempo sobre a terra, diz o Senhor. Mas em que consiste esta honra? Consiste na obediência, no respeito e na assistência. Na obediência: por isso, quando vos ordenarem qualquer coisa, fazei-a prontamente sem vos mostrardes contrariados; não sejais daqueles que encolhem os

ombros, balançam a cabeça e, o que é pior, respondem com insolência. Estes fazem grande injúria, não só a seus pais, mas ao mesmo Deus, que por meio deles vos manda fazer isto ou aquilo. O nosso Salvador, embora todo-poderoso, quis ensinar-nos a obedecer, submetendo-se em tudo a Nossa Senhora e a São José, no humilde ofício de carpinteiro. E para obedecer ao Pai celeste morreu por entre tormentos na cruz.

Do mesmo modo, deveis ter muito respeito por vosso pai e vossa mãe. Por isso, não façais nada sem sua licença, nem vos mostreis impacientes em sua presença, nem conteis a outros os seus defeitos. São Luís nada fazia sem licença e, na ausência dos pais, ele a pedia aos seus criados. O jovem Luís Comollo, um dia, contra a vontade, foi forçado a ficar longe dos seus pais por mais tempo do que lhe tinham permitido. Ao chegar em casa, chorando, pediu humildemente perdão pela desobediência involuntária.

Deveis também prestar assistência a vossos pais em tudo de que necessitarem, quer com os serviços domésticos que puderdes fazer, e muito mais ainda, entregando-lhes todo o dinheiro, os presentes, qualquer coisa que receberdes, empregando tudo conforme eles aconselharem. É também obrigação para todo jovem cristão rezar de manhã e à noite pelos seus pais, a fim de que Deus lhes conceda todos os bens espirituais e temporais.

Tudo o que vos digo a respeito dos vossos pais estende-se também aos vossos superiores eclesiásticos ou leigos, como também a vossos mestres, cujos ensinamentos, conselhos e correções deveis receber com humildade e respeito, porque tudo o que vos ordenam é para o vosso maior bem; e porque a obediência que prestais a vossos superiores é como se a prestásseis a Jesus Cristo e a Maria Santíssima.

Duas coisas recomendo-vos de todo o coração. A primeira é que sejais sinceros com os vossos superiores, não encobrando com mentiras as vossas faltas e ainda menos pretendendo negá-las; dizei sempre a verdade, com franqueza, pois as mentiras vos tornarão filhos do demônio, príncipes da mentira, e servem unicamente para que, descoberta a verdade, sejais tidos por mentirosos e desacreditados perante vossos superiores e vossos companheiros. Em segundo lugar, tomai por norma de vossa vida e de vossas ações os conselhos e as advertências de vossos superiores. Felizes de vós, se assim fizerdes; os vossos dias serão felizes, todas as vossas ações serão sempre boas e de edificação para o próximo. Concluo, dizendo-vos: dai-me um jovem obediente e se tornará santo; o desobediente, pelo contrário, caminha por uma estrada que o levará à perda de todas as virtudes.

Artigo 5º - Do respeito que deveis ter pelas igrejas e pela religião

A obediência e o respeito aos vossos superiores deve ser acompanhada também pelo respeito para com as igrejas e com tudo o que se refere à religião. Somos cristãos, por isso devemos venerar tudo o que diz respeito a essa realidade, especialmente a igreja, que é chamada templo do Senhor, lugar de santidade, casa de oração, na qual tudo o que pedirmos a Deus nos será concedido. *In ea omnis qui petit accipit* [Lc 11,10]. Ah, meus queridos filhos! Que grande prazer dais a Jesus Cristo, que bom exemplo dais ao povo, ao estar na igreja com devoção e recolhimento! Quando São Luís ia para a igreja, o povo corria para vê-lo e todos ficavam edificadas com a sua modéstia e o seu comportamento. Ao chegar à igreja, sem correr e sem fazer barulho, fazei o sinal da cruz com água benta e ajoelhai-vos, adorai a Santíssima Trindade com três *Gloria Patri* etc.

Se ainda não tiver chegado a hora da celebração sagrada, podeis recitar as alegrias de Maria Santíssima ou fazer alguma outra prática de piedade. Tende muito cuidado para não rir na igreja ou falar sem necessidade, porque basta uma só palavra ou um sorriso para dar escândalo e perturbar os que assistem às sagradas celebrações. Santo Estanislau Kostka ficava na igreja com tanta devoção que muitas vezes não ouvia quem o chamava ou não percebia quando seus servos o tocavam, pedindo-lhe que fosse para casa.

Além disso, recomendo-vos que tenhais sumo respeito pelos sacerdotes e religiosos. Por isso, acolhei com veneração as recomendações que vos derem; descobri a cabeça em sinal de reverência quando falardes com eles ou os encontrardes pelo caminho. Principalmente tomai muito cuidado em não desprezá-los com atos ou com palavras, porque alguns jovens, ao zombarem do profeta Eliseu mediante apelidos, Deus os castigou fazendo sair da floresta lobos que se atiraram sobre eles e despedaçaram quarenta. Quem não respeita os ministros sagrados deve temer grandes males da parte do Senhor. Se ouvirdes falar mal dos ministros de Deus, fazei como o jovem Luís Comollo que costumava dizer: “Dos sacerdotes, ou se fala bem ou se cala”. Também devo advertir-vos de que não tenhais vergonha de vos mostrardes cristãos também fora da igreja. Por isso, quando passardes diante de uma igreja, de alguma imagem de Maria Santíssima ou de algum santo, não deixeis de descobrir a cabeça em sinal de reverência. Assim vos mostrareis verdadeiros cristãos e o Senhor vos cobrirá de bênçãos pelo bom exemplo que dareis ao próximo.

Artigo 6º - Leitura e palavra de Deus

Além das orações habituais da manhã e da noite, exorto-vos também a que empregueis algum tempo na leitura de algum livro que trate de coisas

espirituais, como a *Imitação de Cristo*, a *Filoteia* de São Francisco de Sales, a *Preparação para a morte* de Santo Afonso, *Jesus ao coração do jovem*⁸.

A leitura de trechos desses livros será muito proveitosa para a vossa alma. E tereis também mérito redobrado diante de Deus, se contardes aos outros o que lestes, ou se o lerdes para os outros, sobretudo para os que não sabem ler.

Assim como o nosso corpo sem alimento adocece e morre, do mesmo modo acontece com a nossa alma, se a privarmos do seu alimento. Nutrição e alimento da nossa alma é a palavra de Deus, isto é, as pregações, a explicação do Evangelho e do catecismo. Sede, pois, muito diligentes em chegar a tempo na igreja, e lá prestai toda a atenção e procurai aplicar a vós mesmos o que perceberdes ser apropriado para o vosso estado. Além disso, é muito importante frequentar o catecismo. Não alegueis o pretexto de que já o sabeis pelo fato de terdes sido admitidos à sagrada comunhão, pois a vossa alma, da mesma forma como o vosso corpo, também agora necessita de alimento, e se privais vossa alma desse alimento, vos expondes ao perigo de graves danos espirituais.

Recomendo-vos também que façais todo o possível para frequentar as vossas paróquias, a fim de cumprir estes vossos deveres, pois o vosso pároco foi destinado de modo especial por Deus para cuidar da vossa alma. Guardai-vos igualmente do engano do demônio quando sugere: *Isso é bom para o meu companheiro Pedro, aquilo é para Paulo*. Não, meus caros, o pregador fala a todos e entende aplicar a todos as verdades que expõe. Além disso, o que não servir para corrigir o passado, servirá para vos preservar de algum pecado no futuro.

Quando ouvirdes algum sermão, procurai guardá-lo na memória durante o dia e, especialmente à noite, antes de deitar, recolhei-vos um pouco e refleti sobre o que ouvistes. Se assim fizerdes, tirareis grande proveito para a vossa alma.

Dos males que a juventude deve evitar de modo particular

Artigo 1º - Fuga do ócio

O ócio é o laço principal que o demônio estende para a juventude, fonte funesta de todos os vícios. Persuadi-vos, meus caros, de que o homem

⁸ A *Imitação de Cristo*, a *Filoteia* ou *Introdução à vida devota* de São Francisco de Sales e a *Preparação para a morte* de Santo Afonso Maria de Ligório eram obras muito difundidas no tempo de Dom Bosco; *Jesus ao coração do jovem* era um livrinho do cônego José Zama Mellini (1788-1838), escrito em forma de colóquios afetuosos entre Jesus e o leitor.

nasceu para trabalhar e, quando abandona o trabalho, está fora do seu centro e corre grande perigo de ofender ao Senhor. Nada há que atormente mais os condenados no inferno do que ter passado no ócio o tempo que Deus lhes tinha dado para se salvarem. Pelo contrário, nada há que conforte mais os bem-aventurados do paraíso do que pensar que o tempo empregado para Deus proporcionou-lhes um bem eterno.

Não pretendo, porém, que vos ocupeis da manhã à noite sem terdes algum descanso, pois existem muitas coisas que, enquanto servem para vos ocupar, ao mesmo tempo também vos podem proporcionar satisfação e grande utilidade.

Essas coisas são, por exemplo, o estudo da história, da geografia, das artes mecânicas e liberais, e outros estudos e trabalhos domésticos, que enquanto vos divertem, podem também vos fazer adquirir conhecimentos úteis e honestos, e deixar contentes os vossos superiores; aliás, podereis também ocupar-vos em jogos e divertimentos, contanto que sejam lícitos e que sirvam para vos distrair e não cansem. Nunca deveis tomar parte nesses divertimentos sem antes pedir a devida licença, e preferi os que exercitam o corpo, pois são mais úteis para a vossa saúde. Afastai para longe de vós certos enganos, fraudes e espertezas, invencionices do espírito, que com frequência causam discórdias e ofendem a caridade dos vossos companheiros. Enquanto participais de um jogo, de alguma conversa ou de algum passatempo, elevai de vez em quando a mente a Deus, oferecendo-lhe vossas diversões para sua maior honra e glória.

Perguntando a São Luís, enquanto se divertia com seus colegas, o que faria se naquele momento um anjo o avisasse de que dentro de um quarto de hora o Senhor o chamaria para submetê-lo ao seu tremendo juízo, ele prontamente respondeu: Continuaría a brincar, porque sei com certeza que esses divertimentos agradam ao Senhor.

Finalmente, o que mais vos recomendo é que nos vossos divertimentos e recreações fujais o mais possível dos maus companheiros, como se foge da peste.

Artigo 2º - Fuga dos maus companheiros

Há três espécies de companheiros. Alguns são bons, outros são maus; e há os que não são totalmente maus, mas também não são bons. Com os primeiros podeis entreter-vos e vos será útil; com os últimos podeis tratar quando necessário, mas sem contrair familiaridade. Os maus devem ser absolutamente evitados, sempre. Mas quais são esses companheiros maus? Ficai atentos e compreendei quais são. Todos os jovens que na vossa presença não

têm vergonha de ter conversas obscenas, usar palavras equívocas ou escandalosas, murmurar, mentir, jurar falso, proferir imprecações, blasfêmias, ou que procuram afastar-vos das práticas religiosas ou levar-vos a transgredir os vossos deveres, são maus companheiros, ministros de satanás, dos quais deveis fugir mais do que da peste ou do próprio diabo. Ah, meus caros, com as lágrimas nos olhos eu vos suplico: fugi e aborrecei esse tipo de companhias!

Ouvi o que diz o Senhor: Quem anda com uma pessoa virtuosa, também se torna virtuoso. O amigo dos estultos se torna semelhante a eles. Evitai os maus companheiros como se evita a mordida de uma serpente venenosa: *tamquam a facie colubri*. Em suma, se andardes com os bons, eu vos asseguro que com eles ireis para o paraíso. Pelo contrário, se frequentardes os perversos, também vos haveis de perverter e perdereis irreparavelmente a vossa alma.

Alguém dirá: são tantos os maus companheiros, que seria preciso sair do mundo para evitar a todos. Sei que há muitos maus companheiros, e precisamente por isso vos recomendo com todas as minhas forças para que fujais deles. E se, por acaso, para não tratar com eles, fôsseis obrigados a ficar sozinhos, seríeis felizes, pois teríeis como companheiros Jesus Cristo, a Bem-aventurada Virgem Maria, o vosso Anjo da Guarda. Seria possível encontrar companheiros melhores do que estes?

Apesar disso, podem existir também bons companheiros e são os que frequentam os santos sacramentos, vão à igreja, vos animam a cumprir os vossos deveres e não têm conversas que ofendem Nosso Senhor. Frequentai a esses e tereis grande proveito. Desde que o jovem Davi começou a ter como companheiro um jovem chamado Jônatas, se tornaram bons amigos, com vantagens para os dois, pois um encorajava o outro na prática da virtude.

Artigo 3º - Evitar as más conversas

Quantos jovens estão no inferno por causa das más conversas! Esta verdade pregava-a já São Paulo quando dizia que as coisas obscenas não deviam ser nem mesmo pronunciadas pela boca de um cristão, porque são a ruína dos bons costumes: *Currumpunt bonos mores colloquia prava*. Considerai as conversas como comida: por melhor que seja um prato, bastaria que caísse nele uma só gota de veneno para provocar a morte dos que o provassem; o mesmo acontece com as conversas obscenas. Uma palavra, um gesto, uma brincadeira são suficientes para ensinar a malícia a um ou a mais companheiros; e aqueles jovens que eram cordeiros inocentes de Jesus Cristo, tornam-se presas infelizes do demônio.

Alguém poderá dizer: conheço as consequências funestas das más conversas, mas como fazer? Eu estou numa escola, num bar, numa loja ou num trabalho e ali há más conversas. Sei também eu que existem esses lugares, por isso vos sugiro a regra pela qual podeis livrar-vos delas sem ofender ao Senhor. Se forem pessoas inferiores a vós, corrigi-as rigorosamente; caso forem pessoas às quais não convém censurar, fugi, se puderdes, e se não puderdes, ficai atentos para não tomar parte nem com palavras, nem com o sorriso, e no vosso coração, dissei: Meu Jesus, misericórdia! Não faltará quem ria ou zombe de vós, mas isso não importa. Chegará o tempo em que rir e zombar dos maus se mudará em pranto no inferno, e o desprezo dos bons se mudará na mais consoladora alegria no paraíso: *Tristitia vestra vertetur in gaudium* [Jo 16,20]. Ficando assim firmes por causa do Senhor, acontecerá que os vossos próprios zombadores serão obrigados a estimar a vossa virtude, de modo que não ousarão mais molestar-vos com seus raciocínios perversos.

Onde estava São Luís ninguém mais tinha coragem de proferir uma palavra menos honesta, e quando acontecia de ele chegar no momento em que alguém a pronunciava, logo se dizia: silêncio, aí vem Luís.

Artigo 4º - Evitar o escândalo

Quando o demônio não consegue apanhar algum jovem como sua presa, ele se serve dos escandalosos. De quantos pecados enormes carregam a própria consciência os jovens que na igreja, na rua, na escola, em qualquer lugar, durante as suas ocupações dão escândalo. Quantas forem as pessoas que os observam, tantos são os pecados de que se tornam culpados aos olhos de Deus. E o que dizer dos que chegam a ensinar a malícia aos que ainda são inocentes? Esses malvados ouçam o que lhes diz o Salvador. Um dia, tomando um menino pela mão e voltando-se para o povo que o ouvia, disse: “Ai de quem der escândalos a um desses meninos; infelizmente há escândalos no mundo, mas ai de quem os der; seria melhor para ele que lhe amarrassem uma mó de moinho ao pescoço e o atirassem para o fundo do mar”. Se fosse possível extirpar do mundo os escândalos, quantas almas iriam para o paraíso, mas, ao contrário, vão perder-se eternamente no inferno. Fugi dessa raça de malvados, fugi deles mais do que do demônio. Uma menina em tenra idade, ao ouvir uma conversa escandalosa, disse a quem falava: fuge daqui, diabo maldito. Se vós, meus caros, quiserdes ser verdadeiros amigos de Jesus Cristo e reparar o grande mal que fazem às almas os escandalosos, procurai dar bom exemplo. Por isso, as vossas conversas sejam boas e modestas; comportai-vos devotamente na igreja, obedecei e respeitai os vossos superiores. Oh, quantas almas vos imitarão e caminharão pela estrada do paraíso! E vós estareis certos

de vos salvardes, porque quem busca a salvação de uma alma pode com certeza esperar a salvação da própria: *Animam salvasti, animam tuam praedestinasti*. Estas são as coisas principais de que vós, caros jovens, deveis fugir neste mundo: são poucas, mas suficientes para que possais formar-vos para um estado de vida virtuosa e cristã. Felizes de vós, se fugirdes delas; eu vos asseguro que chegareis a salvar eternamente a vossa alma.

Artigo 5º - Modo de comportar-se nas tentações

Também na vossa tenra idade o demônio vos estende laços para roubar a vossa alma; por isso, deveis estar bem atentos para não cair quando fordes tentados, ou seja, quando o demônio vos sugerir fazer o mal. Será de grande ajuda para preservar-vos das tentações evitar as ocasiões, as conversas escandalosas, os espetáculos públicos, onde não há nada de bom, e em geral se aprende sempre alguma coisa má. Procurai estar sempre ocupados, e quando não souberdes o que fazer, preparai altarzinhos, consertai imagens ou quadros; pelo menos ide passar algum tempo com um divertimento honesto, bem entendido, com a licença dos vossos pais. E quando fordes tentados, não fiquéis esperando que o demônio tome conta do vosso coração, mas fazei logo alguma coisa para vos livrar da tentação, mediante um trabalho ou alguma oração. E se a tentação continuar, fazei o sinal da santa cruz, beijai algum objeto abençoado, dizendo: São Luís, fazei que eu não ofenda o meu Deus. Eu falo desse santo porque foi proposto pela Igreja para ser o protetor especial da juventude. De fato, ele, para vencer as tentações, fugia de toda espécie de ocasião, jejuava com frequência a pão e água, flagelava-se até o sangue, de tal modo que as roupas, as paredes e o chão ficavam tingidos com o seu sangue inocente. Assim é que Luís conseguiu vitória completa contra todas as tentações. Também vós a obtereis, se procurardes imitá-lo pelo menos na mortificação dos sentidos, particularmente na modéstia, e se vos recomendardes de coração a ele quando estiverdes para ser tentados.

Artigo 6º - Algumas astúcias de que o demônio se serve para enganar a juventude

O primeiro laço que o demônio costuma estender à vossa alma é o de vos fazer imaginar como seria possível por quarenta, cinquenta ou sessenta anos que vos promete de vida, caminhar pela difícil estrada da virtude, sempre longe dos prazeres.

Quando o demônio vos sugerir esta ideia, respondei-lhe assim: Quem me garante que eu vou chegar até essa idade? A minha vida está nas mãos do Senhor, e pode ser que o dia de hoje seja o último da minha vida. Quantos que

ontem estavam alegres, bem dispostos, eram espirituosos e hoje são levados à sepultura? E mesmo quando tivéssemos que trabalhar duramente por alguns anos para o Senhor, esses anos não seriam compensados de forma superabundante por uma eternidade de glória e de prazeres no paraíso? Além disso, nós vemos que os que vivem na graça de Deus estão sempre alegres e mesmo no meio das aflições têm o coração contente. Pelo contrário, os que se entregam aos prazeres vivem irritados e procuram buscar a paz nos seus divertimentos, mas se sentem sempre infelizes: *Non est pax impiis* [Is 48,22].

Alguém ainda poderá dizer: Nós somos jovens, e se nos pusermos agora a pensar na eternidade, no inferno, acabaremos ficando tristes e até transtornaríamos a nossa cabeça. Eu concordo que o pensamento de uma eternidade feliz ou infeliz, que o pensamento de um suplício que jamais terminará, seja um pensamento tétrico e assustador. Mas, digei-me: se só de pensar nessas coisas vos transtorna a cabeça, o que será se de fato vos perderdes? É melhor pensar agora nessas coisas do que no futuro cair nelas; e é certo que se nós pensarmos nelas agora, no futuro seremos preservados. Observai, porém, que se é ruim o pensamento do inferno, enche-nos de consolo a esperança de um paraíso onde se goza de todos os bens. Por isso, os santos enquanto pensavam seriamente na eternidade das penas viviam em grande alegria, com a firme confiança em Deus de um dia evitá-las e entrar na posse dos bens infinitos que Deus prepara para quem o serve. Coragem, portanto, meus caros, esforçai-vos por servir o Senhor e vereis como ficará contente o vosso coração.

Artigo 7º - Advertências para os jovens inscritos em alguma congregação ou em algum oratório

Se tiverdes a ventura de estardes inscritos em alguma associação ou em algum oratório, procurai comportar-vos bem e observar com exatidão todas as normas que vos forem explicadas pelos superiores. Em particular vos recomendo que tenhais grande reverência para com os diretores desse lugar santo, sempre procurando pedir autorização quando tiverdes que vos ausentar. Na igreja comportai-vos com particular modéstia e ficai em silêncio, lendo ou ouvindo ler algum livro devoto até que chegue o tempo de começar as celebrações sagradas. Então, com alegria de espírito e recolhimento, cantai os louvores do Senhor. Se vos confessardes ou fizerdes a santa comunhão, procurai fazê-la sempre na vossa associação ou no vosso oratório, porque isso muito contribuirá para o bom exemplo e para animar os outros na frequência dos sacramentos.

E se no vosso oratório houver a louvável facilidade de participar do recreio dos jovens nos dias festivos, participai de boa mente, cuidando para não

provocar rixas, dar apelidos aos companheiros e mostrar-vos insatisfeitos com os brinquedos que vos foram entregues. E se ouvirdes alguma coisa inconveniente para aquele lugar santo, ide depressa avisar secretamente o superior, para que sejam impedidos todos os males que dali poderiam derivar.

Seria muito útil se os mais instruídos se pusessem a contar algum fato que servisse de exemplo para os colegas.

Sede sinceros nas palavras e tomai cuidado com as mentiras, porque se perceberem que sois mentirosos, além da ofensa a Deus, sereis desonrados na presença dos vossos colegas e dos vossos superiores. Recomendo-vos também que tenhais uma filial confiança no diretor, recorrendo a ele quando tiverdes alguma dúvida de consciência. Tende também grande respeito por todos os vossos superiores, especialmente se forem sacerdotes; encontrando-os, descobri a cabeça, beijando-lhes as mãos. Quando falardes com eles, respondei às suas perguntas com palavras humildes e toda sinceridade. E os que são destinados a algum ofício de cantor, assistente ou algo semelhante, sintam-se estimulados a se mostrar mais devotos e mais zelosos em tudo o que se refere às práticas de piedade. Finalmente, a todos recomendo suma exatidão na observância das normas, procurando cada qual ser mais devoto do que o outro, mais modesto e exato do que o outro nos exercícios de devoção.

Sete considerações para cada dia da semana

Como tenho um grande desejo de que todos os dias façais um pouco de leitura espiritual, e considerando que nem todos dispõem de livros para essa finalidade, aqui vos apresento sete breves considerações, distribuídas ao longo dos dias da semana, que favorecerão os que não puderem dispor de livros de leitura espiritual.

Assim, pondo-vos de joelhos, direis: Meu Deus, eu me arrependo de todo o meu coração por vos ter ofendido, dai-me a graça de conhecer como convém a vossa verdade que estou para meditar. Virgem Maria, Mãe de Jesus, rogai por mim.

Primeira consideração para o domingo: Fim do homem

1. Considera, meu filho, que este teu corpo, esta tua alma te foram dados por Deus, sem nenhum merecimento de tua parte, quando te criou à sua imagem. Ele te fez seu filho no santo batismo, amou-te e ama-te ainda com

ternura de Pai e criou-te para este único fim: para que o ames e o sirvas nesta vida e possas assim ser um dia eternamente feliz com ele no céu.

Não estás, portanto, no mundo somente para gozar, nem para enriquecer, nem para comer, beber e dormir, como os animais. O teu fim é muitíssimo mais nobre e mais sublime; o teu fim é amar e servir ao teu Deus e salvar a tua alma. Se assim fizeres, quantas consolações experimentarás na hora da morte! Mas se não procurares servir a Deus, quantos remorsos terás no fim da vida! As riquezas, os prazeres que buscaste com tanto afã somente te servirão para encher o teu coração de amargura e então conhecerás o mal que tais coisas fizeram à tua alma.

Meu filho, não queiras de modo algum pertencer ao número daqueles que pensam somente em satisfazer o corpo com atos, conversas e divertimentos maus. Naquela hora extrema se encontrarão em grande perigo de se condenarem eternamente. Um secretário do rei da Inglaterra expirava dizendo: “Ai de mim! Gastei tanto papel em escrever as cartas do meu príncipe e não usei uma folha sequer para tomar nota dos meus pecados e fazer uma boa confissão!”

2. Torna-se ainda maior aos teus olhos a importância deste fim, se consideras que dele depende a tua salvação ou a tua perdição. Se salvas a alma, tudo estará bem e gozarás para sempre; mas se não alcançares isso, perderás alma e corpo, Deus e o paraíso e serás condenado para sempre. Não imites aqueles infelizes que se iludem dizendo: “Cometo este pecado, mas depois me confessarei”. Não te enganes a ti mesmo desta forma. Deus amaldiçoa a quem peca na esperança do perdão: *Maledictus homo qui peccat in spe*. Lembra-te de que todos os que estão no inferno tinham esperança de emendar-se mais tarde e no entanto se perderam eternamente. Quem sabe se depois terás tempo para confessar-te? Quem te garante que não hajas de morrer logo depois do pecado e que a tua alma não seja precipitada no inferno? Além disso, que grande loucura não seria ferir-te a ti mesmo na esperança de que o médico venha depois curar a tua ferida! Afasta pois a enganadora ideia de poderes entregar-te a Deus mais tarde. Neste mesmo momento detesta e abandona o pecado, que é o maior de todos os males e que, afastando-te do teu fim, vem privar-te de todos os bens.

3. Quero ainda indicar à tua consideração um laço terrível com que o demônio prende e arrasta à perdição tantos cristãos: é deixar que aprendam as coisas da religião, mas não as pratiquem. Eles sabem que foram criados por Deus para amá-lo e servi-lo e, entretanto, com suas obras, parece que buscam somente a própria ruína. Quantas pessoas não vemos neste mundo que em tudo pensam, menos em salvar-se? Se digo a um jovem que frequente os sa-

cramentos, que faça um pouco de oração, responde: “Tenho mais que fazer; preciso trabalhar, preciso divertir-me”. Ó Deus! Por acaso não tens uma alma para salvar? Por isso, tu, jovem cristão, que lês esta consideração, vê lá, não te deixes enganar desta maneira pelo demônio. Promete a Deus que tudo o que fizeres ou disseres e pensares no futuro será para o bem da tua alma; porque seria a maior loucura ocupar-te com tanto empenho no que acaba tão depressa e pensar tão pouco na eternidade, que nunca há de acabar. São Luís podia ter prazeres, riquezas e honras, mas renunciou a tudo dizendo: “Que me serve tudo isto para a minha eternidade?” *Quid hoc ad aeternitatem?*

Conclui também tu da mesma maneira: Tenho uma alma; se a perco, perco tudo. Que me vale ganhar o mundo inteiro, se isto for em prejuízo de minha alma? De que me serve vir a ser um grande homem, muito rico, adquirir fama de sábio, tornando-me conhecedor de todas as artes e ciências deste mundo, se depois vier a perder a minha alma? De nada te serviria toda a sabedoria de Salomão, se viesses a perder-te.

Portanto, quero que no futuro o único fim das minhas ações seja a salvação da minha alma. Trata-se de ser para sempre feliz ou para sempre infeliz. Perca-se tudo, contanto que me salve! Meu Deus, concedei-me o perdão dos meus pecados e fazei que não caia jamais na desgraça de ofender-vos. Ajudai-me com a vossa santa graça para que possa fielmente amar-vos e servir-vos para o futuro. Maria, minha esperança, intercedei por mim.

Segunda-feira: O pecado mortal

1. Oh! se soubesses, meu filho, o que fazes quando cometes um pecado mortal! Dás as costas àquele Deus que te criou e te cumulou de benefícios; desprezas a sua graça e a sua amizade. Quem peca diz com os fatos ao Senhor: “Apartai-vos de mim, já não quero obedecer-vos, não vos quero servir, não vos quero reconhecer por meu Senhor: *Non serviam*. O meu Deus é aquele prazer, aquela vingança, aquele ódio, aquela conversa obscena, aquela blasfêmia”. Poder-se-á imaginar ingratidão mais monstruosa do que esta? Entretanto, meu filho, tudo isso fizeste quando ofendeste ao teu Senhor.

2. Maior ainda se torna esta ingratidão, refletindo que, para pecar, serves-te das mesmas coisas que Deus te deu. Ouvidos, olhos, boca, língua, mãos, pés, são todos dons de Deus e tu deles te serviste para ofendê-lo! Ah! ouve pois o que te diz o Senhor: “Filho, eu te criei do nada; dei-te tudo o que agora tens, fiz-te nascer na verdadeira religião e receber o santo batismo. Podia deixar-te morrer quando estavas no pecado: conservei-te a vida para não te condenar ao inferno. E tu, esquecido de tantos benefícios, queres servir-te dos

meus próprios dons para ofender-me?”. Quem não se sentirá tomado de profundo pesar por ter feito tamanha injúria a um Deus tão bom, tão benfazejo para conosco, suas miseráveis criaturas?

3. Deves ainda considerar que este Deus, embora seja bom e infinitamente misericordioso, todavia fica muito indignado quando o ofendes. Por isso, quanto mais tempo viveres no pecado, tanto mais vais provocando e acumulando a ira de Deus contra ti. Deves, portanto, recear muito que os teus pecados cheguem a tal número que ele por fim te abandone. *In plenitudine peccatorum puniet*. Não que isso aconteça por te faltar a misericórdia divina, mas é que te faltará o tempo para pedir perdão, pois que não merece a misericórdia de Deus quem dela abusa para ofendê-lo. Com efeito, quantos viveram no pecado na esperança de converter-se e, entretanto, chegou a morte e faltou-lhes o tempo para disporem os negócios da consciência e agora estão eternamente perdidos! Teme que não venha acontecer a mesma coisa a ti. Depois de tantos pecados que Deus te perdoou, deves com razão recear que, com mais algum pecado mortal, a ira divina te fulmine e te precipite no inferno. Dá graças a Deus por ter-te esperado até agora e toma desde já uma firme resolução dizendo: Basta, meu Deus! O pouco de vida que ainda me resta não a quero desperdiçar em ofender-vos. Haveri de empregá-la em vos amar e chorar os meus pecados. Arrependo-me de todo o coração. Meu Jesus, quero amar-vos; dai-me força. Virgem Santíssima, Mãe de meu Jesus, ajudai-me. Assim seja.

Terça-feira: A morte

1. A morte é a separação da alma do corpo, com um total abandono das coisas deste mundo. Considera, portanto, meu filho, que a tua alma deverá separar-se do corpo; mas não sabes onde se dará esta separação. Não sabes se a morte te assaltará na tua cama ou durante o trabalho, na rua ou em outra parte. A ruptura de uma veia, uma hemorragia, uma febre, uma ferida, uma queda, um terremoto, um raio, bastam para tirar a vida. Isso pode acontecer daqui a um ano, daqui a um mês, a uma semana, a uma hora e talvez, ao terminar a leitura desta consideração. Quantos se deitaram à noite cheios de saúde e de manhã foram encontrados mortos! Quantos acometidos de algum ataque morreram de repente! E depois para onde foram? Se estavam na graça de Deus felizes deles! Gozarão para sempre. Se, pelo contrário, se achavam em pecado mortal, estão para sempre perdidos. Dize-me, filho, se tivesses que morrer neste instante, que seria de tua alma? Ai de ti, se não te manténs sempre preparado! Quem não está hoje preparado para bem morrer, corre grande perigo de morrer mal.

2. Embora seja incerto o lugar e incerta a hora de tua morte, é muito certo que a morte há de vir. Quero esperar que a última hora de tua vida não venha repentinamente ou de modo violento, mas aos poucos e precedida de uma doença comum. Mas há de chegar um dia no qual, estendido numa cama, estarás prestes a passar à eternidade, assistido por um sacerdote que encomendará tua alma, tendo um crucifixo ao lado, uma vela acesa do outro e em derredor os parentes que choram. Terás a cabeça dolorida, os olhos embaçados, a língua ressequida, a garganta presa, a respiração ofegante, o sangue a arrefecer, o corpo exausto, o coração oprimido. E assim que a alma expirar, o teu corpo, vestido de poucos andrajos será lançado a apodrecer em uma cova. Aí os ratos e os vermes roerão todas as tuas carnes e de ti restarão apenas alguns ossos descarnados e um pouco de pó repugnante. Abre um sepulcro e vê a que ficou reduzido aquele jovem rico, aquele ambicioso, aquele soberbo. Lê com atenção estas linhas, meu filho, e lembra-te de que elas se aplicam também a ti, igualmente como a todos os demais homens. Agora o demônio, para induzir-te a pecar, procura arrancar-te deste pensamento e levar-te a escusar as tuas culpas dizendo-te não ser enfim tão grande mal aquele prazer, aquela desobediência, aquela omissão da missa nos domingos. Mas na hora da morte descobrir-te-á a gravidade destes e de outros teus pecados, pondo-os diante de ti. E que haverás de fazer tu então, no momento de te encaminhares para a tua eternidade? Ai de quem se achar em desgraça de Deus naquele instante!

3. Considera que do instante da morte depende a tua eterna salvação ou eterna perdição. Nas proximidades da morte, ao avizinhar-se aquela última vez que a boca se fecha, à luz daquela vela, quantas coisas se hão de ver! Duas vezes temos diante de nós uma vela acesa: quando somos batizados e em ponto de morte; a primeira vez, para conhecermos os preceitos da lei divina que devemos guardar; a segunda, para que vejamos se os temos cumprido. Por isso, meu filho, à luz dessa vela hás de ver se amaste o teu Deus ou se o desprezaste; se honraste o seu santo nome ou se o blasfemaste; hás de ver os dias santos profanados, as missas deixadas, as desobediências aos superiores, os maus exemplos dados aos companheiros; verás aquela soberba, aquele orgulho que te lisonjeava; verás... mas, oh! meu Deus! tudo verás naquele momento, no qual se abrirá diante de ti o caminho da eternidade: *Momentum a quo pendet aeternitas*. Oh! grande, oh! terrível momento, do qual depende uma eternidade de glória ou de tormentos! Compreendes bem o que te digo? Quero dizer que daquele momento depende ir para o céu ou para o inferno; ser para sempre feliz ou para sempre infeliz; para sempre filho de Deus ou para sempre escravo do demônio; para sempre gozar com os anjos e com os santos do céu ou gemer e arder para sempre com os condenados no inferno!

Temer grandemente pela tua alma e pensa que do viver bem depende uma boa morte e uma eternidade de glória. Por isso, não adies por mais tempo e prepara-te desde já para fazer uma boa confissão e dispor bem as coisas da tua consciência, prometendo a Nosso Senhor perdoar aos teus inimigos, reparar os escândalos dados, santificar os dias de guarda, cumprir os deveres do teu estado.

E agora, põe-te na presença do teu Deus e dize-lhe de coração: Meu Deus, desde este momento eu me converto a vós; amo-vos, quero amar-vos e servir-vos até à morte. Virgem Santíssima, minha mãe, ajudai-me naquele terrível momento. Jesus, José e Maria, expire em paz entre vós a minha alma.

Quarta-feira: O juízo

1. O juízo é a sentença que o Salvador há de pronunciar no fim da nossa vida, sentença por toda a eternidade. Apenas a alma tiver saído do corpo, comparecerá logo perante o supremo juiz. A primeira coisa que torna este comparecimento terrível à alma do pecador, é que a alma se encontrará sozinha na presença de um Deus desprezado, de um Deus que conhece todos os segredos do nosso coração, todos os nossos pensamentos. E que levaremos conosco? Levaremos aquele pouco de bem ou mal que tivermos feito durante a vida: *Refert unusquisque prout gessit sive bonum, sive malum* (2Cor 5,10). Não se pode então inventar nem desculpa nem pretexto nenhum. Santo Agostinho, falando deste tremendo comparecimento, diz: “Quando tu, ó homem, compareceres diante do Criador para seres julgado, terás sobre tua cabeça um juiz indignado; de um lado, os pecados que te acusam; de outro os demônios prontos a executar a condenação; dentro de ti uma consciência que te agita e te atormenta; debaixo de ti um inferno aberto, pronto a tragar-te”. Em tais apertos, para onde irás, para onde fugirás? Feliz de ti, ó meu filho, se tiveres feito o bem durante a tua vida. Entretanto o divino juiz abrirá os livros da consciência e começará o exame: *Iudicium sedit et libri aperti sunt*.

2. Então dirá aquele juiz inapelável: Quem és tu? Sou um cristão, responderás. Bem, replicará ele; se és cristão, vamos ver se procedeste como cristão. Em seguida começará a recordar as promessas feitas no santo batismo, pelas quais renunciaste ao demônio, ao mundo, à carne; lembrar-te-á as graças que te concedeu, as muitas vezes que recebeste os sacramentos, as pregações, as instruções, os avisos dos confessores, as correções dos pais: tudo será posto diante de ti. Mas tu, dirá então o divino juiz, apesar de tantos dons, de tantas graças, oh! quão mal correspondeste à tua profissão de cristão! Mal chegando à idade em que apenas começavas a conhecer-me, começaste a ofender-me com mentiras, com falta de respeito na igreja, com desobediências a teus pais

e com muitas outras transgressões dos teus deveres. Ainda bem se com o correr dos anos tivesses melhorado o teu procedimento, mas não: juntamente com a idade, aumentou em ti, infelizmente, também o desprezo à minha lei. Missas perdidas, profanação dos dias santos, blasfêmias, jejuns não observados, confissões mal feitas, comunhões às vezes sacrílegas, escândalos dados aos companheiros: eis o que fizeste em vez de servir-me.

Voltar-se-á para o escandaloso, cheio de indignação, dizendo: “Vês aquela alma que caminha pela estrada do pecado? Foste tu, com as tuas conversas imorais, que lhe ensinaste a malícia. Tu, como cristão que és, devias ensinar com o bom exemplo o caminho do céu aos teus companheiros. Pelo contrário, traíndo o meu sangue, lhes ensinaste o caminho da perdição. Vês aquela alma no inferno? Foste tu com teus pérfidos conselhos que a arrancaste de mim para entregá-la ao demônio. Foste tu a causa da sua eterna perdição. Agora pague a tua alma por aquela outra que deitaste a perder com o teu escândalo : *Repetam animam tuam pro anima illius*”.

Que te parece, meu filho, deste exame? Que te diz a consciência? Estás ainda em tempo, se quiseres: pede a Deus perdão de teus pecados e faze um sincero propósito de não tornar a pecar. Começa desde hoje uma vida de bom cristão, preparando-te assim um tesouro de boas obras para o dia em que deverás comparecer perante o tribunal de Jesus Cristo.

3. À vista das rigorosas contas que o juiz supremo exige do pecador, tentará este aduzir alguma desculpa ou pretexto, dizendo que não sabia que deveria ser submetido a um exame tão rigoroso. Mas receberá esta resposta: “E não ouviste aquele sermão e aquela explicação do catecismo? Não leste naquele livro que eu haveria de pedir rigorosas contas de tudo?” O infeliz então se encomendará à misericórdia divina; mas a misericórdia não é mais para ele, porque não merece misericórdia quem por tanto tempo dela abusou e porque na morte termina o tempo da misericórdia. Recomendar-se-á aos anjos, aos santos, a Maria Santíssima; e Maria responderá por todos: “Agora é que pedes o meu auxílio? Não me quiseste por mãe durante a vida e agora já não te quero por filho; já não te conheço: *nescio vos*”.

Então o pecador, não encontrando mais nenhum refúgio, gritará às montanhas, aos rochedos que o cubram e eles não se moverão. Invocará o inferno e vê-lo-á aberto: *Inferius horrendum chaos*. Esse é o momento em que o inexorável juiz proferirá a tremenda sentença: “Filho infiel, dirá, para longe de mim. Meu Pai celeste te amaldiçoou: eu também te amaldiçoou. Vai para o fogo eterno a gemer e sofrer com os demônios por toda a eternidade: *Ite maledicti in ignem aeternum* [Mt 25,41]. Proferidas essas palavras, a alma é abandonada às mãos dos demônios, os quais a arrastam, espancam e fazem

precipitar naqueles abismos de penas, de miséria e de tormentos eternos. Não temas para ti sentença semelhante?

Ah! por amor de Jesus e de Maria, prepara com boas obras uma sentença favorável e lembra-te de como é terrível a sentença proferida contra o pecador, igualmente consolador será o convite que há de dirigir Jesus a quem viveu cristãmente. “Vem, dirá, vem para a posse da glória, que te preparei. Tu me serviste com fidelidade no breve tempo de tua vida; agora gozarás eternamente”. *Intra in gaudium Domini tui* [Mt 25,21]. Meu Jesus, concede-me a graça de poder ser também eu um desses bem-aventurados. Virgem Santíssima, ajudai-me; protegei-me na vida e na morte e especialmente quando me apresentar ao vosso divino Filho para ser julgado.

Quinta-feira: O inferno

1. O inferno é um lugar destinado pela justiça divina para punir com suplícios eternos os que morrem em pecado mortal. A primeira pena que os condenados sofrem no inferno é a pena dos sentidos: são atormentados por um fogo que queima horrivelmente, sem nunca diminuir de intensidade. Fogo nos olhos, fogo na boca, fogo em todas as partes. Cada sentido sofre a própria pena; os olhos sofrem pela fumaça e pelas trevas e são aterrados pela vista dos demônios e dos outros condenados. Os ouvidos, dia e noite, só escutam contínuos uivos, prantos e blasfêmias. O olfato sofre enormemente pelo mau cheiro daquele enxofre e piche ardente que o sufoca. A boca é atormentada por sede devoradora e fome canina: *Et famem patientur ut canes*. O rico malvado, no meio daqueles tormentos, ergueu o olhar ao céu e pediu como grande graça, uma gotinha de água para mitigar a secura de sua língua, e até essa gota de água lhe foi negada. Por isso, aqueles infelizes, requeimados de sede, devorados pelas chamas, atormentados pelo fogo, choram, gritam e se desesperam. Oh! inferno, inferno! Como são infelizes os que caem nos teus abismos! E tu que dizes, meu filho? Se agora não podes conservar um dedo sobre a pequena chama de uma vela, se não podes aguentar uma pequena faísca de fogo na mão sem gritar, como poderás aguentar-te então entre aquelas chamas por toda a eternidade?

2. Considera, além disso, meu filho, o remorso que experimenta a consciência dos condenados. Eles padecerão continuamente o motivo da sua perdição, isto é, por terem querido satisfazer alguma paixão. Esta lembrança é o verme que nunca morre: *Vermis eorum non moritur*. Recordarão o tempo que Deus lhes deu para evitar a perdição, os bons exemplos dos companheiros, os propósitos feitos e não cumpridos. Pensarão nos sermões ouvidos, nas recomendações do confessor, nas boas inspirações para deixar o pecado; vendo que

já não há remédio, gritarão desesperadamente. A vontade nada terá do que deseja, ao contrário, padecerá todos os males. A inteligência conhecerá finalmente o grande bem que perdeu. A alma separada do corpo, ao apresentar-se no tribunal divino, entrevê a beleza de Deus, conhece toda a sua bondade, chega quase a contemplar por um instante o esplendor do paraíso, ouve talvez também os cantos harmoniosos dos anjos e dos santos. Que dor verificar que perdeu tudo isso para sempre! Quem poderá resistir a tais tormentos?

3. Meu filho, tu que agora não te importas de perder o teu Deus e o paraíso, conhecerás a tua cegueira quando vires tantos companheiros teus, mais ignorantes e mais pobres do que tu, triunfarem e gozarem no reino dos céus, ao passo que tu serás arrojado para longe daquela pátria feliz, do gozo do mesmo Deus, da companhia da Santíssima Virgem e dos santos. Vamos, pois, faze penitência, não esperes para quando não houver mais tempo: entrega-te a Deus. Quem sabe se não é este o último chamado e, se não corresponderes, quem sabe se Deus não te abandona e não te deixa cair naqueles eternos suplícios! Oh! meu Jesus, livrai-me do inferno: *A poenis inferni, libera me, Domine!*

Sexta-feira: A eternidade das penas

1. Considera, meu filho, que se fores para o inferno, nunca mais sairás dali. Lá se sofrem todas as penas, e todas para sempre. Passarão cem anos desde que caíste no inferno, passarão mil, e o inferno estará ainda em seu começo; passarão cem mil, cem milhões, passarão mil milhões de séculos, e o inferno terá apenas iniciado. Se um anjo levasse aos condenados a notícia de que Deus os quer libertar do inferno depois de passados tantos milhões de séculos quantas são as gotas de água do mar, as folhas das árvores e os grãos de areia da terra, esta notícia lhes causaria a maior satisfação. Em verdade, diriam, que devem passar ainda tantos séculos, mas um dia hão de acabar. Pelo contrário, passarão todos esses séculos e todos os tempos que se possam imaginar, e o inferno estará sempre no princípio. Todos os condenados fariam de boa vontade com Deus o seguinte pacto: “Senhor, aumentai quanto quiserdes o meu suplício; deixai-me nestes tormentos por quanto tempo vossa vontade decidir, contanto que me deis a esperança de que um dia vão acabar”. Mas nada: esta esperança, esse dia nunca chegará.

Se pelo menos o pobre condenado pudesse enganar-se a si mesmo e iludir-se dizendo: Quem sabe, um dia talvez Deus terá piedade de mim e me arrancará deste abismo! Mas não, nem isto: verá sempre escrita diante de si a sentença de sua eternidade infeliz. Pois então, irá ele dizendo, todas estas penas, este fogo, estes gritos nunca mais acabarão para mim? Não, lhe será respondido, não, nunca! E durarão para sempre? Sempre, por toda a eternidade!

Sempre, verá escrito nas chamas que queimam; sempre, na ponta das espadas que o transpassam; sempre, nos demônios que o atormentam; sempre, nas portas eternamente fechadas para ele. Oh! eternidade! Oh! abismo sem fundo! Oh! mar sem praias! Oh! caverna sem saída! Quem não tremerá ao pensar em ti? Maldito pecado! Que tremendos suplícios preparas para quem te comete! Ah! nunca mais, nunca mais pecarei durante a minha vida.

2. Mas o que deve encher de pavor é pensar que aquela horrível fornalha está sempre aberta debaixo de teus pés e que é suficiente um só pecado mortal para te lançar nela. Compreendes bem, meu filho, o que estás lendo? Uma pena eterna por um só pecado mortal que cometes com tanta facilidade. Uma blasfêmia, uma profanação dos dias santos, um furto, um ódio, uma palavra, um ato, um pensamento impuro basta para seres condenado às penas do inferno. Oh! meu filho, escuta o meu conselho: se a consciência te acusa de algum pecado, vai depressa confessar-te para começar uma vida boa. Põe em prática todos os meios que te indicar o confessor. Se for necessário, faz uma confissão geral. Promete que hás de fugir das ocasiões perigosas, dos maus companheiros, e se Deus te indicar até que deves deixar o mundo, segue logo a sua voz. Tudo que se fizer para evitar uma eternidade de tormentos, é pouco, é nada: *Nulla nimia securitas, ubi periclitatur aeternitas* (São Bernardo). Oh! quantos na flor da idade abandonaram o mundo, a pátria, os parentes, e foram viver isolados nas cavernas, nos desertos, alimentando-se somente de pão e água, e às vezes só de raízes, e tudo isto para evitar o inferno! E tu, que fazes, depois de tantas vezes que mereceste o inferno com o pecado? Que fazes? Lança-te aos pés do teu Deus e dize-lhe: Senhor, estou pronto a fazer o que vós quiserdes: nunca mais hei de pecar em minha vida; por demais já vos tenho ofendido; mandai-me todos os sofrimentos que quiserdes durante esta vida, contanto que eu possa salvar a minha alma.

Sábado: O paraíso

1. Se muito nos apavora o pensamento e a consideração do inferno, igualmente nos consola a lembrança do paraíso, preparado por Deus para todos os que o amam e o servem durante esta vida. Para que possas fazer dele uma ideia, contempla uma noite serena. Como é belo ver o céu com aquela multidão e variedade de estrelas! Umhas menores, outras maiores: enquanto umas despontam no horizonte, outras estão prestes a desaparecer; todas, porém, com boa ordem e segundo a vontade do seu Criador. Acrescenta a isso a visão de um belo dia, mas de tal forma que o esplendor do sol não ofusque a claridade das estrelas e da lua. Supõe, além disso, ter à mão tudo o que de belo se pode encontrar no mar, na terra, nos povoados, nas cidades, nos palácios

dos reis e dos monarcas do mundo inteiro. Junta a isso as bebidas mais delicadas, os alimentos mais saborosos, a música mais doce, a harmonia mais suave. Pois bem: tudo isso junto não é nada em comparação da excelência dos bens, dos gozos do paraíso. Oh! como bem merece ser desejado e ardentemente amado aquele lugar onde se goza de todos os bens! O bem-aventurado não poderá deixar de exclamar: estou saciado da glória do Senhor: *Satiabor cum apparuerit gloria tua*.

2. Considera, além disso, o gozo que inundará a tua alma ao entrares no paraíso. O encontro, o acolhimento dos parentes e dos amigos; a nobreza, a beleza dos querubins, dos serafins, de todos os anjos e de todos os santos, que aos milhões e milhões louvam o Criador; o coro dos apóstolos, a multidão imensa dos mártires, dos confessores, das virgens. Há também um exército enorme de jovens que por terem conservado a virtude da pureza cantam a Deus um hino que só eles podem entoar. Oh! quanto gozam naquele reino os bem-aventurados! Sempre mergulhados na alegria, sem a menor doença, sem desgostos e preocupações que perturbem a sua paz e o seu gozo!

3. Considera, além disso, meu filho, que todos os bens até aqui enumerados são um nada em comparação do grande prazer que se experimenta na visão de Deus. Ele alegra os bem-aventurados com o seu olhar amorável e derrama nos seus corações um mar de delícias. Da mesma forma que o sol ilumina e embeleza o mundo inteiro, assim Deus com a sua presença ilumina todo o paraíso e enche os seus felizes habitantes de gozos inefáveis. Nele hás de ver como num espelho todas as coisas, gozarás de todos os prazeres da mente e do coração. São Pedro no Monte Tabor, por ter visto uma só vez o rosto de Jesus radiante de luz, ficou repleto de tanta doçura que exclamou fora de si: “Senhor, é bom para nós ficarmos aqui: *Bonum est nos hic esse*”. E lá teria ficado para sempre. Que prazer não será, pois, contemplar, não por um instante, mas para sempre, para sempre gozar desse rosto divino que enleva os anjos e os santos e que embeleza todo o paraíso! E a beleza e amabilidade de Maria, de que prazer deve também encher o coração do bem-aventurado! Oh! sim! Como são amáveis os teus tabernáculos, ó Senhor! *Quam dilecta tabernacula tua, Domine virtutum!* Por isso, os coros dos anjos e dos bem-aventurados cantam a sua glória dizendo: “Santo, santo, santo é o Senhor Deus dos exércitos. A ele seja dada honra e glória por todos os séculos”.

Coragem, pois, meu filho; neste mundo terás que sofrer alguma coisa, mas não importa: o prêmio que hás de receber no céu compensará infinitamente todos os teus sofrimentos. Que consolação não será a tua quando te encontrares no céu na companhia dos parentes, dos amigos, dos santos, dos bem-aventurados e exclamares: Estou salvo e estarei sempre com Deus: *Semper cum Domino erimus*. Então é que haverás deabençoar a hora em que

abandonaste o pecado, a hora em que fizeste aquela boa confissão e começaste a frequentar os sacramentos, o dia em que deixaste os maus companheiros e te entregaste à virtude. E cheio de gratidão te voltarás para o teu Deus e cantarás seus louvores e sua glória por todos os séculos. Assim seja.

Devoção a Maria Santíssima

Um grande sustentáculo para vós, meus queridos filhos, é a devoção a Maria Santíssima. Ouvi como ela vos convida: *Si quis est parvulus, veniat ad me*: quem for pequenino, venha a mim. Se fordes seus devotos, além da abundância das suas bênçãos neste mundo, ela vos garante o paraíso na outra vida. *Qui elucidant me, vitam aeternam habebunt*. Tende, pois, a mais íntima convicção de que obtereis todas as graças desta boa mãe, contanto que não peçais coisas que resultem em vosso dano. Deveis pedir-lhe com instância particularmente três graças que são necessárias para todos, mas especialmente para vós, meus caros jovens.

A primeira é a de *não cometerdes nunca nenhum pecado mortal durante a vossa vida*. Sabeis o que significa cair em pecado mortal? Quer dizer ficar suspenso por subtilíssimo fio sobre a boca do inferno. Quer dizer fazer enorme ofensa a uma bondade infinita: é este o maior mal que se possa imaginar. Oh! sim, por mais favores que vos obtenha Maria, seriam todos inúteis sem esta graça de não cair nunca em pecado mortal. Esta é a graça que deveis pedir de manhã e à noite e em todas as vossas práticas de piedade.

A segunda graça que deveis pedir a Nossa Senhora é a de *poder conservar a preciosa virtude da pureza*. O jovem que a conserva tem a maior semelhança com os anjos do céu, pelo que o seu Anjo da Guarda o considera como irmão e se alegra grandemente com a sua companhia.

Como me está muito a peito que todos conserveis esta bela virtude, indico-vos alguns meios para preservá-la do veneno que a poderia contaminar. Antes de tudo, evitai a companhia de pessoas de outro sexo. Entendamo-nos: quero dizer que os meninos nunca devem contrair familiaridade com as meninas: do contrário, esta bela virtude se acharia em grande perigo. A guarda dos sentidos contribui também muitíssimo para a conservação desta bela virtude. Evitai, portanto, todo excesso no comer e no beber. Evitai os teatros, os bailes e semelhantes diversões, que são a ruína dos bons costumes.

Mas guardai principalmente os olhos, que são as janelas pelas quais o pecado entra no nosso coração e o demônio vem tomar posse da nossa alma. Nunca vos detenhais a olhar para coisas contrárias à modéstia, por pequenas que sejam. São Luís Gonzaga nem queria que lhe vissem os pés quando se deitava ou quando se levantava. Não se permitia fixar o rosto da própria mãe.

Por duas vezes estive com a rainha da Espanha como pajem de honra e nunca a olhou no rosto.

Outro menino, sendo interrogado por que era tão recatado na vista, respondeu: tomei a resolução de não fitar nunca o rosto de uma mulher, a fim de reservar os meus olhos para fixar pela primeira vez (se não for indigno) o rosto formosíssimo da mãe da pureza, Maria Santíssima.

A terceira graça que deveis implorar solicitamente da Virgem Imaculada é de poderdes andar sempre afastados da companhia dos que têm más conversas, isto é, conversas que não se fariam na presença de vossos pais ou de alguma pessoa de respeito. Fugi dessa gente, mesmo que se trate de vossos parentes. Posso garantir-vos que às vezes é mais prejudicial a companhia deles do que a de um demônio. Felizes vós, meus caros filhos, se fugirdes da companhia dos maus! Então estareis certos de que trilhais o caminho do céu; do contrário, correreis grande perigo de perder-vos para sempre.

Por isso, quando virdes companheiros vossos proferir blasfêmias, desprezar as práticas religiosas para afastar-vos da Igreja ou, pior ainda, dizer palavras contrárias à virtude da pureza, por pouco que sejam, fugi deles como da peste. Ficai certos de que quanto mais puros forem os vossos olhares e vossas conversas, tanto mais Maria se comprazerá em vós e maiores graças vos alcançará de seu Filho e nosso Redentor Jesus Cristo.

São estas as três graças mais necessárias na vossa idade; e as alcançareis com certeza de Nossa Senhora, se fordes sempre seus devotos sinceros, rezando todos os dias o santo terço ou pelo menos três *Ave-Marias* e três *Glória*, com a jaculatória *Querida mãe Virgem Maria, fazei que eu salve a minha alma*.

Com essas três graças andareis desde agora pelo caminho que vos há de tornar homens honrados na idade madura. Mediante essas graças tereis também o penhor certo da felicidade eterna, que Maria Santíssima há de alcançar infalivelmente para os seus devotos.

Os seis domingos e a novena de São Luís Gonzaga

São Luís é proposto como modelo de inocência e de virtude a todas as pessoas, mas especialmente à juventude, em favor da qual ele já alcançou de Deus muitas graças.

Os sumos pontífices, a fim de aumentar o culto deste grande santo, concederam a todos os que em sua honra santificarem seis domingos conse-

cutivos (antes ou depois da festa, ou no decorrer do ano), indulgência plenária para cada domingo, contanto que, tendo confessado e recebido a comunhão, façam piedosas meditações ou orações vocais ou outras práticas de piedade. Estas indulgências são também aplicáveis às almas do purgatório. E para que todos vós conheçais as obras e as orações que se devem praticar, aqui seguem algumas práticas de piedade que poderão servir para celebrar os domingos e a novena de São Luís, e assim participar das graças e dos favores que continuamente ele alcança de Deus em favor dos seus devotos.

Primeiro domingo – Primeiro dia da novena: São Luís chora os seus pecados

Embora se possa afirmar que São Luís nunca cometeu algum pecado deliberado, contudo, chorou amargamente o que ele considerava ter sido ofensa a Deus: era que, na idade de quatro a cinco anos, tomou um pouco de pólvora de alguns soldados de seu pai para disparar uma pequena peça de artilharia, e proferiu algumas palavras inconvenientes. Por esse motivo, ele chorou durante toda a sua vida; quando se confessou pela primeira vez, desmaiou aos pés do confessor; nem podia recordar-se disso sem derramar lágrimas. Até mesmo as rigorosas penitências, as duras mortificações, os austeros e longos jejuns eram-lhe inspirados, não só pelo amor de Deus, mas também pelo desejo de castigar o seu corpo por aquelas faltas cometidas na sua tenra idade.

Que confusão para nós que cometemos tantos e tão graves pecados e, entretanto, rimos disso sem dar nenhum sinal de arrependimento! Ah! se considerássemos que um só pecado ofende a um Deus de bondade infinita, que o pecado mortal nos torna indignos do paraíso, onde se gozam todos os bens, e nos torna merecedores do inferno, lugar de todos os males, diante dessa consideração, quem poderia conter as lágrimas? Era este pensamento que fazia chorar a São Luís.

Jaculatória

Meu amável protetor, que tínheis tão poucos motivos para chorar e, contudo, chorastes com lágrimas tão amargas e prolongadas, fazei com que eu chore as minhas culpas e as deteste, e assim obtenha de Deus o perdão.

Prática

Se julgais que a vossa consciência é culpada de algum pecado, pedi sinceramente perdão a Deus, prometendo confessar-vos o mais breve possível.

Oração

Ó São Luís, adornado de angélicos costumes, eu, vosso indigno devoto, recomendo-vos singularmente a castidade da minha alma e do meu corpo. Rogo-vos por vossa angélica pureza que intercedais por mim diante

do Cordeiro Imaculado, Cristo Jesus, e sua Santíssima Mãe, a Virgem das virgens, e me preserveis de todo o pecado mortal. Não permitais que eu seja manchado com a mínima nódoa da impureza; mas, quando me virdes em tentação ou perigo de pecar, afastai do meu coração todos os pensamentos e afetos impuros, e despertando em mim a lembrança da eternidade e de Jesus Crucificado, imprimi profundamente no meu coração o sentimento do santo temor de Deus e inflamai-me no amor divino, para que, imitando-vos cá na terra, mereça gozar de Deus convosco lá no céu. Assim seja.

Seis *Pai-nossos*, seis *Ave-Marias* e seis *Glória* etc.

Segundo domingo – Segundo dia da novena: Penitências de São Luís

A vida de São Luís é um conjunto das virtudes mais puras, que ele conservou e aperfeiçoou mediante as mais rígidas penitências. Quando ainda criança, mortificava o corpo inocente com prolongados jejuns. Chegou a reduzir o seu alimento ao peso de 28 gramas por dia. Flagelava-se até derramar sangue; punha entre os lençóis pedacinhos de madeira para sofrer também durante o sono. Não podendo ter cilícios, trazia ocultamente por baixo de sua roupa esporas de cavalo; procurava o que lhe fosse mais incômodo, quer estando em pé, quer sentado ou andando. Foi tão grande em São Luís este desejo de fazer penitência que, estando para morrer, pediu entre lágrimas ao seu superior lhe permitisse naquela hora extrema ser açoitado sem compaixão, da cabeça aos pés. E não o conseguindo, suplicou que ao menos o deitassem sobre a terra nua, para assim morrer como verdadeiro penitente, por amor daquele que tinha por ele morrido sobre o duro lenho da Cruz.

São Luís, príncipe delicado e de compleição fraca, puro e inocente, fazia tanta penitência. Que confusão não devem experimentar aqueles jovens que buscam mil pretextos para evitar toda ocasião de mortificar o corpo ou fazer alguma abstinência por amor daquele Deus que tanto sofreu por nós!

Jaculatória

Glorioso São Luís, alcançai-me um vivo desejo de fazer penitência dos meus pecados, para que não me aconteça a desgraça de ter que descontá-los na outra vida, nos tormentos do inferno ou do purgatório.

Prática

Não deixeis a penitência para a velhice, quando as forças já não a comportam. E a quem vos disser que não convém usar de tanto rigor contra o nosso corpo, respondei: quem não quer padecer com Jesus Cristo na terra, não poderá gozar com Jesus Cristo no céu.

Oração: Ó São Luís etc.

Terceiro domingo – Terceiro dia da novena: São Luís modelo da virtude da pureza

São Luís praticou todas as virtudes até o heroísmo; mas a virtude da pureza resplandece nele mais do que todas as outras. Costumavam chamá-lo de anjinho, anjo em carne, jovem angélico. Quando em alguma reunião se faziam conversas menos puras, apenas aparecia Luís, ninguém mais se atrevia a continuar, receando ofender a sua modéstia e o seu candor. Convém notar, porém, que, para conservar tão bela virtude, ele guardava com muito cuidado todos os sentidos externos, especialmente os olhos. Uma vez em Chieri, tendo sido convidado para dançar, fugiu espantado e foi se esconder num quarto a rezar e se açoitara até derramar sangue. Contava apenas 10 anos de idade quando, tendo conhecido o grande valor desta virtude, ofereceu-a com voto à Rainha das Virgens, Maria Santíssima, na igreja de Nossa Senhora da Anunciação, em Florença. E Maria, para mostrar-lhe com quanto agrado tinha recebido aquele voto, alcançou-lhe a graça de nunca experimentar nenhuma tentação contra esta virtude, oferecendo-lhe assim a glória de levar para a outra vida, sem mancha nenhuma, a inocência batismal.

Meus meninos, se também vós quereis conservar esta virtude, que vos torna tão agradáveis a Deus, à Bem-aventurada Virgem e a todos os anjos, tomai São Luís por modelo, colocai-vos com ele sob a proteção especial de Maria Santíssima e ela será a guarda fiel da vossa pureza. Oh! que predileção especial tem ela para com as almas puras e castas! Quantas graças lhes concede! Mas esta virtude não se pode conservar sem fugir do ócio, que é pai de todos os vícios, sem evitar os maus companheiros e sem guardar os sentidos do corpo, especialmente os olhos.

Jaculatória

Fazei, ó São Luís, que eu possa fugir como da peste, do ócio e dos companheiros que com suas conversas obscenas buscam a ruína da minha alma.

Prática

Tomai a resolução de nunca mais fitar objetos perigosos e de não falar de coisas contrárias à virtude da pureza.

Oração: Ó São Luís, etc.

Quarto domingo – Quarto dia da novena: São Luís desapegado dos bens do mundo

São Luís considerou todos os bens da terra como coisas de nenhuma importância. Lia com espanto estas palavras do Salvador: é mais fácil uma corda grossa passar pelo fundo de uma agulha, do que um rico se salvar. Por isso, compadecia-se dos ricos e grandes do mundo que vão atrás de bens tão

desprezíveis e passageiros, e muitas vezes, por um pouco de dinheiro ou por um palmo de terra, perdem a felicidade eterna. Desprezava todo o respeito humano e, apesar de ter sido muitas vezes ridicularizado e desprezado, deixava que cada um pensasse como melhor entendesse e se mantinha constante na prática do que se refere à glória de Deus e à salvação da alma. Dado que em meio às grandezas e riquezas, o seu coração estava em perigo de apegar-se aos bens da terra, renunciou ao principado, deixou os parentes e os amigos, e depois de muitas contrariedades por parte de uns e de outros, abraçou o estado religioso, no qual atingiu o mais alto grau de perfeição cristã.

Se quisermos também nós desapegar o nosso coração das vaidades do mundo e tomar gosto pelas coisas de Deus, comecemos por desprezar os bens da terra, como espinhos e laços funestos que nos impedem de alcançar a nossa salvação, e apreciemos somente o que nos pode levar à felicidade eterna, dizendo com São Luís: o que não é eterno, não é nada: *Quod aeternum non est, nihil est*. Alcançaremos facilmente este fim se, desprezando todo o respeito humano, cuidarmos com diligência do que se refere à honra de Deus, especialmente recebendo com frequência os sacramentos da confissão e da comunhão, que são os dois meios mais eficazes para desapegar o nosso coração das coisas terrenas e abrasá-lo no amor das coisas do Céu.

Jaculatória

Amabilíssimo São Luís, pela íntima união que tivestes com Deus, alcançai-me que de agora em diante o meu coração se dirija somente às coisas do céu e considere como desprezíveis as da terra.

Prática

Tomemos hoje a resolução de frequentar, o mais que for possível, os sacramentos da confissão e da comunhão, e de praticar os conselhos do confessor.

Oração: Ó São Luís etc.

Quinto domingo – Quinto dia da novena: Amor de São Luís para com Deus

São Luís foi um verdadeiro serafim no amor para com Deus. De tal modo se abrasava nesse amor, que só de pensar ou ouvir falar das coisas de Deus, quase desmaiava. Era extraordinário o seu amor para com Jesus Crucificado. Toda a vez que alguém o desprezava, que sofria dores de cabeça ou outros incômodos de saúde, ficava satisfeitíssimo e desejava padecer ainda mais por amor de Deus. Como foi grande a sua ternura para com Jesus Sacramentado! Passava diversas horas por dia diante do altar do Santíssimo

Sacramento. Quando ainda menino, levava três dias em preparar-se à comunhão e outros três em ação de graças.

Já mais adulto, aproximava-se todos os dias da sagrada comunhão e sempre com grande fervor e recolhimento. E ao receber a sagrada hóstia, desfazia-se em lágrimas e delíquios, de tal forma que muitas vezes não tinha mais forças para se levantar.

Donde provém que nós temos tão pouco prazer nas coisas espirituais? Provém de que o nosso coração tem pouco amor a Jesus Crucificado e nos aproximamos muito raras vezes da sagrada comunhão, ou de a recebermos indignamente, com o coração cheio de afetos mundanos. Do contrário, seria impossível aproximarmo-nos destas duas inexauríveis chamas do amor de Deus, sem nos sentirmos também nós inflamados e sem experimentarmos conforto e contentamento. Por isso, no futuro, aproximemo-nos de Jesus com o coração inflamado de viva caridade e com atos fervorosos de fé, de esperança e de dor. Experimentaremos então também nós as consolações que experimentava São Luís.

Jaculatória

Ó grande serafim de amor, fazei com que, no futuro, só queira amar e servir a Deus.

Prática

Procurai rezar as orações da manhã e da noite diante da imagem de Jesus Crucificado e beijai-a frequentemente. Os sumos pontífices concederam muitas indulgências a quem beija o crucifixo. Se vos for possível, fazei alguma visita a Jesus Sacramentado, especialmente onde houver exposição das *Quarenta Horas*.

Oração: Ó São Luís etc.

Sexto domingo – Sexto dia da novena: Caridade de São Luís para com o próximo

O amor que temos ao próximo é a medida do nosso amor a Deus. São Luís não somente tinha entranhas de caridade para com o próximo, mas sabia admiravelmente suportar seus defeitos. Desde menino, era tão paciente em sofrer os insultos, o desprezo e as grosserias dos companheiros, que, longe de mostrar-se ofendido, alegrava-se com isso, e quem mais o desprezava, era justamente quem mais ele estimava. Já então tinha aprendido e meditado as palavras do Evangelho: dai o supérfluo aos pobres. Por isso, alegrava-se em dar aos pobres, não só o supérfluo, mas também em privar-se das coisas que mais estimava, para dá-las aos necessitados. Quando sabia que algum pobre batia

à porta, corria logo para ver, e todo apressado, ia ter com a marquesa sua mãe para pedir-lhe alguma coisa; em seguida, fazia questão de ele mesmo entregar a esmola nas mãos do mendigo.

Muito mais ardente era a sua caridade para com as necessidades espirituais do próximo. Quando ainda no mundo, ia às igrejas ensinar o catecismo aos ignorantes, corrigia seus modos e procurava acalmá-los nas brigas e discórdias. Depois de religioso, percorria a cidade de Roma para instruir os mendigos; conduzia-os a algum confessor para serem absolvidos de suas culpas e assim alcançar a graça de Deus. Não tendo mais nada para oferecer a Deus em favor do próximo a não ser a própria vida, ofereceu-a generosamente a ele. Assim, numa epidemia que grassou em Roma, conseguiu ir prestar seus serviços aos empestados; quanto mais repugnantes eram as pessoas atacadas do mal, com tanto maior prazer Luís se prestava a servi-las. Com uma sacola às costas, andava pela cidade de porta em porta, pedindo esmola; voltava depois ao hospital, para socorrer aqueles infelizes, aos quais prestava os mais humildes serviços.

Também nós, queridos jovens, podemos imitar esse grande santo nas obras de caridade, suportando os defeitos de nossos companheiros e perdoadando quando nos ofenderem. Esta caridade, porém, será muito maior, se lhes ensinarmos as verdades de fé ou se ao menos os levarmos a lugares onde possam ser instruídos. Quantas almas podemos afastar do caminho da perdição e reconduzir ao caminho que as levará à salvação! E então, quantas graças São Luís nos alcançará de Deus.

Jaculatória

Amabilíssimo São Luís, inflamai o meu coração no verdadeiro amor do próximo, para que em mim cresça cada vez mais o amor de Deus.

Prática

Conduzi algum companheiro a ouvir a palavra de Deus ou a receber o sacramento da confissão.

Oração: Ó São Luís etc.

Três considerações que servem para completar a novena de São Luís

Sétimo dia: São Luís deu-se desde cedo a Deus

Geralmente só se aprecia o valor da graça divina depois de tê-la perdido. Muitos há que devem remediar o passado, chorando os pecados cometidos.

Isso não aconteceu com São Luís. Apenas pôde conhecer a Deus, começou logo a amá-lo. Suas primeiras palavras foram os nomes dulcíssimos de Jesus e de Maria; suas primeiras inclinações foram para a piedade; seus primeiros entretenimentos foram exercícios de sincera devoção: nesse teor de vida continuou até à morte. Este meu filho, afirmou sua mãe, foi sempre um anjinho. Desde a idade de sete anos até a morte, sempre levou uma vida virtuosa, uma vida angélica e foi um verdadeiro modelo de santidade.

Deus se compraz de modo todo especial em ser servido por nós no tempo da nossa juventude. “Meus filhos, diz-nos ele, lembrai-vos de mim nos primeiros anos de vossa vida” (Ecl 12,1). Dai a mim as primícias; não deis ao demônio os vossos anos mais belos, para reservar a mim somente os restos de uma vida de pecado.

São Luís ouviu esta voz e Deus o cumulou de tantas graças que se tornou um grande santo. Se para entregar-se a Deus tivesse esperado até a idade avançada, sem dúvida não teria adquirido tão eminente grau de santidade, pois morreu muito moço, e talvez nem teria salvado a sua alma.

Por que então não haveis de consagrar a Deus este tempo da vossa juventude, que ele tanto aprecia? Por que adiar de dia para dia a decisão de abandonar o pecado e começar uma vida verdadeiramente cristã? Todos os que estão agora no inferno tinham a intenção de entregar-se “mais tarde” a Deus; mas a morte surpreendeu-os antes do que imaginavam e eles se perderam para sempre; agora, entre aquelas chamas, eles gritam: fomos insensatos, nós nos enganamos: *nos insensati erravimus*.

Jaculatória

Ó glorioso São Luís, fazei que eu chore o tempo perdido e que possa empregar no serviço de Deus todo o tempo que ele ainda me conceder.

Prática

Fugi do ócio, que é a causa funesta de tantos pecados, e comecei hoje mesmo uma nova vida do agrado de Nosso Senhor.

Oração: Ó São Luís etc.

Oitavo dia: São Luís, modelo de oração

É preciso dizer que os dons e as sublimes virtudes de São Luís eram também fruto da sua oração. Iluminado por Deus, bem sabia que tudo o que lhe pedimos em proveito da nossa alma nos será concedido: *Petite et accipietis*. [Lc 11,9]

Logo que pôde articular algumas palavras devotas sugeridas por sua mãe, tomou nisto grande gosto. Aos quatro anos, afastava-se da companhia

dos outros, e quando o procuravam, iam encontrá-lo escondido em algum lugar, de joelhos no chão, com as suas mãozinhas juntas diante do peito, a rezar fervorosamente; embora chamado em altas vozes, com dificuldade ouvia o que lhe diziam, tanto era o prazer que experimentava em entreter-se com Deus. Muitas vezes também durante a noite se levantava da cama e no rigor do inverno ficava muitas horas em oração. Este sistema de vida aperfeiçoou-se cada vez mais, à medida que crescia em idade e lhe alcançou do céu o extraordinário privilégio de não sofrer distrações nas suas orações. Era até preciso fazer grande violência a si mesmo para abandonar a oração. Desse modo conquistou esse grau sublime de santidade que se pode quase dizer não haver outro igual.

Procuremos também nós adquirir este espírito de oração. Em todas as nossas necessidades, nas tribulações, nas desgraças, ao emprendermos alguma coisa difícil, não deixemos nunca de recorrer a Deus. Mas recorramos especialmente a ele com confiança nas necessidades da alma, e com certeza seremos atendidos. Peçamos também a Nosso Senhor que nos faça conhecer em que estado de vida ele quer que o sirvamos, para podermos empregar bem o tempo que nos concede e do qual depende a nossa salvação eterna.

Jaculatória

Glorioso São Luís, alcançai-me uma centelha do vosso fervor e aumentai em mim o espírito de oração e de devoção.

Prática

De ora em diante esforçai-vos em rezar sempre com devoção e recolhimento as orações da manhã e da noite.

Oração: Ó São Luís etc.

Nono dia: Preciosa morte de São Luís

O que mais nos pode perturbar em ponto de morte são especialmente os pecados da vida passada e o temor dos divinos castigos na outra vida. Nada disso podia temer São Luís: sua vida foi um contínuo pensamento da morte, que ele considerava como o único meio para terminar o exílio desta vida e entrar na posse dos bens celestes. Depois de tantos jejuns, depois de tão duras e austeras mortificações, de tão contínuas meditações e orações, enfim, depois de uma vida realmente angélica como a dele, o que poderia ainda reechar? Foi por isso que, ao receber a notícia que estava próxima a sua morte, cantou o *Tē Deum*, e radiante de alegria andava repetindo: *Laetantes imus*. Deus lhe revelou o instante de sua morte, e depois de ter gozado da glória do paraíso no êx-

tase que durou uma noite e que a ele pareceu durar um instante, prometendo a todos os que lhe estavam em derredor que haveria de transmitir seus recados a Deus, a Maria Santíssima e aos outros santos, beijando a Jesus Crucificado, placidamente expirou. Que bela morte!

Agrada-vos sem dúvida a preciosa morte de São Luís. Pois bem, igual será também a nossa, se assim quisermos. Lembremo-nos, porém, de que na hora da morte recolhe-se o que semeamos no decurso da vida. Se tivermos feito boas obras, felizes de nós: a morte nos será um consolo e nos estará aberto o paraíso para sempre. Diversamente, ai de nós! Em ponto de morte teremos diante de nós remorsos de consciência e o inferno que nos espera: *Quae enim seminaverit homo, haec et metet.*

Jaculatória

Glorioso São Luís, alcançai-me a graça de viver como bom cristão para ter uma santa morte.

Prática

Todas as noites pensai qual seria a vossa sorte se tivésseis que morrer naquela noite.

Oração: Ó São Luís etc.

Festa de São Luís: Glória de São Luís no céu

A glória de que uma alma goza no céu avalia-se especialmente pela inocência de sua vida, pela penitência e pela caridade. Essas virtudes refulgiram em São Luís de modo extraordinário. Nada se descobre em toda a sua vida que se possa dizer com certeza uma falta deliberada. Apenas chegou ao uso da razão, entregou-se de todo o coração a Deus para amá-lo. À sua inocência andou unida uma penitência muito rigorosa. Ora, se no céu se recompensa até um copo de água fresca dada por amor de Deus, que se dirá de tanto sangue que São Luís derramou quando ainda menino, disciplinando-se muitas vezes por dia de tal forma que suas roupas ficavam ensanguentadas? Que se dirá do fato de se levantar à noite para rezar, de joelhos, no chão frio, a ponto de ficar enregelado? Que diremos dos seus jejuns tão austeros? De tantos meios de mortificação que inventou para macerar suas carnes inocentes? Que glória terá merecido tudo isso a São Luís no céu! Sua caridade para com Deus e para com o próximo era tão grande que toda a sua vida, do uso da razão até a morte, foi um contínuo exercício dessa caridade, com grande aumento de graças e de merecimentos. Não é, pois, de admirar que Santa Madalena de Pazzi, arrebatada em êxtase, na contemplação da felicidade dos bem-aventurados, ao

ver a glória de São Luís, tenha exclamado que nunca teria acreditado haver tão grande glória no céu, como a que adornava a São Luís.

Eis, queridos jovens, o fim a que leva uma vida boa e virtuosa! A uma eternidade feliz, cheia de delícias, a uma glória incomparável, na qual contemplaremos a Deus face a face, e havemos de louvá-lo e bendizê-lo juntamente com Nossa Senhora, com os anjos e bem-aventurados por todos os séculos. Ânimo, pois: comecemos desde já a trabalhar por Nosso Senhor. Teremos que padecer alguma coisa neste mundo; mas os sofrimentos desta vida pouco duram e o prêmio que havemos de receber durará eternamente: o sofrimento é passageiro, o gozo é eterno.

Jaculatória

Piedoso São Luís, alcançai-me a graça de tornar-me santo, para um dia participar da vossa glória no céu.

Oração: Ó São Luís etc.

Segunda parte – Práticas particulares de piedade

Orações da manhã e da tarde.

O bom cristão, logo ao despertar, deve fazer o sinal da cruz e oferecer o coração a Deus, dizendo: Jesus, José e Maria, meu coração vos dou e minha alma. Depois, levantar-se com toda a modéstia; São Luís Gonzaga não queria que lhe vissem nem sequer os pés descobertos, porque considerava a pureza como um límpido espelho, que ao menor sopro fica logo embaçado.

Ao vestir-vos, podeis dizer: Anjo de Deus, que sois a minha guarda e a quem fui confiado por celestial piedade, iluminai-me, guardai-me, regeme, governai-me. Amém. Glória ao Pai e ao Filho e ao Espírito Santo, como era no princípio, agora e sempre, e por todos os séculos dos séculos. Amém. Dizendo esta oração, lucraram-se muitas indulgências.

Depois de vestidos, ajoelhai-vos diante da imagem de Jesus Crucificado ou de Nossa Senhora ou de algum santo e rezai as seguintes orações:

Em nome do Pai e do Filho e do Espírito Santo. Amém. Meu Senhor, meu Deus, eu vos amo de todo o meu coração. Eu vos adoro, meu Deus, e vos amo de todo o coração. Agradeço-vos por me terdes criado, feito cristão e

conservado nesta noite. Ofereço-vos todas as minhas ações e vos peço a graça de nunca vos ofender, principalmente no dia de hoje.

Pai nosso, que estais nos céus, santificado seja o vosso nome, venha a nós o vosso reino, seja feita a vossa vontade, assim na terra como no céu. O pão nosso de cada dia nos dai hoje; perdoai-nos as nossas ofensas, assim como nós perdoamos a quem nos tem ofendido; e não nos deixeis cair em tentação, mas livrai-nos do mal. Amém.

Ave, Maria, cheia de graça, o Senhor é convosco, bendita sois vós entre as mulheres e bendito é o fruto do vosso ventre, Jesus. Santa Maria, Mãe de Deus, rogai por nós pecadores, agora e na hora da nossa morte. Amém.

Creio em Deus Pai todo-poderoso, criador do céu e da terra. E em Jesus Cristo, seu único Filho, Nosso Senhor, que foi concebido pelo poder do Espírito Santo, nasceu da Virgem Maria; padeceu sob Pôncio Pilatos, foi crucificado, morto e sepultado. Desceu à mansão dos mortos, ressuscitou ao terceiro dia, subiu aos céus; está sentado à direita de Deus Pai todo-poderoso, donde há de vir a julgar os vivos e os mortos. Creio no Espírito Santo; na Santa Igreja Católica; na comunhão dos santos; na remissão dos pecados; na ressurreição da carne; na vida eterna. Amém.

Salve, Rainha, mãe de misericórdia, vida, doçura, esperança nossa, salve. A vós bradamos os degredados filhos de Eva. A vós suspiramos, gemendo e chorando neste vale de lágrimas. Eia, pois, advogada nossa, esses vossos olhos misericordiosos a nós volvei, e depois deste desterro, mostrai-nos Jesus, bendito fruto do vosso ventre. Ó clemente, ó piedosa, ó doce Virgem Maria.

Os mandamentos da Lei de Deus são dez: 1. Amar a Deus sobre todas as coisas. 2. Não tomar seu santo nome em vão. 3. Guardar os domingos e as festas. 4. Honrar pai e mãe. 5. Não matar. 6. Não pecar contra a castidade. 7. Não furtar. 8. Não levantar falso testemunho. 9. Não desejar a mulher do próximo. 10. Não cobiçar as coisas alheias.

Os mandamentos da Igreja são cinco: 1. Ouvir a missa inteira nos domingos e festas de guarda. 2. Confessar-se ao menos uma vez cada ano. 3. Comungar ao menos uma vez pela Páscoa da Ressurreição. 4. Jejuar e abster-se de carne quando manda a Santa Madre Igreja. 5. Pagar o dízimo segundo o costume.

Ato de Fé: Eu creio firmemente que existe Deus, que dá o prêmio aos bons e castiga os maus. Creio que em Deus há três pessoas realmente distintas, Pai, Filho e Espírito Santo. Creio que o Filho de Deus se fez homem no seio puríssimo da Virgem Maria por obra do Espírito Santo: como homem, morreu na cruz pelos nossos pecados, e no terceiro dia ressuscitou. Creio estas e todas as outras verdades da nossa santa fé porque Deus, sumamente veraz, revelou-as à Santa Igreja e por meio da Santa Igreja ensina a nós.

Ato de Esperança: Meu Deus, porque sois onipotente, misericordioso e fiel, espero que me dareis o perdão dos meus pecados, a graça de bem viver e morrer, e o paraíso, que me prometestes pelos méritos de Jesus Cristo, se eu fizer as obras do bom cristão, como proponho fazer com a vossa santa ajuda.

Ato de Caridade: Meu Deus, eu vos amo acima de todas as coisas; eu vos amo pelos bens que recebi de vós e pelos bens que espero receber de vós; mas vos amo principalmente porque sois Deus de infinita bondade e, por isso, por vós mesmo digno de ser amado acima de todas as coisas; e por amor de vós, amo ao próximo como a mim mesmo.

Ato de Contrição: Misericórdia, Senhor, eu me arrependo, com todo o meu coração por vos ter ofendido; eu me arrependo, não somente pelos bens que perdi e pelos males que mereci ao pecar; eu me arrependo principalmente porque ofendi um Deus tão bom e tão grande como sois vós. Teria preferido morrer antes que vos ter ofendido. Proponho firmemente, com a ajuda da vossa graça, não vos ofender nunca mais, porque vos amo acima de todas as coisas. *Meu Jesus, misericórdia!* (O pontífice reinante Pio IX concede cem dias de indulgência sempre que se diz: *Meu Jesus, misericórdia!*).

Para durante o dia: Virgem Maria, Mãe de Jesus, São Luís Gonzaga, fazei-me santo. Terminadas as orações ide até os vossos pais para receber deles as suas ordens e nada começar sem o seu consentimento.

À noite recitareis a terceira parte do rosário (se ainda não a tiverdes recitado durante o dia) em companhia dos vossos irmãos e irmãs, mas devotamente, sem muita pressa, evitando apoiar-vos sem educação sobre a mesa ou sobre os calcanhares. Caso vos faltar tempo para a recitação do terço, dizei pelo menos três *Ave-Maria* etc. para obter a sua proteção. Em seguida, direis as orações da manhã, acrescentando esta breve oração a São Luís Gonzaga: Ó glorioso São Luís Gonzaga, eu vos suplico humildemente que me recebais debaixo de vossa proteção e me obtenhais do Senhor a graça de praticar vossas virtudes nesta vida, para alcançar uma boa morte, e ser depois participante da vossa glória no paraíso. Amém. *Pai-nosso, Ave-Maria e Glória.*

Para alguns instantes para examinar o estado da vossa consciência, e se vos sentirdes culpados de algum pecado, recitai de coração o ato de contrição, prometendo confessar-vos o mais cedo possível. Enquanto vos despis, imaginai ver os carrascos arrancarem com violência as vestes de Jesus Cristo para flagelá-lo. Apenas tiverdes deitado, direis: Jesus, José e Maria, eu vos dou o meu coração e a minha alma. Jesus, José e Maria, assisti-me na última agonia. Jesus, José e Maria, expire em paz entre vós a minha alma. Em seguida, pensando na presença de Deus, com as mãos juntas ao peito, repousareis.

Durante o dia, ou então depois das orações da manhã ou da noite, lede um trecho da vida de algum santo, como a de São Luís, ou então uma das considerações postas nas páginas 705-716 [*Sete considerações para cada dia da semana*]; ou então pensai nas recomendações que o confessor vos fez na última confissão.

Um bom cristão, ao longo do dia, deve dedicar-se com diligência às ocupações próprias do seu estado e orientar todas as suas ações para o Senhor, dizendo: Senhor, eu vos ofereço este trabalho, dai-lhe a vossa santa bênção.

De manhã, ao meio-dia e à tarde, ao som das ave-marias, convém ajoelhar-se (menos no sábado, no domingo e no tempo pascal, quando se fica em pé) e recitar a seguinte oração:

Angelus Domini nuntiavit Mariae, et concepit de Spiritu Sancto. Ave Maria etc.

Ecce ancilla Domini, fiat mihi secundum verbum tuum. Ave Maria etc.

Et verbum caro factum est, et habitavit, in nobis. Ave Maria etc.

Três *Gloria Patri*.

Ora pro nobis, sancta Dei Genitrix.

Ut digni efficiamur promissionibus Christi.

Oremus: *Gratiam tuam, quaesumus, Domine, mentibus nostris infunde, ut qui, angelo nuntiante, Christi filii tui incarnationem cognovimus, per passionem eius et crucem ad resurrectionis gloriam perducamur. Per eundem Christum Dominum nostrum. Amen.*

Bento XIV concedeu cem dias de indulgência sempre que se pratica esta devoção. Há também diversas indulgências para quem acompanha o Santo Viático quando é levado aos enfermos; não podendo acompanhá-lo, dizei um *Pai-nosso* e *Ave-Maria*. Quando soa a agonia, podem ser lucradas muitas indulgências por quem vai à igreja a rezar por quem está morrendo e, não podendo, pelo menos recita um *Pai-nosso* e *Ave-Maria*. O mesmo se diga ao sinal da morte, para quem diz três *Requiem aeternam* em sufrágio da alma que passou à eternidade.

Antes das refeições fazei o sinal da santa cruz e dizei: Abençoaime, Senhor, e a este alimento que vou tomar para manter-me no vosso santo serviço. São Bento, um dia, antes de pôr-se à mesa, feito segundo costume o sinal da cruz, com grande espanto viu romper-se um copo dentro do qual tinha sido posto veneno.

Depois das refeições: Senhor, eu vos agradeço os benefícios recebidos, concedei-me a graça de que eu me sirva deles sempre para o bem.

*Modo prático de assistir com fruto a santa missa**

Advertência: A missa é o sacrifício do corpo e do sangue de Nosso Senhor Jesus Cristo, que é oferecido a Deus nos altares, sob as espécies do pão e do vinho consagrados. Tratai de compreender bem, caros jovens, que, assistindo à santa missa, é como se vísseis o divino Salvador quando saiu de Jerusalém para levar a cruz até ao Calvário, onde, no meio dos mais bárbaros tormentos, foi crucificado, derramando até a última gota de seu sangue. Este mesmo sacrifício é renovado pelo sacerdote quando celebra a santa missa, com a única diferença que o sacrifício do Calvário foi doloroso para Jesus e com derramamento de sangue, ao passo que o sacrifício da missa é incruento, isto é, sem derramamento de sangue e sem nenhuma dor. Como não se pode imaginar coisa mais santa e mais preciosa do que o corpo, o sangue, a alma e a divindade de Jesus Cristo, assim, ao assistirdes à missa, deveis estar persuadidos de que fazeis a ação maior, mais santa, mais gloriosa aos olhos de Deus e mais útil para vossa alma. Nela, Jesus Cristo vem em pessoa aplicar a cada um de nós em particular os merecimentos daquele sangue adorável, que derramou por nós no Calvário. Isso deve inspirar-nos suma estima para com a santa missa e ao mesmo tempo um vivíssimo desejo de assistirmos bem a ela.

Pelo contrário, o triste fato de vermos tantos jovens voluntariamente distraídos, sem modéstia, sem atenção, sem respeito, de pé, olhando para cá e para lá, nos faz pensar que eles não assistem ao divino sacrifício como Nossa Senhora e São João, mas como os judeus, crucificando outra vez a Nosso Senhor, com grande escândalo para os companheiros e desdouro para a nossa religião.

Assisti, pois, meus caros jovens, à santa missa com espírito de verdadeiros cristãos, imaginando que estais vendo Jesus Cristo começar sua dolorosa paixão e sofrer os mais cruéis tormentos pela nossa salvação. Durante a missa deveis estar com tal modéstia e recolhimento que nada vos possa perturbar. A mente, o coração, todos os vossos pensamentos estejam unicamente ocupados em honrar a Deus. Recomendo-vos que façais grande empenho em assistir à santa missa todos os dias, até com algum sacrifício. Santo Isidoro, que trabalhava no campo, para ir à missa, levantava-se de madrugada, de forma a

* Para compreender os detalhes das orações que Dom Bosco propõe a seus meninos para acompanhar a celebração da missa, é preciso ter presente que, naquele tempo, o sacerdote a rezava voltado para o altar, em latim, em voz baixa, ao passo que os que “assistiam” ou “ouviam” a santa missa faziam suas próprias orações (terço, ofício de Nossa Senhora, etc.); além disso, o rito da missa, em parte, era diferente do rito atual, que resultou da reforma litúrgica do Concílio Vaticano II. Dom Bosco tem o mérito de ajudar seus meninos a sintonizarem sua oração pessoal com a do sacerdote celebrante.

encontrar-se depois no tempo marcado, pronto para fazer os trabalhos que o patrão lhe marcava. Com isso atraía sobre si todas as bênçãos de Deus e todos os trabalhos lhe saíam bem.

No princípio da missa: Meu Senhor e meu Deus, ofereço-vos este santo sacrifício para a vossa maior glória e para o bem da minha alma. Concedei-me a graça que o meu coração e a minha mente não se ocupem em outras coisas senão em vós. Minha alma, afasta de ti todo pensamento e distração e prepara-te para assistir a esta santa missa com o maior recolhimento.

Ao Confíteor: Eu pecador, me confesso a Deus todo-poderoso; à bem-aventurada sempre Virgem Maria, ao bem-aventurado São Miguel Arcanjo, ao bem-aventurado São João Batista, aos santos apóstolos São Pedro e São Paulo, a todos os santos, que pequei muitas vezes, por pensamentos, palavras e obras, por minha culpa, minha culpa, minha máxima culpa. Portanto, peço e rogo à bem-aventurada sempre Virgem Maria, ao bem-aventurado São Miguel Arcanjo, ao bem-aventurado São João Batista, aos santos apóstolos São Pedro e São Paulo, a todos os santos, que roguem por mim a Deus Nosso Senhor.

O sacerdote sobe ao altar: Toda a terra vos adore, meu Senhor, e cante louvores ao vosso santo nome. Glória ao Pai e ao Filho e ao Espírito Santo. Amém.

Ao Kyrie eleison: Senhor meu Jesus Cristo, tende misericórdia desta minha pobre alma e da alma de todos aqueles por quem sabeis que devo rezar.

Ao Glória: Glória a Deus no mais alto dos céus e paz na terra aos homens de boa vontade, porque só Deus é digno de ser amado, louvado e glorificado por todos os séculos.

Ao Oremus: Recebei, ó Senhor, as orações que vos dirige este sacerdote em nosso nome. Concedei-me a graça de viver e morrer como bom cristão, no grêmio da Santa Madre Igreja.

À epístola: Concedei-me a graça, ó Senhor, de cumprir todos os mandamentos da vossa santa lei e inflamai o meu coração no vosso santo amor, para que eu vos ame e vos sirva em todos os dias da minha vida.

Ao Evangelho: Pronto estou, meu Senhor, para confessar a fé do Evangelho, mesmo à custa da minha vida, professando as grandes verdades que nele se contêm. Concedei-me graça e fortaleza, para fazer a vossa santa vontade, evitando o pecado e todas as ocasiões de pecar.

Ao Credo: Creio firmemente, ó meu Deus, todas as verdades que vós revelastes à vossa Igreja, porque sois verdade infalível. Aumentai, portanto, em mim o espírito de viva fé, firme esperança e ardente caridade.

Ao ofertório: Ofereço-vos, ó meu Deus, pelas mãos do sacerdote, o pão e o vinho que devem ser mudados no corpo e no sangue de Jesus Cristo. Ao mesmo tempo vos ofereço o meu coração e a minha língua, a fim de que, para o futuro, nada mais eu deseje e de nada eu fale, a não ser do que se refere ao vosso santo serviço.

Ao Orate fratres: Recebei, ó Senhor, este sacrifício para honra e glória do vosso santo nome, para meu bem e de toda a vossa Santa Igreja.

Ao prefácio: Meu coração, ergue-te para Deus e pensa no quanto padeceu Jesus Cristo por causa de teus pecados.

Ao Sanctus: Minha alma, afasta de ti agora todo pensamento e solicitude das coisas temporais; une todos os teus afetos ao coro dos anjos e canta com eles um hino de glória, dizendo: Santo, Santo, Santo é o Senhor Deus dos exércitos. Glorificado e bendito seja por todos os séculos o seu santo Nome.

Ao memento dos vivos: Suplico-vos, ó meu Jesus, lembrai-vos dos meus pais, parentes e amigos, dos meus benfeitores espirituais e temporais, e também dos meus inimigos; lembrai-vos especialmente do sumo pontífice, de toda a Igreja e de todas as autoridades espirituais e temporais: a todos eles paz, concórdia e bênção.

À elevação da hóstia: Com toda a humildade, prostrado, eu vos adoro, ó Senhor meu Jesus Cristo, e creio firmemente que vós estais realmente presente na Santíssima Eucaristia. Oh grande mistério! Um Deus desce do céu à terra para a minha salvação! Seja louvado e agradecido a todo o momento o santíssimo e diviníssimo Sacramento! (Cem dias de indulgência cada vez).

À elevação do cálice: Eterno Pai, adoro o sangue preciosíssimo derramado pelo vosso divino Filho e Senhor Nosso Jesus Cristo, para a salvação da minha alma. Eu o ofereço a vós em memória da sua paixão, morte, ressurreição e ascensão ao céu. Recebei-o em desconto dos meus pecados e pelas necessidades da Santa Igreja.

Ao memento dos mortos: Lembrai-vos, Senhor, das almas do purgatório, especialmente das almas dos meus parentes e benfeitores espirituais e temporais. Recomendo-vos também as almas que há mais tempo se acham no meio daqueles tormentos, aquelas para as quais eu fui a causa de pecado com o meu mau exemplo. Livrai-as depressa daquelas penas e concedei a todas a glória do paraíso.

Ao nobis quoque peccatoribus: Pelos merecimentos da vossa paixão e morte, ó meu bom Jesus, e da vossa augusta Mãe e de todos os santos, concedei-me o perdão dos meus pecados.

Ao Pater noster: Agradeço-vos, meu Jesus, por este excelente modelo de oração que me destes; concedei-me a graça que eu a possa rezar com a devoção

e atenção que merece. Concedei-me tudo o que nela vos pede em meu nome o sacerdote que celebra, e especialmente que eu não caia no pecado mortal, único e sumo mal que pode perder-me eternamente. Rezai o *Pai-nosso* etc.

Ao Agnus Dei: Jesus, Cordeiro Imaculado, peço-vos queirais usar de misericórdia para comigo e para com todos os homens do mundo, a fim de que todos se convertam a vós, para gozarem daquela verdadeira paz que experimentam os que estão na vossa graça.

Ao Domine non sum dignus: Ó Senhor, por causa dos meus inúmeros pecados não sou digno de que venhais habitar na minha alma, mas dissei somente uma palavra e serão perdoados todos os meus pecados. Oh! como sinto ter-vos ofendido! Concedei-me a graça de nunca mais vos ofender no futuro.

À comunhão: Se não podeis fazer a comunhão sacramental, fazei ao menos a espiritual, que consiste num vivo desejo de receber a Jesus no vosso coração, dizendo: Meu amado e bom Jesus, dado que esta manhã não posso receber a sagrada hóstia, vinde ao menos tomar posse de mim com a vossa graça, para que eu viva sempre no vosso santo amor. A graça que de modo todo especial vos peço, ó meu Deus, é que eu possa estar afastado dos maus companheiros, porque se tiver a felicidade de frequentar somente companheiros bons, também eu serei bom e poderei salvar a minha alma.

Às últimas orações: Agradeço-vos, ó meu Jesus, por vos terdes sacrificado por mim; fazei que desde agora eu possa sacrificar-me todo a vós. Desgostos, trabalhos, calor, frio, fome, sede e até a morte, tudo aceitarei de boa mente das vossas mãos, pronto a tudo vos oferecer, a tudo perder, contanto que possa cumprir a vossa santa lei e conformar-me em tudo à vossa sempre adorável vontade.

À bênção: Abençoai, ó Senhor, estas minhas resoluções; abençoai-me pela mão do vosso ministro e fazei com que os efeitos desta bênção permaneçam eternamente em mim. Em nome do Pai e do Filho e do Espírito Santo. Amém.

Ao último Evangelho:* Verbo Eterno, feito carne para salvar a minha alma, eu vos adoro com o mais profundo respeito e vos agradeço tudo o que sofrestes por mim. Concedei-me a graça de conservar os frutos desta santa missa; perdoai-me se não a assisti com a devida atenção e fazei que, ao sair desta igreja, meus olhos, a língua e todos os meus sentidos tenham sumo horror a tudo o que se opõe à verdade do vosso santo Evangelho.

* A missa anterior ao Concílio Vaticano II terminava sempre com a leitura pelo celebrante do prólogo do Evangelho de São João.

Dizei uma *Salve-Rainha* à Bem-aventurada Virgem e um *Pai-nosso* a São Luís, a fim de que vos ajudem a manter os propósitos feitos e particularmente a evitar as más conversas.

Modo prático de aproximar-vos dignamente do sacramento da confissão

Caros filhos, se não aprenderdes desde jovens a confessar-vos bem, correis o perigo de nunca mais aprender na vossa vida e, por conseguinte, de nunca vos confessar como se deve, com grave prejuízo e talvez pondo em risco a vossa salvação eterna. Antes de tudo, eu gostaria que vos persuadísseis de que qualquer culpa que puderdes ter na vossa consciência, ela será perdoada na confissão, contanto que tenhais as devidas disposições.

A primeira delas consiste em fazer o exame de consciência, isto é, em trazer à memória as vossas ações, a fim de perceber quais foram as boas e quais as pecaminosas. Começai *pedindo ao Senhor que vos ilumine*, dizendo: Senhor meu Jesus Cristo, Redentor da minha alma, eu me prostro aos vossos pés, suplicando-vos que tenhais piedade e misericórdia de mim. Iluminai-me com a vossa graça a fim de que eu conheça os meus pecados, como os tornareis conhecidos a mim quando eu me apresentar diante de vós para o meu julgamento. Fazei, meu Deus, que eu os deteste com verdadeira dor e obtenha o perdão pelos méritos infinitos do sangue preciosíssimo de Jesus Cristo derramado por mim na cruz. Virgem Santíssima, São Luís Gonzaga, rogai por mim para que eu faça uma boa confissão.

Examinai-vos se falastes mal das coisas religiosas; se blasfemastes, se nomeastes o nome de Deus em vão; se ouvistes a santa missa nos dias santos e vos ocupastes com obras de piedade ou vos dedicastes a trabalhos proibidos. Examinai-vos se desobedecestes aos vossos pais, superiores e mestres, ou se lhes destes alguma resposta insolente; se fostes motivo de escândalo na igreja ou fora, especialmente com conversas obscenas ou com maus conselhos; se roubastes alguma coisa em casa ou fora dela; notai que se pode roubar também não ocupando o tempo no que vos foi mandado. Se dissetes, ouvistes, fizestes, permitistes ou mesmo pensastes em alguma coisa contra a honestidade.

Quanto ao exame de consciência, devo advertir-vos de que não basta expor simplesmente o pecado, mas deveis dizer também o número de vezes que cometestes este ou aquele pecado. Por exemplo: não basta dizer: desobedecei meus pais; é preciso acrescentar: desobedecei duas ou três vezes, isto é, o número preciso ou aproximativo das desobediências cometidas. O mesmo vale para os demais pecados.

Estas são as coisas principais a respeito do que deveis examinar-vos. Mas para fazer uma boa confissão, isso ainda não basta; deveis também *excitar-vos para um verdadeiro arrependimento*, refletindo seriamente que o pecado é um grande mal. O pecado vos abre o inferno debaixo dos pés. Que grande mal, Oh! que pavor! O pecado vos fecha as portas do paraíso: que perda espantosa! Ele vos torna inimigos de Deus e escravos dos demônios. Cada pecado que cometestes provocou agudíssimas dores ao coração amoroso de Jesus, que por vós sofreu flagelos, espinhos, chagas, sangue e cruz; e vós vos tornastes para ele motivo de desgosto, desprezo e vilania. O pecado é uma ofensa feita ao vosso Deus, que é tão bom e amável por si mesmo, que vos criou, vos conserva a vida. A saúde, o ar que respirais, o pão que comeis são dons que Deus vos concede. Ele vos preservou de contínuas desgraças e do próprio inferno merecido muitas vezes. E a tantos benefícios seus vós correspondentes com a mais monstruosa ingratidão, servindo-se deles para ofendê-lo.

À vista de tão grande mal que fizestes pecando, deveis ter uma grande dor, ou seja, grande desgosto por ter ofendido a Deus, mais do que se vos tivesse acontecido alguma desgraça, algum castigo por parte dos vossos pais ou de outros. Este desgosto deve levar-vos ao *propósito*, isto é, a fazer uma promessa de nunca mais ofender a Deus para o futuro. Por exemplo: se dissestes palavras feias, se fostes desobedientes, para que a vossa confissão seja válida, é preciso que façais uma promessa ao Senhor que não quereis mais cometer esses pecados, mesmo à custa de sofrer qualquer mal.

Depois dessas reflexões, fazei um ato de contrição e aproximai-vos com toda humildade do confessor, e se tiverdes que esperar, não vos dissipéis com conversas ou sorrisos, olhando de cá para lá, mas mantende o recolhimento, esperando a vossa vez. Devo advertir-vos de *nunca calar nenhum pecado na confissão*. Antes de pecar, o demônio vos diz que não há nisso grande mal; depois faz o que pode para que sintais vergonha e caleis e façais uma confissão sacrílega. Por isso, não tenhais nenhum medo diante do confessor, ele se alegra ao ouvir que vós lhe confiais o que praticastes. Além disso, tende certeza de que o sacerdote não pode dizer a ninguém o que vós confessastes; não pode servir-se disso nem mesmo que se tratasse de evitar a morte. Coragem, portanto, em primeiro lugar confessai o pecado que mais vos causa pena.

Aproximando-vos do confessor, fazei o sinal da santa cruz, dizendo: “Abençoi-me, padre, porque pequei”. Em seguida direis o tempo desde a última confissão e lhe manifestareis o estado da vossa consciência, expondo o número e a espécie dos vossos pecados. Terminada a acusação, ouvi o que ele vos dirá, e enquanto vos dá a absolvição, pensai ser aquele o momento em que se derrama sobre a vossa alma a força do sangue de Jesus Cristo. Fazei um ato

de arrependimento. Terminada a confissão, retirai-vos à parte para agradecer ao Senhor pelo benefício que vos fez.

Depois da confissão. Renovai de todo coração o propósito já feito na confissão, prometendo ao Senhor querer usar todos os meios sugeridos pelo confessor para nunca mais cair em pecado, tomando estas três resoluções: 1º De querer comportar-vos na igreja com grande devoção; 2º Ser prontamente obedientes aos vossos pais e a todos os demais superiores; 3º Estar decididamente animados a cumprir os deveres do vosso estado e querer trabalhar para a maior glória de Deus e a salvação da vossa alma. Em seguida dissei devotamente esta

Oração: Quanto vos devo agradecer, meu Deus, pela misericórdia que tivestes para comigo ao perdoar todos os meus pecados! Vós voltais a me amar e me amareis sempre mais se eu for fiel em vos servir. Oh! sim, eu quero verdadeiramente emendar-me. Prometo evitar tudo o que poderia levar-me a cair novamente no pecado. Nunca me esquecerei de que vós estais em toda parte e que vedes e sabeis tudo o que eu faço e penso. Ajudai-me, fazei-me morrer antes que eu torne a vos ofender. Maria, minha querida mãe, não permitais para o futuro que eu desgoste o meu bom Jesus com o pecado. Anjo da Guarda, meus santos protetores, ajudai-me e guardai-me para sempre.

Três vezes *Angele Dei* e três *Glória* etc.

Preparação para a santa comunhão

Antes de aproximar-vos para receber o adorável corpo de Jesus Cristo, deveis refletir se tendes no coração as devidas disposições. Sabei, pois, que o jovem que, depois de ter pecado, não quer se emendar, isto é, está disposto a voltar a ofender ao Senhor, não é digno de se aproximar da mesa do Salvador, e comungando, em vez de se enriquecer de graças, torna-se ainda mais culpado e digno de maior castigo.

Pelo contrário, se estais arrependidos, aproximai-vos para receber o pão dos anjos e dareis grandíssimo prazer a Jesus Cristo. Ele mesmo, estando sobre esta terra, embora convidasse todos a segui-lo, todavia, mostrava grande benevolência para com os meninos piedosos e inocentes, dizendo: “Deixai que estes pequeninos venham a mim, e não lhes impeçais”, e lhes dava a bênção. Ouvi, portanto, seu amoroso convite e ide, não só receber a sua bênção, mas a ele mesmo em pessoa.

Atos para antes da comunhão

Senhor meu Jesus Cristo, creio com viva fé que estais realmente presente no Santíssimo Sacramento com vosso corpo e sangue, com vossa alma e divindade.

Senhor, eu vos adoro neste Sacramento, e vos reconheço como meu criador, redentor, soberano, senhor, meu sumo e único bem.

Senhor, não sou digno de que entreis na pobre morada de minha alma, mas disse apenas uma palavra, e minha alma se salvará.

Senhor, detesto todos os meus pecados que me tornam indigno de receber-vos no meu coração e proponho com a vossa graça nunca mais cometê-los, fugir de todas as ocasiões de pecado e fazer por eles penitência.

Senhor, espero que assim como vos dais a mim todo inteiro neste sacramento divino, também usareis de misericórdia para comigo e me concedereis todas as graças que me são necessárias para minha eterna salvação.

Senhor, sois infinitamente amável, sois meu pai, meu redentor, meu Deus, por isso vos amo de todo o meu coração e sobre todas as coisas, e por vosso amor amo a meu próximo como a mim mesmo e perdoo de coração a todos aqueles que me ofenderam.

Senhor, desejo ardentemente que venhais à minha alma, para nunca mais me separar de vós e que a vossa divina graça permaneça sempre comigo.

E vós, ó Virgem Imaculada, pelo amor que destes ao Menino Jesus, fazei que eu o possa receber dignamente, e quando me aproximar do altar para receber a sagrada hóstia, imaginarei receber a Jesus de vossas próprias mãos, acompanhado por todos os coros dos anjos, que no céu louvam e benzinham esse mesmo Jesus que eu vou receber. Meu Anjo da Guarda, São Luís Gonzaga, meus especiais protetores, rogai por mim ao Senhor e alcançai-me a graça de fazer uma santa comunhão. *Omnes sancti et sanctae Dei, intercedite pro nobis.*

Aqui parai alguns momentos, considerando a quem ides receber. É Jesus Cristo, Deus de imensa grandeza e majestade. Deus de bondade e misericórdia infinita, que vem a uma miserável criatura, a um pobre pecador, e vem para ser pai, irmão, amigo e esposo da alma, médico, mestre e alimento. Oh! bondade! Oh! amor! Oh! misericórdia infinita!

Depois da comunhão

Meu Deus, criador e redentor de minha alma, eu vos adoro com o mais profundo respeito e com a mais profunda veneração. Oh! quanto foi grande a

vossa bondade! Tão pura, santa e infinita majestade, vir em pessoa, visitar uma criatura tão miserável, um punhado de pó, um pecador ingrato. Meu amado e bom Jesus, agradeço-vos tão grande favor, e vos louvo e bendigo no íntimo de mim mesmo. Potências de minha alma, sentidos do meu corpo, exultai na presença do vosso Deus.

Um coração só é muito pouco, ó meu bom Jesus, para vos amar e louvar e para vos agradecer tantos benefícios, e principalmente o terdes dado como alimento de minha alma o vosso corpo, o vosso sangue, a vossa alma e a vossa divindade.

Ah! pudesse eu ter o coração dos serafins e dos santos do céu e arder sempre em amor pelo meu Deus, que se dignou eleger minha pobre alma para sua morada e para suas delícias! Ah! meu Jesus amado, quanto é doce e preciosa esta vossa visita, esta vossa permanência, esta vossa união comigo!

Não sou digno de tão grande favor e nem sequer sei o que vos possa oferecer em sinal de agradecimento; mas confiando em vossos merecimentos, ofereço-vos esses mesmos merecimentos, que são infinitos. Agradeço-vos de todo o meu coração e protesto que, de agora em diante, vós sereis sempre as minhas delícias, o repouso de minha alma; vós, minha única esperança e o meu conforto; vós, minha única riqueza, o meu prazer, o tesouro do meu coração.

Quisera também, por mim só, poder-vos dar todo o louvor e glória que vos dão os santos do paraíso; e como não posso fazer tanto, ofereço-vos minhas mãos, meus pés, meus olhos, minha língua, minha boca, minha mente, meu coração e todo meu ser. Guardai-me vós mesmo, para que todos os meus pensamentos, todas as minhas palavras e todas as minhas ações tenham por único fim o que for para vossa maior glória e bem espiritual de minha alma.

Virgem Santíssima, Mãe querida do meu Jesus, São Luís Gonzaga, meu Anjo da Guarda, alcançai-me de Deus esta graça, para mim, para meus parentes, para meus companheiros, amigos e inimigos, e especialmente para todos os que se acham agora nesta igreja.

Ó Virgem Maria, como penhor de que sou vosso, consagro-vos por toda a minha vida, meus olhos, meus ouvidos, minha língua, meu coração e todo o meu ser. Quero ser todo vosso, defendei-me vós como propriedade vossa. Jesus, José e Maria, meu coração vos dou e minha alma. Jesus, José e Maria, assisti-me na última agonia. Jesus, José e Maria, expire em paz, entre vós, a minha alma.

Visita ao Santíssimo Sacramento

Lembrai-vos, queridos filhos, de que Jesus está presente no Santíssimo Sacramento e é rico de graças para distribuí-las a quem as pede. Um venerável servo de Deus, ao visitar Jesus Sacramentado, viu-o em forma de um menino com uma coroa de rosas na mão. Tendo ele perguntado o que significavam essas rosas, Jesus lhe disse: “Estas rosas são as graças que distribuo àqueles que vêm pedi-las”.

Atos a se fazer ao visitar o Santíssimo Sacramento

Senhor meu Jesus Cristo, que pelo amor que tendes aos homens, noite e dia permanecis neste sacramento, todo cheio de misericórdia e de amor, esperando, chamando e acolhendo a todos os que vêm visitar-vos, creio que estais presente no sacramento do altar. Abismado no meu nada, vos adoro e vos agradeço todos os favores que me tendes dispensado, particularmente dando-me a vós mesmo neste sacramento, concedendo-me por advogada Maria, vossa Mãe Santíssima, e convidando-me a visitar-vos nesta igreja. Hoje saúdo vosso amadíssimo e amantíssimo Coração e o faço por estes três fins: primeiro, em agradecimento deste grande dom; segundo, para compensar-vos de todas as injúrias que recebestes de todos os vossos inimigos neste sacramento; terceiro, com esta visita proponho adorar-vos em todos os lugares da terra, onde vós, sacramentado, sois menos reverenciado e mais abandonado.

Meu Jesus, eu vos amo de todo o meu coração. Arrependo-me de ter no passado tantas vezes desgostado vossa infinita bondade. Proponho com vossa graça não vos ofender mais para o futuro; e neste momento, miserável embora, eu me consagro todo a vós; entrego-vos para sempre a minha vontade, os afetos, os desejos e tudo quanto é meu. De hoje em diante fazei de mim e de quanto me pertence o que for do vosso agrado. Só peço e quero o vosso amor, a perseverança final e o cumprimento perfeito de vossa vontade.

Recomendo-vos as almas do purgatório, especialmente as mais devotas do Santíssimo Sacramento e de Maria Santíssima. Recomendo-vos também os pobres pecadores. Uno finalmente, meu amado Salvador, todos os meus afetos aos de vosso amorosíssimo coração e nesta união os ofereço ao vosso eterno Pai e em vosso nome peço queira por vosso amor aceitá-los e atendê-los.

Seja louvado e agradecido a cada momento o santíssimo e diviníssimo Sacramento. Três *Pai-nossos*, *Ave-Marias*, *Glória* etc.

Coroinha ao Sagrado Coração de Jesus

Tende como intenção a de rezar esta coroinha ao divino Coração de Jesus para repará-lo dos ultrajes que recebe na santa Eucaristia por parte dos hereges, infieis e maus cristãos. Reze-se sozinho ou com outras pessoas reunidas, se possível, diante da imagem do Sagrado Coração ou diante do Santíssimo Sacramento.

V/ Deus, in adiutorium meum intende.

R/ Domine, ad adiuvandum me festina. Gloria Patri etc.

I. Ó amabilíssimo Coração de meu Jesus, adoro humildemente a vossa dulcíssima ternura, que usais de modo singular no Divino Sacramento para com as almas ainda mesmo pecadoras. Sinto imenso em ver que sois tão ingratamente correspondido, e proponho desagrar-vos de tantas ofensas que recebeis na Santíssima Eucaristia dos hereges, dos infieis e dos maus cristãos. *Pai-nosso etc.*

II. Ó Coração todo humilde do meu Jesus sacramentado, adoro reverente a vossa profunda humildade na divina Eucaristia, escondendo-vos por nosso amor sob as espécies de pão e de vinho. Por piedade, meu Jesus, peço-vos queirais infundir no meu coração tão bela virtude; e entretanto procurarei desagrar-vos de tantas ofensas que recebeis no Santíssimo Sacramento, dos hereges, dos infieis e dos maus cristãos. *Pai-nosso etc.*

III. Ó Coração de meu Jesus, tão sequioso de padecer, adoro os vossos ardentíssimos desejos de sofrer tão dolorosa paixão e sujeitar-vos às injustiças que previeis no Santíssimo Sacramento. Ah! meu Jesus, de todo o coração proponho repará-las, mesmo com a minha vida; quisera impedir as ofensas que infelizmente recebeis na Divina Eucaristia dos hereges, dos infieis e dos maus cristãos. *Pai-nosso etc.*

IV. Ó Coração pacientíssimo de meu Jesus, venero humildemente a vossa invencível paciência em sofrer por meu amor tantas penas na cruz e tantos desprezos na divina Eucaristia, ó meu querido Jesus! Já que não posso lavar com o meu sangue os lugares em que fostes tão maltratado num e noutra mistério, prometo-vos, meu sumo bem, empregar todos os meios para desagrar o vosso divino Coração de tantos ultrajes, que recebeis na Santíssima Eucaristia dos hereges, dos infieis e dos maus cristãos. *Pai-nosso etc.*

V. Ó Coração de meu Jesus, amantíssimo de nossas almas na admirável instituição da Santíssima Eucaristia, adoro humildemente o imenso amor que tendes para conosco, dando-nos como alimento o vosso divino corpo e o vosso

divino sangue. Qual o coração que deixará de comover-se à vista de tamanha caridade? Oh meu bom Jesus! Dai-me abundantes lágrimas para chorar e reparar tantas ofensas que recebei no Santíssimo Sacramento dos hereges, dos infiéis e dos maus cristãos. *Pai-nosso* etc.

VI. Ó Coração de meu Jesus, sequioso de nossa salvação, venero humildemente o amor que vos impeliu a realizar o sacrifício inefável da cruz e a renová-lo todos os dias sobre os altares na santa missa. Será possível que, à vista de tanto amor, o coração humano não arda de gratidão? Sim, infelizmente é possível, meu Deus; mas prometo fazer para o futuro tudo o que puder a fim de reparar tantos ultrajes que recebei neste mistério de amor, dos hereges, dos infiéis e dos maus cristãos. *Pai-nosso* etc.

(Esta prática pode servir para fazer a novena das festas de Nosso Senhor Jesus Cristo).

Oração ao sacratíssimo Coração de Maria

Ave, augustíssima rainha de paz, Mãe de Deus; pelo sacratíssimo Coração de vosso Filho Jesus, príncipe da paz, fazei que se aplaque a sua ira e que ele reine sobre nós em paz. Lembrai-vos, ó piíssima Virgem Maria, de que nunca se ouviu dizer que por vós seja abandonado quem implora os vossos favores. Animado eu de tal confiança, a vós recorro: ó Mãe do Verbo, não desprezeis as minhas súplicas, mas ouvi-as propícia e atendei-me, ó clemente, ó doce Virgem Maria.

(Pio IX concede indulgência de 300 dias cada vez que se recita devotamente esta oração).

Ó Jesus de amor ferido, nunca houvera te ofendido! Ó meu doce e bom Jesus, nunca te pregue à cruz.

Sagrado Coração de Maria, fazei que eu salve a minha alma. Sagrado Coração de Jesus, fazei que eu vos ame sempre mais.

[...]⁹

Coroa de Nossa Senhora das Dores

Preparação. Caríssimos irmãos e irmãs em Jesus Cristo, nós fazemos os nossos costumeiros exercícios meditando devotamente as grandíssimas dores

⁹ Seguem os mistérios do rosário e as ladainhas lauretanas, que aqui omitimos.

que a Bem-aventurada Virgem Maria sofreu na vida e na morte do seu amado Filho, nosso divino Salvador. Imaginemos que nos encontramos perto de Jesus que pende da cruz e que sua mãe aflita diga a cada um de nós: Vinde e vede se há dor semelhante à minha dor. Certos de que esta mãe piedosa nos quer conceder especial proteção ao meditar as suas dores, invocamos a ajuda divina com as seguintes orações:

Veni, Sancte Spiritus, reple tuorum corda fidelium et tui amoris in eis ignem accende.

V. *Emitte spiritum tuum et creabuntur,*

R. *Et renovabis faciem terrae.*

V. *Memento congregationis tuae,*

R. *Quam possedisti ab initio.*

V. *Domine, exaudi orationem meam,*

R. *Et clamor meus ad te veniat.*

Oremus: *Mentes nostras, quaesumus, Domine, lumine tuae claritatis illustra, ut videre possimus, quae agenda sunt, et quae recta sunt agere valeamus. Per Christum Dominum nostrum. R. Amen.*

Primeira dor: *Profecia de Simeão.* A primeira dor foi quando a Santa Virgem, Mãe de Deus, tendo apresentado seu filho no templo, o depôs nos braços do santo velho Simeão, que lhe disse: A espada da dor traspassará a tua alma: o que significa a paixão e morte de seu filho Jesus. Um *Pai-nosso* e sete *Ave-Marias*.

Segunda dor: *Fuga para o Egito.* A segunda dor foi quando a Santa Virgem se viu obrigada a fugir para o Egito, a fim de evitar a perseguição do cruel Herodes, que impiamente procurava dar a morte ao seu amado filho Jesus. Um *Pai-nosso* etc.

Terceira dor: *Jesus perdido no templo.* A terceira dor da Santa Virgem foi quando, pelo tempo da páscoa, depois de ter estado com o seu esposo São José e com o seu amado filho Jesus em Jerusalém, de volta à sua pobre casa, perdeu o seu divino filho e por três dias seguidos o procurou lamentando a perda do seu único amor. *Pai-nosso* etc.

Quarta dor: *Encontro com Jesus carregando a cruz.* A quarta dor da Santa Virgem foi quando se encontrou com o seu dulcíssimo filho Jesus, que carregava uma pesada cruz em seus ombros delicados até ao monte Calvário, para ser crucificado pela nossa salvação. *Pai-nosso* etc.

Quinta dor: *Crucificação de Jesus*. A quinta dor da Santa Virgem foi quando viu o seu filho Jesus suspenso sobre o duro madeiro da cruz, vertendo sangue de todo o seu santíssimo corpo e morrendo depois de três horas de agonia. *Pai-nosso* etc.

Sexta dor: *Deposição de Jesus da cruz*. A sexta dor da Santa Virgem foi quando o seu amado filho Jesus, depois de ter sido traspassado no peito com um golpe de lança e despregado da cruz, foi deposto em seu santo regaço. *Pai-nosso* etc.

Sétima dor: *Sepultamento de Jesus*. A sétima e última dor da Santa Virgem, senhora e advogada dos seus servos e dos pobres pecadores, foi quando viu sepultado o corpo santíssimo de seu filho Jesus. *Pai-nosso* etc.

Digam-se em seguida três *Ave-Marias* em sinal de profundo respeito às lágrimas que derramou a Santíssima Virgem nas suas dores, a fim de impetrar uma verdadeira dor pelos nossos pecados. *Ave-Maria* etc.

Terminada a Coroa, recita-se o seguinte hino: *Stabat Mater dolorosa...*

V. *Ora pro nobis, Virgo dolorosissima!*

R. *Ut digni efficiamur promissionibus Christi.*

Oremus: *Interveniat pro nobis, quaesumus, Domine Iesu Christe, nunc et in hora mortis nostrae apud tuam clementiam Beata Virgo Maria Mater tua, cuius sacratissimam animam in hora tuae Passionis doloris gladius pertransivit. Per Te, Iesu Christe Salvator mundi, qui cum Patre et Spiritu Sancto vivis et regnas in saecula saeculorum.* R. Amen.

As sete alegrias de que Maria goza no céu

1. Alegrai-vos, ó esposa imaculada do Espírito Santo, por aquele gozo que experimentais agora no paraíso, porque pela vossa humildade, pureza e virgindade fostes exaltada acima de todos os anjos e sublimada além de todos os santos. *Ave-Maria* etc. *Glória* etc.

2. Alegrai-vos, ó Mãe de Deus, por aquele gozo que experimentais no paraíso, porque da mesma forma que o sol cá na terra ilumina o mundo inteiro, assim vós com o vosso resplendor embelezais e fazeis resplandecer todo o paraíso. *Ave-Maria* etc.

3. Alegrai-vos, ó filha de Deus, pela sublime dignidade a que fostes exaltada no paraíso, porque todas as hierarquias dos anjos, dos arcanjos, dos tronos, das dominações e de todos os espíritos bem-aventurados vos prestam

honra e reverência e vos reconhecem por Mãe de seu Criador, e ao menor aceno vosso vos prestam imediata obediência. *Ave* etc.

4. Alegrai-vos, ó serva da Santíssima Trindade, pelo grande poder que tendes no paraíso, porque vos são imediatamente concedidas todas as graças que pedis ao vosso filho Jesus, de tal sorte que, diz São Bernardo, não se concede nenhuma graça aos homens, sem que antes passe pelas vossas mãos santíssimas. *Ave* etc.

5. Alegrai-vos, ó augustíssima rainha, porque só vós merecestes assentar-vos à direita do vosso santíssimo filho, que está assentado à direita do Eterno Pai. *Ave* etc.

6. Alegrai-vos, ó esperança dos pecadores, refúgio dos atribulados, ao ver que todos os que vos louvam e veneram neste mundo são premiados pelo Eterno Pai com a sua santa graça na terra e com a sua imensa glória no céu. *Ave* etc.

7. Alegrai-vos, ó mãe, filha e esposa de Deus, porque todas as graças, todos os gozos, todas as alegrias e todos os privilégios, de que agora gozais no paraíso, não diminuirão jamais; antes aumentarão até ao dia do juízo e durarão por toda a eternidade. *Ave* etc.

Oração à Beatíssima Virgem: Ó gloriosa Virgem Maria, Mãe de meu Senhor, fonte de todas as nossas consolações, por estas vossas alegrias, que recordei com a maior devoção que me foi possível, rogo-vos me alcanceis de Deus a remissão dos meus pecados e o auxílio contínuo de sua graça, para que nunca me torne indigno da vossa proteção, mas pelo contrário tenha a dita de receber todos os favores celestes que costumais alcançar e conceder aos que fazem devota comemoração destas alegrias, que inundam o vosso belo coração, ó rainha imortal do céu.

Exercício de devoção ao Santo Anjo da Guarda

1. Anjo da minha Guarda, que não desdenhais velar com tanto cuidado por mim, miserável pecador, oh! por piedade, suplico-vos que animeis o meu espírito com fé viva, firme esperança e ardente caridade, de tal modo que, desprezando o mundo, só pense em amar e servir meu Deus. Três vezes *Angele Dei* e três *Glória* etc.

2. Nobilíssimo príncipe da corte celestial, que vos dignais tomar cuidado de minha pobre alma, defendei-a contra as insídias e os assaltos do demônio, para que no futuro não torne mais a ofender ao meu Deus. Três vezes *Angele Dei* etc.

3. Espírito gloriosíssimo, que com ininterrupta benignidade vos ocupais da minha alma, alcançai-me a graça de ser sempre devoto vosso e de praticar com fidelidade as recomendações e os conselhos que vos dignardes sugerir ao meu espírito e inspirar ao meu coração. Três vezes *Angele Dei* etc.

4. Guarda piedosíssimo de minha alma, vós que tanto vos humilhastes vindo do céu à terra para desempenhar o vosso ministério em favor de uma criatura tão mesquinha como eu, fazei que possa também eu adquirir o espírito de verdadeira humildade e plenamente me convença de que, por mim só, nada posso sem o vosso auxílio e sem a graça de meu Senhor. Três vezes *Angele Dei* etc.

5. Espírito benigníssimo, que tantas fadigas suportais para a salvação de minha alma, alcançai-me do Senhor que na hora derradeira da minha vida a minha alma por vós defendida passe das vossas mãos aos braços amorosísimos de meu Jesus. Três vezes *Angele Dei* etc.

Oração. Meu amabilíssimo Guarda, dado que tudo o que fazeis neste mundo em meu favor não tem outro fim a não ser a salvação de minha alma, eu vos peço, quando estiver no meu leito de morte, privado de todos os sentidos, imerso nas angústias da agonia, e quando a minha alma se apartar do corpo para comparecer diante do seu Criador, defendei-a dos seus inimigos e levai-a vencedora convosco para gozar eternamente da glória do paraíso. Assim seja.

Breve maneira de fazer a Via-Sacra

V. Adoramus te, Christe, et benedicimus tibi.

R. Quia per sanctam crucem et mortem tuam redemisti mundum.

Oremus: Respice, quaesumus, Domine, super hanc familiam tuam, pro qua Dominus noster Iesus Christus non dubitavit manibus tradi nocentium et crucis subire tormentum. Qui tecum vivit et regnat in saecula saeculorum. Amen.

Ato de contrição: Meu Redentor e meu Deus, eis-me aqui a vossos pés, arrependido de todo o coração dos meus pecados, pois com eles ofendi a vossa infinita bondade. Quero antes morrer do que tornar a ofender-vos, porque vos amo sobre todas as coisas. *Miserere nostri, Domine, miserere nostri.*

Santa Mãe, isto vos peço: fique bem meu peito impresso das chagas do meu Senhor.

Stabat Mater dolorosa / iuxta crucem lacrimosa / dum pendebat Filius,

*I Estação**V. Adoramus te, Christe, et benedicimus tibi.**R. Quia per sanctam crucem et mortem tuam redemisti mundum.*

Esta primeira estação nos representa o pretório de Pilatos, onde o nosso Divino Redentor recebeu a sentença de morte. Considera, ó minha alma, como Pilatos condenou à morte de cruz o nosso inocentíssimo Jesus e como ele se submeteu de boa vontade a essa condenação, para livrar-te da eterna perdição. Meu Jesus! Eu vos agradeço tanta caridade e vos suplico que canceleis a sentença de morte eterna merecida pelas minhas culpas, para que me torne digno de gozar a vida eterna. *Pai-nosso, Ave-Maria, Glória etc. Miserere nostri, Domine, miserere nostri.*

Santa Mãe, isto vos peço: fique bem meu peito impresso das chagas do meu Senhor.

*Cuius animam gementem, / contristatam et dolentem / pertransivit gladius.**II Estação**V. Adoramus te, Christe, et benedicimus tibi.**R. Quia per sanctam crucem et mortem tuam redemisti mundum.*

Esta segunda estação nos representa como puseram às costas de Jesus o pesadíssimo madeiro da cruz. Considera ó minha alma, como Jesus sujeitou seus ombros à cruz, que teus enormes e muitíssimos pecados tornavam ainda mais pesada. Meu Jesus! Perdoai-me e concedei-me a graça de que nunca mais, durante o resto da minha vida, vos sobrecarregue de novas culpas, mas antes suporte sempre a cruz de uma verdadeira penitência. *Pai-nosso, Ave-Maria, Glória etc. Miserere nostri, Domine, miserere nostri.*

Santa Mãe, isto vos peço, etc.

*O quam tristis et afflicta / fuit illa benedicta / Mater Unigeniti!**III Estação**V. Adoramus te, Christe, et benedicimus tibi.**R. Quia per sanctam crucem et mortem tuam redemisti mundum.*

Esta terceira estação nos representa como Jesus caiu pela primeira vez debaixo da cruz. Considera, ó minha alma, como Jesus, não podendo suportar o duro peso da cruz, caiu debaixo dela com grande dor. Meu Jesus! As

minhas recaídas no pecado são disto a causa. Eu vos suplico me deis a graça de nunca mais renovar esta dor com novos pecados. *Pai-nosso, Ave-Maria, Glória* etc. *Miserere nostri, Domine, miserere nostri.*

Santa Mãe, isto vos peço, etc.

Quae maerebat et dolebat, / pia Mater, dum videbat / Nati paenas inclyti.

IV Estação

V. Adoramus te, Christe, et benedicimus tibi.

R. Quia per sanctam crucem et mortem tuam, redemisti mundum.

Esta quarta estação nos representa o encontro dolorosíssimo de Maria Santíssima com seu divino Filho. Considera, ó minha alma, como ficou transpassado o coração da Virgem Santíssima vendo a Jesus, e o coração de Jesus vendo sua tão aflita Mãe. Tu, com teus pecados, foste a causa dessa dor de Jesus e de Maria. Oh! Jesus! Oh! Maria! Fazei que eu sinta uma verdadeira dor dos meus pecados, para que os chore enquanto viver e mereça na hora da morte encontrar-vos cheios de compaixão para comigo. *Pai-nosso, Ave-Maria, Glória* etc. *Miserere nostri, Domine, miserere nostri.*

Santa Mãe, isto vos peço, etc.

Quis est homo, qui non fleret, / Matrem Christi si videret / in tanto supplicio?

V Estação

V. Adoramus te, Christe, et benedicimus tibi.

R. Quia per sanctam crucem et mortem tuam redemisti mundum.

Esta quinta Estação nos representa como Simão Cireneu foi obrigado a carregar a cruz, acompanhando a Jesus Cristo. Considera, ó minha alma, como não tendo Jesus mais forças para carregar a cruz, os judeus, com fingida compaixão, o aliviaram desse enorme peso. Meu Jesus! A mim é que é devida a cruz, pois que pequei. Fazei que ao menos vos acompanhe, carregando, por vosso amor, a cruz de qualquer adversidade. *Pai-nosso, Ave-Maria, Glória* etc. *Miserere nostri, Domine, miserere nostri.*

Santa Mãe, isto vos peço, etc.

Quis non posset contristari / piam matrem contemplari / dolentem cum Filio?

VI Estação

V. *Adoramus te, Christe, et benedicimus tibi.*

R. *Quia per sanctam crucem et mortem tuam redemisti mundum.*

Esta sexta estação nos representa como a Verônica enxugou o rosto de Jesus. Considera, ó minha alma, o benefício prestado a Jesus por esta piedosa mulher, e como ele a recompensou logo, permitindo que seu rosto ficasse impresso naquele pano. Meu Jesus! Dai-me a graça de purificar a minha alma de todas as manchas e de imprimir em minha mente e no meu coração a vossa santíssima paixão. *Pai-nosso, Ave-Maria, Glória* etc. *Miserere nostri, Domine, miserere nostri.*

Santa Mãe, isto vos peço, etc.

Pro peccatis suae gentis / vidit Jesum in tormentis / et flagellis subditum.

VII Estação

V. *Adoramus te, Christe et benedicimus tibi.*

R. *Quia per sanctam crucem et mortem tuam redemisti mundum.*

Esta sétima estação nos representa a segunda queda de Jesus com grande dor e tormento. Considera, ó minha alma, que os padecimentos de Jesus nesta nova queda são efeito de tuas recaídas no pecado. Meu Jesus! Eu me confundo na vossa presença, e vos peço que me concedais a graça de levantar-me de minhas culpas, de maneira a nunca mais nelas recair. *Pai-nosso, Ave-Maria, Glória* etc. *Miserere nostri, Domine, miserere nostri.*

Santa Mãe, isto vos peço, etc.

Vidit suum dulcem Natum / moriendo desolatum / dum emisit spiritum.

VIII Estação

V. *Adoramus te, Christe et benedicimus tibi.*

R. *Quia per sanctam crucem et mortem tuam redemisti mundum.*

Esta oitava estação nos representa como Jesus encontrou as piedosas mulheres que choravam por ele. Considera, ó minha alma, como Jesus disse àquelas mulheres que não chorassem por ele, mas por si mesmas, para que aprendas que debes primeiro chorar os teus pecados e depois os seus sofrimentos. Meu Jesus! Dai-me lágrimas de verdadeira contrição, para que me seja meritória a compaixão que tenho de vossas dores. *Pai-nosso, Ave-Maria, Glória* etc. *Miserere nostri, Domine, miserere nostri.*

Santa Mãe, isto vos peço, etc.

Eia, Mater fons amoris, / me sentire vim doloris / fac, ut tecum lugeam.

IX Estação

V. Adoramus te, Christe et benedicimus tibi.

R. Quia per sanctam crucem et mortem tuam redemisti mundum.

Esta nona estação nos representa a terceira queda de Jesus, que lhe causou novas feridas e novos tormentos. Considera, ó minha alma, como o bom Jesus caiu pela terceira vez, porque a tua obstinação no mal te levou a continuares a cair em novas culpas. Ah! Jesus! Para vos dar alívio, quero para sempre acabar com minhas culpas. Confirmai o meu propósito e tornai-o eficaz com a vossa santa graça. *Pai-nosso, Ave-Maria, Glória* etc. *Miserere nostri, Domine, miserere nostri.*

Santa Mãe, isto vos peço, etc.

Fac ut ardeat cor meum / in amando Christum Deum / ut sibi complaceam.

X Estação

V. Adoramus te, Christe et benedicimus tibi.

R. Quia per sanctam crucem et mortem tuam redemisti mundum.

Esta décima estação nos representa como Jesus, tendo chegado ao Calvário, foi despido de suas vestes e lhe deram a beber fel e mirra. Considera, ó minha alma, o pejo que Jesus experimentou, vendo-se despido, e o tormento que sofreu ao darem-lhe a beber fel e mirra. E foi isto em castigo de tuas faltas de modéstia e de tua gula. Meus Jesus! Eu me arrependo de meus excessos e proponho nunca mais durante toda a minha vida tornar a magoar-vos com eles, mas sim viver com toda a modéstia e temperança. Assim o espero com o vosso divino auxílio. *Pai-nosso, Ave-Maria, Glória* etc. *Miserere nostri, Domine, miserere nostri.*

Santa Mãe, isto vos peço, etc.

Sancta Mater, istud agas / Crucifixi fige plagas / cordi meo valide.

XI Estação

V. Adoramus te, Christe et benedicimus tibi.

R. Quia per sanctam crucem et mortem tuam redemisti mundum.

Esta décima primeira estação nos representa como Jesus foi pregado na cruz, na presença de sua afitíssima Mãe. Considera, ó minha alma, os horríveis sofrimentos de Jesus quando lhe transpassaram com cravos as mãos e os pés. Oh! crueldade dos Judeus! Oh! amor de Jesus para conosco! Meu Jesus! Vós sofrestes tanto por amor de mim e eu fujo o mais que posso de qualquer sofrimento. Pregai em vossa cruz a minha vontade, resolvida a nunca mais vos ofender e a sofrer até de boa vontade, por vosso amor, qualquer tormento. *Pai-nosso, Ave-Maria, Glória etc. Miserere nostri, Domine, miserere nostri.*

Santa Mãe, isto vos peço, etc.

Tui nati vulnerati / tam dignati pro me pati / paenas mecum divide.

XII Estação

V. *Adoramus te, Christe et benedicimus tibi.*

R. *Quia per sanctam crucem et mortem tuam redemisti mundum.*

Esta décima segunda estação nos representa a morte de Jesus na cruz. Considera, ó minha alma, que, depois de três horas de agonia, o teu Redentor morreu na cruz, para a tua salvação. Ah! meu Jesus! É bem justo que eu empregue em vosso serviço o resto de minha vida, pois por mim destes a vossa no meio de tantos tormentos. Assim proponho: auxilie-me a vossa graça pelos merecimentos de vossa morte. *Pai-nosso, Ave-Maria, Glória etc. Miserere nostri, Domine, miserere nostri.*

Santa Mãe, isto vos peço, etc.

Fac me tecum pie flere, / Crucifixo condolere / donec ego vixero.

XIII Estação

V. *Adoramus te, Christe et benedicimus tibi.*

R. *Quia per sanctam crucem et mortem tuam redemisti mundum.*

Esta décima terceira estação nos representa como foi tirado da cruz o corpo santíssimo de Jesus e depositado nos braços da Santíssima Virgem Maria, sua Mãe. Considera, ó minha alma, a dor de Maria Santíssima vendo morto em seus braços o seu divino filho. Virgem Santíssima, alcançai-me, pelos merecimentos de Jesus, a graça de nunca mais em minha vida renovar o que foi causa da sua morte, para que ele viva sempre em mim com a sua divina graça. *Pai-nosso, Ave-Maria, Glória etc. Miserere nostri, Domine, miserere nostri.*

Santa Mãe, isto vos peço, etc.

Iuxta crucem tecum stare / et me tibi sociare / in planctu desidero.

Última Estação

V. *Adoramus te, Christe et benedicimus tibi.*

R. *Quia per sanctam Crucem et mortem tuam redemisti mundum.*

Esta última estação nos representa a sepultura de nosso Redentor. Considera, ó minha alma, como o corpo santíssimo de Jesus foi sepultado com grande devoção no sepulcro novo para ele preparado. Meu Jesus! Eu vos agradeço tudo o que sofrestes por mim e vos suplico me outorgueis a graça de preparar o meu coração para receber-vos dignamente na comunhão, e estabeleçais para sempre a vossa morada na minha alma. *Pai-nosso, Ave-Maria, Glória etc. Miserere nostri, Domine, miserere nostri.*

Santa Mãe, isto vos peço, etc.

Quando corpus morietur, / fac ut animae donetur / paradisi gloria.

V. *Salva nos, Christe Salvator, per virtutem crucis.*

R. *Qui salvasti Petrum in mari, miserere nobis.*

Oremus: *Deus, qui unigeniti Filii tui pretioso sanguine vivificae crucis vexillum sanctificare voluisti, concede, quaesumus, eos qui eiusdem sanctae crucis gaudent honore, tua quoque ubique protectione gaudere. Per eundem Christum Dominum nostrum.* R. Amen.

V. *Divinum auxilium maneat semper nobiscum.*

R. Amen.

Oração do papa Bento XIII para pedir a Deus a graça de não morrer improvisamente

Misericordiosíssimo Senhor Jesus, por vossa agonia e suor de sangue, e pela vossa morte, livrai-me, eu vos suplico, da morte repentina e improvisa.

Benigníssimo Senhor Jesus, por vossa acerbíssima e ignominiosíssima flagelação e coroação, por vossa cruz e paixão amaríssima e por vossa bondade, humildemente vos peço não permitais que eu morra repentinamente e sem os santos sacramentos.

Meu muito amado Jesus, Deus e Senhor meu, por todos os vossos trabalhos e dores, por vosso precioso sangue e por vossas sacrossantas chagas, por aquelas últimas palavras, que vós, ó meu dulcíssimo Jesus, proferistes na cruz: *Deus meus, Deus meus, ut qui dereliquisti me?* [Mc 15,34] e por aquelas outras:

Pai, em vossas mãos encomendo o meu espírito, ardentíssimamente vos rogo me livres da morte repentina. As vossas mãos, meu Redentor, me fizeram e formaram todo inteiro. Por piedade, não permitais que eu seja surpreendido improvisamente pela morte. Eu vos suplico, dai-me tempo para fazer penitência; concedei-me um trânsito feliz e na vossa graça, para que eu vos ame de todo o coração, vos louve e bendiga eternamente.

Meu Senhor Jesus Cristo, por aquelas cinco chagas que o amor para conosco vos abriu na cruz, socorrei vossos servos, a quem remistes com o vosso preciosíssimo sangue: *Sanguinisque pretiosi quem in mundi pretium.* Assim seja.

Oração a São José

Gloriosíssimo São José, venturoso esposo de Maria, vós que merecestes ser o guarda de Salvador do mundo Jesus Cristo, e que, abraçando-o ternamente, gozastes antecipadamente do paraíso, ah! alcançai-me do Senhor inteiro perdão dos meus pecados, a graça de imitar vossas virtudes, para que eu caminhe sempre pela vereda que conduz ao céu. Assim como merecestes ter a Jesus e Maria junto ao vosso leito, na hora da vossa morte e em seus braços exalar docemente vossa alma bem-aventurada, peço-vos digneis defender-me dos inimigos de minha alma em meus últimos momentos, a fim de que, consolado pela doce esperança de voar convosco ao paraíso a possuir a glória eterna, expire pronunciando os nomes santíssimos de Jesus, José e de Maria.

Oração para a boa morte

Senhor Jesus, Deus de bondade, Pai de misericórdia, eu me apresento diante de vós com o coração humilhado, contrito e compungido; recomendo-vos minha última hora e o que depois dela me espera.

Quando meus pés imóveis me advertirem que minha carreira neste mundo está próxima a terminar, *ó misericordioso Jesus, tende piedade de mim.*

Quando minhas mãos, trêmulas e entorpecidas, já não puderem sustentar vossa imagem crucificada e, a meu pesar, a deixar cair sobre o leito das minhas dores, *ó misericordioso Jesus, tende piedade de mim.*

Quando meus olhos, já vidrados e ofuscados pelo horror da morte iminente, se fixarem em vós com um olhar lânguido e moribundo, *ó misericordioso Jesus, tende piedade de mim.*

Quando os meus lábios, frios e trémulos, pronunciarem pela última vez vosso Nome adorável, *ó misericordioso Jesus, tende piedade de mim.*

Quando minhas faces, pálidas e lívidas, inspirarem aos circunstantes compaixão e terror, e os meus cabelos, banhados do suor da morte se eriçarem, indicando que está próximo a meu fim, *ó misericordioso Jesus, tende piedade de mim.*

Quando meus ouvidos, prestes a cerrarem-se para sempre às palavras dos homens, se abrirem para escutar a vossa voz, que pronuncia a irrevogável sentença que há de fixar a minha sorte por toda a eternidade, *ó misericordioso Jesus, tende piedade de mim.*

Quando minha imaginação, agitada pelos horrendos e temerosos fantasmas, estiver submersa em mortais tristezas, e o meu espírito, perturbado ao aspecto de minhas iniquidades e pelo temor da vossa justiça, lutar contra o anjo das trevas, que buscará privar-me da vista consoladora das vossas misericórdias e lançar-me no desespero, *ó misericordioso Jesus, tende piedade de mim.*

Quando meu débil coração, oprimido pelas dores da enfermidade, estiver tomado dos horrores da morte e exausto de forças pelas lutas sustentadas contra os inimigos da minha salvação, *ó misericordioso Jesus, tende piedade de mim.*

Quando eu derramar minhas últimas lágrimas, sintoma da minha destruição, recebei-as, meu Jesus, em sacrifício expiatório, para que expire como vítima de penitência, e naquele terrível momento, *ó misericordioso Jesus, tende piedade de mim.*

Quando meus parentes e amigos, estando em torno de mim, se enterrecerem ao ver o meu lastimoso estado, e por mim vos invocarem, *ó misericordioso Jesus, tende piedade de mim.*

Quando houver perdido o uso de todos os meus sentidos, e o mundo inteiro tiver desaparecido para mim, e gemer nas angústias da última agonia e nas aflições da morte, *ó misericordioso Jesus, tende piedade de mim.*

Quando as últimas ânsias do coração forçaem minha alma a sair do corpo, aceitai-as como sinais de uma santa impaciência de chegar a vós, e vós, *ó misericordioso Jesus, tende piedade de mim.*

Quando minha alma, fugindo-me dos lábios, partir para sempre deste mundo e abandonar meu corpo pálido, frio e sem vida, aceitai a destruição de meu ser como homenagem que presto a vossa divina majestade; e então, *ó misericordioso Jesus, tende piedade de mim.*

Quando finalmente minha alma comparecer diante de vós, e vir pela primeira vez o esplendor imortal de vossa majestade, não a expulsem de vossa presença; mas dignai-vos receber-me no seio amoroso da vossa misericórdia, para que eu cante eternamente os vossos louvores, *ó misericordioso Jesus, tende piedade de mim.*

Oração: Ó Deus, que nos condenando à morte, nos ocultastes a hora e o momento dela, fazei que vivendo eu em justiça e santidade todos os dias da vida, possa merecer a graça de sair deste mundo em vosso santo amor, pelos merecimentos de Nosso Senhor Jesus Cristo, que convosco vive e reina em unidade do Espírito Santo. Assim seja (*Pio VII concedeu indulgência de 100 dias para quem recita todos os dias esta oração e, por um mês, indulgência plenária*)

Oração pelas almas do purgatório

Senhor todo-poderoso, que pelo amor que tendes aos homens, vos dignastes revestir carne humana, viver nas privações, sofrer uma dolorosíssima paixão e enfim morrer na cruz, ah! por tantos merecimentos que nos alcançastes com o vosso preciosíssimo sangue, peço-vos volvais um olhar piedoso aos tormentos que no purgatório padecem aquelas santas almas; elas saíam deste vale de pranto na vossa graça e sofrem agora os ardores daquelas chamas para pagar as dívidas que ainda têm para com a vossa divina justiça. Aceitai, pois, ó piedosíssimo Senhor, as orações que por elas humildemente vos ofereço; tirai-as daquele tenebroso cárcere e chamai-as à glória do paraíso. Recomendo-vos de modo particular as almas de meus parentes, dos meus benfeitores espirituais e temporais, e especialmente as almas a quem eu tenha podido ser ocasião de pecado com o meu mau exemplo. Virgem Santíssima, mãe piedosa, consoladora dos atribulados, intercedei vós por aquelas almas, a fim de que pela vossa poderosíssima intercessão possam fruir do paraíso para elas preparado.

V. Te ergo, quaesumus, tuis famulis subveni.

R. Quos pretioso sanguine redemisti. Pai-nosso, Ave-Maria e Requiem.

A respeito da escolha do estado de vida

Edição impressa em Giovanni BOSCO, *Il giovane provveduto per la pratica dei suoi doveri negli esercizi di cristiana pietà per la recita dell'Uffizio della B. Vergine, dei Vesperi di tutto l'anno e dell'Uffizio dei morti coll'aggiunta di una scelta di laudi sacre.* Turim, Tipografia e Libreria Salesiana 1880, pp. 75-78.

Nos seus eternos desígnios, Deus marcou a cada um de nós uma determinada condição de vida e as graças relativas. Como em todos os casos, também neste, que é de capital importância, o cristão deve procurar conhecer a vontade divina, imitando a Jesus Cristo, que protestava ter vindo ao mundo somente para cumprir a vontade de seu Eterno Pai. É pois de suma importância, jovem, que procures ver bem claramente neste assunto, para não assumires estados e ocupações às quais o Senhor não te destina.

A uma alma favorecida por Deus de modo singular, manifestou ele por via extraordinária o estado a que a chamava. Tu não pretendas tanto, mas consola-te com a segurança de que Deus te guiará pelo reto caminho, contanto que da tua parte não descures os meios oportunos para tomar uma prudente determinação.

Um destes meios é conservar-te ilibado durante a infância e juventude, ou reparar com uma sincera penitência os anos passados infelizmente no pecado. Outro meio é a oração humilde e perseverante. Será bom repetir com São Paulo: *Senhor, que quereis que eu faça?* Ou então com Samuel: *Falai, Senhor, que o vosso servo vos escuta.* Ou com o Salmista: *Ensinai-me a fazer a vossa vontade, porque sois vós o meu Deus.* Ou alguma outra afetuosa aspiração semelhante a essas.

Quando tiveres de tomar uma determinação, dirige-te a Deus com as mais especiais e frequentes orações; aplica para esse fim a santa missa que ouvires, aplica algumas comunhões. Poderás também fazer alguma novena, algum tríduo, alguma abstinência, visitar algum santuário célebre. Recorre também a Nossa Senhora, que é a mãe do bom conselho; a São José, seu esposo, que sempre foi fidelíssimo às ordens divinas; ao Anjo da Guarda, aos teus santos padroeiros. Ótima coisa seria, sendo possível, antes de tomar decisão de tamanha importância, fazer os exercícios espirituais ou algum dia de retiro.

Promete que haverás de fazer a vontade de Deus, aconteça o que acontecer e apesar da desaprovação de quem julga de acordo com o ponto de vista do mundo.

Acontecendo que os pais ou outras pessoas de respeito quisessem dissuadir-te do caminho ao qual Deus te chama, lembra-te de que então é o caso de pôr em prática o grande aviso do Evangelho, isto é, de obedecer de preferência a Deus não aos homens. Não esqueças absolutamente o respeito e a honra que lhes debes; responde e trata-os sempre com humildade e mansidão, mas sem prejudicar o supremo interesse da tua alma. Toma conselho sobre o modo de te haveres e confia naquele que tudo pode. Consulta o confessor, declarando com toda a clareza o teu caso e as tuas disposições.

O jovem fiel à sua vocação

Quando São Francisco de Sales manifestou em sua casa que Deus o chamava ao sacerdócio, os pais lhe observaram que na qualidade de primogênito da família, devia ser seu apoio e sustentáculo, que a inclinação ao estado eclesiástico provinha de uma devoção indiscreta e que ele poderia perfeitamente tornar-se santo também vivendo no mundo. E até para melhor levá-lo a secundar as suas intenções, propuseram-lhe um casamento muito vantajoso. Mas nada pôde demovê-lo do seu propósito. Antepôs constantemente a vontade de Deus à vontade dos pais, a quem amava com toda a ternura e dedicava profundo respeito; preferiu renunciar a todas as vantagens temporais, a ter que faltar à graça da vocação. E os pais que, não obstante alguma ideia menos reta derivada do ponto de vista mundano, eram pessoas piedosas, mais tarde tiveram que se declarar satisfeitos com a resolução do filho.

Oração para conhecer a própria vocação

Eis-me a vossos pés, ó Virgem piedosa, para pedir-vos a graça importantíssima da escolha do meu estado de vida. Não procuro outra coisa senão fazer perfeitamente a vontade do vosso divino filho em todo o tempo da minha vida. Desejo ardentemente escolher o estado que me deixar mais feliz no momento da morte. Ah! mãe do bom conselho, fazei ressoar aos meus ouvidos uma voz que afaste toda dúvida da minha mente. A vós, que sois a Mãe do meu Salvador, cabe ser também a mãe da minha salvação; porque se vós, ó Maria, não me comunicardes um raio do sol divino, que luz há de me iluminar? Se vós não me instruís, ó Mãe da Sabedoria incriada, quem me ensinará? Orientai-me, a mim que estou duvidoso e vacilante, conduzi-me pelo reto caminho que conduz à vida eterna, dado que vós sois a única esperança de virtude e de vida, cujos frutos são somente frutos de honra e de honestidade. Três *Pai-nossos*, *Ave-Marias* e *Glória*.

II. CONSELHOS ESPIRITUAIS NAS CARTAS DE DOM BOSCO A MENINOS E JOVENS

A correspondência de São João Bosco reflete a sua múltipla atividade de promotor de obras educativas e assistenciais, de empreendimentos editoriais e missionários. Documenta também a vastíssima rede de relações que ele criou. Suas cartas são de um homem de ação, de um organizador incansável, de um comunicador perspicaz, de um fundador religioso e de um apaixonado animador de iniciativas católicas. Pouco espaço é dado aos aspectos espirituais, que ele prefere tratar na pregação, nos colóquios pessoais ou no contexto do sacramento da penitência.

Todavia, não faltam cartas que, apesar de breves, oferecem orientações espirituais e conselhos preciosos, dos quais emerge a sabedoria e a experiência de um forjador de almas.

Aqui são transcritas, a título de exemplo, algumas correspondências dirigidas a meninos e jovens, com sugestões e pequenos programas de vida, que refletem os traços que caracterizam o seu magistério espiritual, sempre orientado para a concretude de uma vivência cristã fecunda de obras e de tensão virtuosa.

185. A Estêvão Rossetti

Edição crítica em E(m) I, pp. 500-501.

Santo Inácio (Lanzo), 25 de julho de 1860

Amadíssimo filho,

A carta que me escreveste causou-me imenso prazer. Nela mostras que compreendeste minhas disposições para contigo. Sim, meu caro, eu te amo de todo o coração, e o meu amor me leva a fazer tudo quanto posso para fazer-te progredir no estudo e na piedade e guiar-te pelo caminho do céu. Lembra os muitos conselhos que te dei em várias circunstâncias: conserva-te alegre, mas a tua alegria seja verdadeira, como a que nasce de uma consciência limpa do pecado. Estuda para te tornares muito rico, mas rico de virtudes, porque a maior riqueza é o santo temor de Deus. Foge dos maus, sê amigo dos bons; põe-te nas mãos do teu pároco e segue seus conselhos e tudo irá bem.

Saudações a teus pais; reza por mim, e enquanto Deus te mantiver longe de mim, peço-lhe que te conserve sempre junto dele até voltares para cá, ao mesmo tempo que sou, com paterno afeto

Afeiçoadíssimo

Sac. João Bosco

186. A Severino Rostagno

Edição crítica em E(m) I, p. 423.

Turim, 5 de setembro de 1860

Caríssimo filho,

Tua carta causou-me prazer. Se experimentaste grande consolação por aquele momento de tempo em que estivemos juntos conversando rapidamente, que alegria não será para nós quando, com a ajuda de Deus, viveremos sempre felizes no céu onde havemos de juntar nossas vozes para louvar o nosso Criador por toda a eternidade?

Coragem, pois, meu filho, permanece firme na fé, cresce dia a dia no santo temor de Deus; guarda-te dos maus companheiros como de serpentes venenosas, frequenta os sacramentos da confissão e da comunhão; sê devoto de Maria Santíssima e serás eternamente feliz.

Quando te vi pareceu-me divisar um plano da divina Providência para ti; não o digo por ora: se vieres ver-me outra vez falarei mais claramente e saberás então o motivo de algumas palavras ditas nessa ocasião.

Que o Senhor dê a ti e à tua mãe saúde e graça; reza por mim que sou de coração teu

Afeiçoadíssimo

Sac. João Bosco

187. A João Garino

Edição crítica em E(m) I, p. 144.

Calliano, 10 de outubro de 1860 [?]

Caríssimo Garino,

Recebi com satisfação a tua carta e alegro-me pela tua firme vontade de ser bom, a fim de te tornares um ótimo eclesiástico. Da minha parte farei tudo o que puder, mas também preciso de alguma coisa da tua parte. De quê? De uma confiança ilimitada em tudo o que se refere ao bem da tua alma. Eu precisaria fazer de ti um caçador de almas, mas temendo que tu sejas caçado por outros, só te proponho que te tornes modelo entre teus colegas em fazer o bem. Além disso, para ti será sempre uma grande fortuna quando promoveres algum bem ou impedires algum mal entre teus colegas.

Ama-me como eu te amo no Senhor; reza também por mim que de coração sou teu

Afeiçoadíssimo

Sac. João Bosco

188. A Emanuel Fassati

Edição crítica em E(m) I, pp. 459-460.

Turim, 8 de setembro de 1861

Caro Emanuel,

Enquanto gozas do campo com o bom Estanislau, venho com tua *maman* fazer-te uma visita, com este bilhete que tenho o dever de te escrever.

Meu objetivo é o de traçar um belo projeto para ti. Escuta, pois: a idade, os estudos que estás fazendo parecem suficientes para seres admitido à primeira comunhão. Eu então queria que a próxima Páscoa fosse para ti o grande dia da tua primeira comunhão. Que achas, querido Emanuel? Tenta falar com

teus pais e ouvir-lhes a opinião. Mas queria que desde agora começassem a preparar-te, sendo de modo especial exemplar em praticar o seguinte:

1º Obediência exata aos teus pais e aos outros teus superiores, sem nunca fazer oposição a qualquer ordem.

2º Pontualidade no cumprimento dos deveres, especialmente nos da escola, sem que nunca tenham de te repreender para que os cumpras.

3º Apreciar muito todas as coisas de devoção. Por isso, fazer bem o sinal da santa cruz, rezar de joelhos em atitude composta, assistir com exemplaridade às coisas da igreja.

Eu ficaria bem contente se me respondesses a respeito das propostas que te fiz. Peço-te que saúdes em meu nome Azélia e Estanislau. Conservai-vos todos alegres no Senhor.

Deus vos abençoe a todos; rezai por mim; tu especialmente, caro Emanuel, dá-me alegria pelo teu bom procedimento, e acredita-me sempre teu

Afeiçoadíssimo amigo

Sac. João Bosco

189. Aos jovens do Oratório

Edição crítica em E(m) I, p. 694.

Do santuário de Oropa (Biella), 6 de agosto de 1863

Caríssimos filhos estudantes,

Se vós, meus queridos filhos, estivésseis neste monte ficaríeis certamente comovidos. Um grande edifício em cujo centro há uma igreja devota e que forma o que comumente se chama santuário de Oropa. Há aqui um contínuo vaivém de pessoas. Alguns agradecem a Nossa Senhora as graças recebidas, outros imploram que os livre de um mal espiritual ou temporal, outros pedem a Nossa Senhora que os ajude a perseverar no bem, outros ainda a ter uma santa morte. Jovens e velhos, ricos e pobres, camponeses e senhores, cavalheiros, mulheres, vaqueiros, estudantes de todas as condições vemo-los continu-

amente se aproximar em grande número dos santos sacramentos da confissão e da comunhão e em seguida se dirigir para junto de uma estupenda estátua de Maria Santíssima a fim de implorar-lhe a celeste proteção.

Mas no meio de tanta gente o meu coração sentia um vivo pesar. Por quê? Não via os meus queridos jovens estudantes. Ah! sim, por que não posso ter meus filhos aqui, levá-los todos aos pés de Maria, oferecê-los a ela, colocá-los sob a sua celeste proteção, fazer de todos um Domingos Savio, um São Luís?

Para confortar o meu coração fui ao seu prodigioso altar e prometi a ela que chegando a Turim faria tudo quanto pudesse para inocular nos vossos corações a devoção a Maria e, recomendando-vos a ela, pedi para vós algumas graças especiais. Maria, disse-lhe, abençoai toda a nossa casa, afastai do coração dos nossos jovens até a sombra do pecado; sede guia dos estudantes, sede para eles a fonte da verdadeira sabedoria. Somos todos vossos, sempre vossos; e tende-os como filhos vossos e conservai-os entre os vossos devotos. Creio que a Santa Virgem me atendeu e espero que me haveis de ajudar para que possamos corresponder à voz de Maria, à graça do Senhor.

Que a Santa Virgem me abençoe, abençoe todos os sacerdotes e clérigos e todos os que empregam suas fadigas pela nossa casa, abençoe todos vós. Ela, do céu, nos ajude, e faremos todo esforço para merecer-lhe a santa proteção na vida e na morte. Assim seja.

Afeiçoadíssimo amigo em Jesus Cristo

Sac. João Bosco

190. A Emanuele Fassati

Edição crítica em E(m) I, p. 607.

Da tua casa de campo de Montemagno, 1º de outubro de 1863

Caro Emanuel,

Antes de partir, caro Emanuel, ouve duas palavras de um amigo da tua alma.

Chegando ao colégio que a prudência dos teus pais escolheram, procura pôr em prática estas recomendações:

1° Terás grande abertura de coração com os teus superiores. 2° Procurarás pôr em prática os conselhos do teu confessor. 3° Foge do ócio e dos companheiros que por acaso ouvires falar mal. 4° Reza todos os dias à Santa Virgem para que permita, sim, sofreres qualquer mal, nunca, porém, o de cair em pecado grave.

Deus te abençoe e te conserve em saúde e em graça, até nos vermos novamente em agosto de 1864, se ainda estivermos vivos. *Amen.*

Teu afeiçoadíssimo em Jesus Cristo

Sac. João Bosco

191. Aos alunos de Mirabello

Edição crítica em E(m) I, pp. 629-630.

Turim, 30 de dezembro de 1863

Aos meus amados filhos do Pequeno Seminário de São Carlos em Mirabello,

A graça de Nosso Senhor Jesus Cristo esteja sempre convosco. *Amen.*

Os sinais de afeto filial que vós, filhos muito queridos, me destes quando tive o prazer de fazer-vos uma visita, haviam-me decidido a ir procurar-vos novamente nestes dias de festas e de votos de felicidades. Não podendo fazê-lo pelas ocupações que me prendem, limito-me a escrever-vos uma carta para vos expor algumas preocupações do meu coração paterno.

Em primeiro lugar agradeço-vos tudo quanto fizestes por mim, as saudações que me foram enviadas, as orações elevadas a Deus pelo bem da minha alma; como também vos agradeço o afeto que tendes para com o padre Rua e para com os demais superiores desse seminário. Como estive convosco, indo muitas vezes ver-vos em espírito, julgo conveniente dizer-vos quanto pude observar em particular (para isso escrevo bilhetes à parte) e em geral.

Com verdadeira satisfação observei maior frequência aos santos sacramentos da confissão e da comunhão; atitude mais devota na igreja, especialmente na oração da noite; maior caridade em suportar as amolações dos companheiros; e, em muitos, o esforço de progredir no estudo e de combater os vícios e as más tentações. Isso eu observei com grande prazer da minha parte; todavia, se me permitis, devo dizer-vos algumas coisas que muito me amarguraram o coração.

Observei que alguns vão à igreja sem dar a impressão de entrar num lugar santo; que ouvem as pregações (e não são poucos) continuamente distraídos, sem sequer levar no coração algum propósito a praticar para o bem da própria alma. Notei que vários começam as orações e no fim nem sabem se as rezaram e até mesmo nem abrem a boca; encontrei outros que andaram brigando, outros que não podendo vingar-se, alimentam por muito tempo mau humor e ódio contra os seus rivais.

Há também os que fogem do trabalho como de enorme pedra que lhes pende sobre a cabeça; mas o que mais me amargurou foram os que procuraram introduzir máximas desonestas e conversas que São Paulo nem quer que se nomeiem entre os cristãos. Alguns houve, muito poucos, que, devo dizê-lo?, se aproximaram indignamente dos santos sacramentos.

São essas, meus amados filhos, as coisas que notei sobre o andamento do pequeno seminário de Mirabello. Pensais acaso que escrevo isso para vos repreender? Não; escrevo tão-somente para avisar-vos, e assim os bons se animem a perseverar, os tíbios procurem se aquecer e inflamar de amor de Deus, e quem precisar se levante do estado em que se encontra. Aqui teria muitas coisas a escrever, mas deixo para fazê-lo na minha próxima visita: direi então o que Nosso Senhor quer de vós no decorrer deste ano para que mereçais as suas bênçãos.

1º Fuga do ócio; portanto, suma diligência no cumprimento dos próprios deveres escolares e religiosos. O ócio é pai de todos os vícios.

2º Comunhão frequente. Que grande verdade estou a dizer-vos agora! A comunhão frequente é a grande coluna que sustenta o mundo moral e material, para que não caia em ruína.

3º Devoção e recurso frequente a Maria Santíssima. Jamais se ouviu dizer no mundo que alguém tenha recorrido com confiança a essa mãe celeste sem que tenha sido prontamente atendido.

Crede, meus queridos filhos, penso não exagerar afirmando que a comunhão frequente é uma grande coluna sobre a qual se apoia um polo do mundo; a devoção para com Nossa Senhora é a outra coluna sobre a qual se apoia o outro polo. Digo, pois, ao padre Rua, aos outros superiores, profes-

sores, assistentes, a todos os jovens, que recomendem, pratiquem, puguem, insistam com todo o ardor da caridade de Jesus Cristo, a fim de que não sejam nunca esquecidas essas três lembranças que eu vos mando para maior glória de Deus, para o bem das vossas almas, tão queridas a Nosso Senhor Jesus Cristo, que vive e reina com o Pai na unidade do Espírito Santo. Assim seja.

Enquanto vos garanto que todos os dias vos hei de recomendar ao Senhor na santa missa, recomendo também minha alma à caridade das vossas orações. Todos os jovens desta casa também se recomendam às vossas orações e vos desejam muitas bênçãos celestes. A Santa Virgem nos conserve a todos como sempre seus. *Amen.*

Vosso afeiçoadíssimo em Jesus Cristo

Sac. João Bosco

192. Ao padre Miguel Rua, aos salesianos e aos jovens de Mirabello

Edição crítica em E(m) II, p. 57.

Turim, 19 de junho de 1864

Ao padre Miguel Rua e a todos os meus queridos filhos de Mirabello.

Tu, caro padre Rua, e todos os demais meus amados filhos de Mirabello, vós me esperáveis para a festa de São Luís; podeis facilmente imaginar como teria sido grande o prazer de poder contentar-vos. Mas tenho alguns trabalhos em curso que me impedem absolutamente ir ter convosco; entre os demais, há a nova igreja, da qual se estão cavando atualmente os alicerces e que exige contínua assistência para as modificações que surgem a todo momento quanto à linha de demarcação. Por isso, é preciso que adiemos esta satisfação para a primeira quinzena de julho e então poderemos conversar, rir e brincar com algum brinde bem agradável.

Todavia, desde agora quero celebrar convosco a festa de São Luís; como, porém, dia 21, entre nós, não é um dia solene, sendo transferida para o dia 29 deste mês a solenidade, assim poderei rezar a santa missa para meus amados filhos de Mirabello. Portanto, unamo-nos todos no espírito do Senhor pedindo três coisas a São Luís:

1° Saúde e graça a fim de vos preparardes para fazer bem os vossos exames e dessa maneira as próximas férias serem mais agradáveis.

2° Imitar São Luís no bom exemplo, especialmente evitando falar mal.

3° Que o padre Rua, por minha conta, vos faça estar alegres, antes na igreja, depois ao almoço e finalmente com um belo passeio. Fazei assim a festa de São Luís e todos estaremos contentes.

Quanto ao mais, eu vos amo a todos no Senhor, e passam poucas horas do dia sem que eu vos visite e me entretenha convosco. Amemo-nos, mas amemo-nos para servir ao Senhor durante toda a nossa vida e depois gozarmos com ele por toda a eternidade.

A graça de Nosso Senhor Jesus Cristo esteja sempre conosco. Amém.

Com grande afeto sou

Vosso afeiçoadíssimo amigo

Sac. João Bosco

P.S. Muitas saudações à tua mãe, ao subdiácono Francisquinho, ao padre Bonetti e a toda a família Provera. Assim seja.

193. Aos alunos de Mirabello

Edição crítica em E(m) II, pp. 58-59.

[Turim, início de julho de 1864]

Aos meus queridos filhos de Mirabello,

Atrasei, amados filhos, a visita que havia prometido, mas o que mais me dói é nem mesmo ter podido ir para a festa de São Luís. Procuo agora o jeito de compensar o atraso com uma mais longa permanência entre vós. Terça-feira à tarde, se Deus quiser, aí pelas últimas horas, estarei em Mirabello. Mas por que estou avisando? Não basta chegar como de costume? Não, meus caros, não basta. Preciso falar-vos em público para contar-vos algumas coisas que estou certo serão de vosso agrado; falar-vos em particular de coisas nada agradáveis, mas que é preciso que saibais; falar-vos

também ao ouvido para quebrar os chifres do demônio que quer ser mestre e dono de alguns de vós.

Ponho aqui uma observação que numa recente visita pude fazer a respeito de alguns que devem ser avisados de modo especial; e peço ao vosso senhor diretor queira dizer-lhes em meu nome, que tenho grave necessidade de falar às suas almas, ao seu coração, à sua consciência; mas esta necessidade é somente para fazer-lhes bem à alma.

De resto digo-vos que, nas frequentes visitas que vos fiz, vi coisas que me dão muita consolação, especialmente os que frequentam exemplarmente a sagrada comunhão e cumprem exemplarmente os seus deveres. Observei também as pequenas negligências de alguns, mas disso não faço caso.

Em meio a isso tudo não vos preocupeis absolutamente. Estarei entre vós como pai, amigo e irmão; basta somente que ponhais por alguns instantes o vosso coração nas minhas mãos, e ficareis contentes. Vós ficareis contentes pela paz e pela graça do Senhor, de que por certo se enriquecerá vossa alma; eu ficarei contente por ter a grande e suspirada consolação de ver-vos todos na amizade de Deus Criador.

Mas isso tudo é para a alma; e para o corpo, nada? Certamente depois de havermos dado à alma o que lhe for necessário, não deixaremos o corpo em jejum. Desde agora recomendo ao senhor prefeito que dê as ordens oportunas para passarmos um belo dia, e se o tempo permitir, darmos também todos juntos um passeio.

A graça de Nosso Senhor Jesus Cristo esteja sempre convosco; e a Santíssima Virgem vos faça todos ricos da verdadeira riqueza, que é o santo temor de Deus. *Amen.*

Rezai por mim que sou com todo o coração vosso
Afeiçoadíssimo em Jesus Cristo

Sac. João Bosco.

P.S. Saudações especiais aos padres, mestres, assistentes e à família Provera, especialmente ao querido papai.

194. À jovem Aninha Pelazza

Edição crítica em E(m) II, p. 60.

Turim, 20 de julho de [1864]

Muito estimada jovem Aninha Pelazza,

1º A obediência é para vós o caminho seguro para chegar ao céu.

2º Para executar o pensamento que desde algum tempo ocupa a vossa mente (isto vós não o dissestes, mas parece-me vê-lo na vossa mente, isto é, fazer-vos religiosa), ponde-vos inteiramente nas mãos das vossas santas superiores.

3º Quando tiverdes necessidade de alguma coisa, ide pedi-la a Jesus Sacramentado e a Maria Imaculada, e sereis sempre atendida.

Deus vos abençoe e nos conceda a todos nós caminharmos pelo caminho da salvação da alma.

Orai por mim que sou para vós em Jesus Cristo

Humilde servo

Sac. João Bosco.

195. Ao padre Miguel Rua e aos alunos de Mirabello

Edição crítica em E(m) II, pp. 97-98.

Turim, 30 de dezembro de 1864

Meus queridos filhos de Mirabello,

A bondade e os sinais de afeição filial que me manifestastes quando tive o prazer de fazer-vos uma visita, as cartas, as saudações que alguns me enviaram, e que conservarei como agradável lembrança, estimulavam-me a voltar quanto antes a entreter-me um pouco convosco, ó meus queridos e amados filhos. Não pude até agora satisfazer esse meu desejo, mas haverei

de satisfazê-lo em breve. Entretanto, para dar largas de alguma maneira aos sentimentos do meu coração, desejo escrever-vos uma carta como mensageira de minha ida até aí.

Mas que adianta uma carta para exprimir as muitas coisas que vos queria dizer? Vou restringir-me ao principal.

Direi então que vos agradeço todos os sinais de benevolência que me destes e a confiança que tivestes para comigo no lindo dia que passei em Mirabello. As vozes, os vivas, o beijar e apertar a mão, o sorriso cordial, o falarmos da alma, o encorajar-nos reciprocamente para o bem, são coisas que me alegraram o coração, e por pouco que pense nisso me sinto comovido até às lágrimas.

Estou, portanto, muitas vezes entre vós com o meu pensamento e alegro-me ao ver o belo número que com frequência se aproxima da sagrada comunhão; mas se eu não lhes quisesse muito bem, gostaria de dar uma solene repreensão ao Prot Maggiore, ao Persigotti, ao Cigorza... escaparam-me esses nomes; não quero dizer mais nada.

Direi ainda que sois a pupila dos meus olhos e que todos os dias me lembro de vós na santa missa, peço que Deus vos conserve em saúde, na sua graça, vos faça progredir na ciência, que sejais a consolação dos vossos pais e a delícia de Dom Bosco que tanto vos ama.

Mas como lembrança, que vos dará Dom Bosco? Três coisas muito importantes: um aviso, um conselho e um meio.

Um aviso. Fugi, meus caros, de todo pecado de imodéstia; as obras, pensamentos, olhares, desejos, palavras, conversas contrárias ao sexto mandamento não devem sequer, como diz São Paulo, ser nomeadas entre vós.

Um conselho. Conservai com o máximo cuidado a bela, a sublime, a rainha das virtudes, a santa virtude da pureza.

Um meio. Meio muito eficaz para prostrar e vencer com segurança o inimigo e conseguir conservar essa virtude é a comunhão frequente, mas feita com as devidas disposições.

Queria dizer aqui coisas que não cabem numa carta; o padre Rua, por favor, faça pelo menos três breves instruções ou considerações sobre cada um dos mencionados argumentos.

Por fim, ó meus caros, dir-vos-ei que vos amo muito, desejo ver-vos e isso acontecerá dentro de pouco tempo. Quero que vós todos me deis o vosso coração para que todos os dias possa oferecê-lo a Jesus no Santíssimo

Sacramento quando digo a santa missa; eu vou ver-vos com um grande desejo de falar a cada um das coisas da vossa alma e a cada um direi três coisas: uma sobre o passado, outra sobre o presente, outra sobre o futuro.

A Santa Virgem nos conserve a todos seus e sempre seus, e a graça de Nosso Senhor Jesus Cristo esteja sempre conosco. Amém.

Vivam os meus queridos filhos de Mirabello.

Afeiçoadíssimo amigo em Jesus Cristo

Sac. João Bosco

P.S. – Coragem, paciência e capacidade de sofrer é o que desejo ao diretor, ao prefeito, aos professores, aos assistentes, aos serventes, ao querido papai Provera e a toda a sua família, a mamãe Rua, e ao meu amiguinho Meliga, ao Chiastellardo, ao querido Ossella que me escreveu uma bela carta, etc.

196. A Gregório Cavalchini Garofoli

Edição crítica em E(m) II, p. 252.

Turim, 1º de junho de 1866

Caríssimo Gregório Garofoli,

Com prazer recebi tua carta e dei notícias tuas aos jovens que fizeram parte da caravana de Tortona. Ficaram muito contentes e me deram o agradável encargo de agradecer-te e saudar-te. Certamente eu quereria entreter-me algum tempo em falar contigo, mas o que eu gostaria de dizer-te não se pode confiar a uma carta. Se quiseres fazer-me uma visita nas próximas férias, eu te direi o que gostaria de te escrever.

Como amigo da tua alma, não posso recusar-me a deixar-te algumas lembranças fundamentais e são três *f.f.f.*. Isto é:

1º Fuga do ócio. 2º Fuga dos colegas que têm más conversas ou que dão maus conselhos. 3º Frequenta a confissão e a comunhão com fervor e com fruto.

Saúda teus dois irmãos, Emanuel Callori e os outros piemonteses de aí, caso os encontres e que sabes serem meus conhecidos. Deus te abençoe e te conserve na sua santa graça, reza por mim que sou teu

Afeioadíssimo no Senhor

Sac. João Bosco.

197. Aos alunos de Mirabello

Edição crítica em E(m) II, pp. 279-281.

Turim, 26 de julho de 1866

Aos meus caros filhos de Mirabello.

Eu tinha decidido ir visitar-vos no próximo domingo, mas um compromisso urgente me obrigou a mudar de plano. Sinto muito e já tinha até mesmo preparado o que eu desejava dizer-vos. Paciência, Deus quer reservar-nos esta consolação para depois das férias e então, não só um dia, mas penso passar convosco uma semana inteira.

Entretanto, julgo oportuno desejar-vos boas férias, com alguns avisos paternos que me parecem necessários para as vossas almas.

1º Agradeço ao vosso diretor, ao prefeito, aos professores, aos assistentes e a todas as demais pessoas do pequeno seminário por todas as gentilezas e pela paciência que tiveram comigo e pelas orações que fizeram pela minha pobre alma. Continuai, caros filhos; eu vos asseguro que todos os dias vos recomendarei a todos na santa missa.

2º Cada qual, antes de partir, purifique a consciência mediante um firme propósito de querer conservá-la assim até o retorno das férias, para a semana e o dia que serão determinados para estar de volta; mas não vos deixeis levar por alguma leviandade a fim de ficar em casa além do tempo estabelecido, a não ser que a vossa saúde não permita.

3º Chegando em casa, ide logo saudar da minha parte e dos vossos superiores os vossos parentes, vosso pároco, os professores e as outras pessoas com quem tendes alguma obrigação. Este é um estrito dever de gratidão que agradará aos outros e será também vantajoso para vós mesmos.

4° Em casa fazei como sempre a meditação, a missa, a leitura diária, como no colégio. A mesma frequência na confissão e na comunhão.

5° Por meio do vosso comportamento em família fazei ver que o vosso ano escolar não foi perdido; por isso, sede de modelo para os outros vossos parentes e amigos na virtude da obediência; suportai com caridade os incômodos dos outros, não sejais exigentes quanto à comida, no descanso, nas roupas e em coisas semelhantes.

6° Jamais se possa dizer de vós que tendes más conversas, mesmo que se trate só de ouvi-las. Se acontecer de ouvir alguém que as faz, imitai o nosso protetor São Luís: repreendei-o ou então fugi imediatamente daquela companhia perigosa.

7° Procurai contar algum fato, algum exemplo lido, ouvido, estudado, aos que estão dispostos a ouvi-lo; ou então, lede algum bom livro, mas tende cuidado com as más leituras, fugi delas como de um veneno mortal para as vossas almas.

Certamente, meus caros filhos, eu vos diria ainda muitas coisas, se a brevidade de uma carta o permitisse. Digo-vos, porém, que indo a outros lugares encontrareis pessoas mais dotas e muito mais virtuosas do que eu, mas dificilmente encontrareis quem busque mais o vosso bem.

Por isso, lembrai-vos de mim todas as manhãs ao ouvir a santa missa; eu, da minha parte, não deixarei de todos os dias lembrar-me de vós ao celebrá-la. Que grande consolação para mim, que grande fortuna para vós se fordes para casa e voltardes sem perder a graça do Senhor! Quanto ao mais, descansai, estai alegres, ride, cantai, passeai, fazei o que quiserdes, contanto que não cometais pecados.

Boas férias, meus caros filhos, e bom retorno depois delas. A bênção do Senhor vos acompanhe a cada passo.

O diretor da escola dê esta carta para ler e até mesmo para copiar aos que quiserem.

A graça de Nosso Senhor Jesus Cristo esteja sempre conosco e a Santa Virgem Maria nos assista e ajude a perseverar no caminho do céu. *Amen.*

Crede-me sempre com paterno afeto todo vosso no Senhor
Afeiçoadíssimo amigo

Sac. João Bosco.

198. Aos alunos de Lanzo Torinese

Edição crítica em E(m) II, pp. 407- 408.

Turim, 26 de julho de 1867

Queridos filhos do colégio de Lanzo,

Esperei até agora para escrever-vos, caríssimos filhos, porque eu pensava poder ir ter convosco pessoalmente antes das férias; mas agora vejo que a urgência das minhas ocupações me priva deste prazer, que procurarei satisfazer por meio desta carta.

Assim, dir-vos-ei que eu vos agradeço pela oferta que fizestes para a igreja de Maria Auxiliadora e pelas cartas que me escrevestes. Vós não podeis imaginar com quanta satisfação eu li uma por uma, e me parecia até mesmo falar pessoalmente com cada um de vós. Enquanto lia, com o meu coração eu respondia a cada um, embora não tenha podido pôr por escrito.

Estai certos, meus caros, vós me expressastes tantos belos pensamentos; esses pensamentos encontraram eco no meu coração e espero que o vosso e o meu coração se tornem uma só coisa para amar e servir ao Senhor. Sede, pois, abençoados e senti-vos agradecidos pela caridade e a benevolência que tivestes para comigo.

Entretanto, aproximando-se as férias, desejo saudar-vos com alguma palavra amiga.

1º Por quanto possível, voltai no dia em que reiniciarão as aulas, que acredito ocorrer no dia 16 do próximo mês de agosto; a não ser que alguma doença o impeça.

2º Saudai da minha parte os vossos parentes, os vossos párocos, os professores.

3º Se encontrardes na vossa terra algum companheiro virtuoso, procurai trazê-lo convosco para o colégio; entretanto, os que não vos parecerem bons, não os convideis para vir a este colégio.

4º Enquanto estiverdes em casa fazei pelo menos a santa comunhão nos dias festivos. Ao longo da semana não esqueçais todas as manhãs a vossa meditação.

5º Todas as manhãs dizei um *Pai-nosso*, *Ave-Maria* e *Glória* ao Santíssimo Sacramento para unir-vos comigo, que vos recomendo todos os dias na santa missa a fim de que nenhum de vós seja vítima do cólera-morbo que se propaga

terrivelmente em diversos lugares próximos a nós. A respeito deste terrível mal eu aconselharia os que sabem existir essa doença na própria terra a não irem lá para as férias, a fim de não pôr em perigo a própria vida sem necessidade.

Quanto ao mais, queridos filhos, pedi a Deus por mim e rezemos todos uns pelos outros para que possamos evitar toda ofensa de Deus durante esta vida e, assim, encontrar-nos todos juntos um dia para louvar, bendizer e glorificar as divinas misericórdias no céu. *Amen.*

Afeçoadíssimo amigo, pai, irmão,

Sac. João Bosco

P.S. Viva o diretor, o prefeito, os professores, os assistentes e todos os meus queridos filhos de Lanzo.

199. A Giovanni Turco

Edição crítica em E(m) II, p. 445.

Turim, 23 de outubro de 1867

Caríssimo Turco,

Tua carta me causou grande satisfação e para mim foi ainda mais grata porque falas com aquela mesma antiga confiança que para Dom Bosco é a coisa mais bela deste mundo.

Vendo tua carta sob um único ponto de vista, agradeço ao Senhor que durante os anos mais difíceis da tua vida te ajudou a conservar os sadios princípios da religião. Pode-se dizer que a idade problemática passou; quanto mais avançares nos anos, mais se desfarão as ilusões que o homem faz a respeito do mundo e se confirmará sempre mais o que me disseste, que só a religião é estável e em todos os tempos e idades pode tornar o homem feliz no tempo e na eternidade.

Depois dessas considerações um tanto filosóficas, aconselho-te continuar a ocupar-te na tua profissão de agrimensor, a praticar a religião, especialmente mediante a confissão frequente, que para ti é um verdadeiro bálsamo;

mas esforça-te também com todos os meios possíveis para assistir e consolar teu bom pai na sua velhice, que, graças a Deus, se pode dizer que é florida.

No passado, sempre te recomendei ao Senhor na santa missa e o farei mais ainda agora no futuro, dado que me pedes. Tu também rezarás por mim, não é mesmo?

Tenho alguns livrinhos amenos para traduzir do francês: traduzirias algum para mim? Seriam para imprimir nas *Leituras Católicas*.

Ficarei sempre muito contente toda vez que me escreveres.

Deus abençoe a ti e a teu pai e vos conserve ambos *ad multos annos* com vida feliz.

Padre Francesia, padre Lazzero, Chiapale e muitos outros amigos teus te saúdam, e eu serei sempre para ti no Senhor

Afeiçoadíssimo amigo

Sac. João Bosco

200. A Luís Vaccaneo

Edição crítica em E(m) II, p. 458.

Turim, 11 de dezembro de 1867

Caríssimo Vaccaneo,

Recebi a tua carta e me deste grande prazer ao escrever-me; eu não deixarei de recomendar-te ao Senhor na santa missa; também tu reza por mim.

Deus não quer que por ora vivamos sob o mesmo teto; quem sabe isso possa ocorrer em algum outro tempo? Tudo seja para a sua maior glória.

Recomendo-te três coisas: atenção para a meditação da manhã; frequência dos companheiros mais piedosos; temperança no comer.

Deus abençoe a ti e a todos os meus filhos do Oratório que estão contigo; saúda-os da minha parte, reza por mim que sou para ti de coração

Afeiçoadíssimo em Jesus Cristo

Sac. João Bosco

201. Ao padre José Lazzero e à comunidade dos aprendizes de Valdocco

Edição crítica em E(m) IV, p. 208.

Roma, 20 de janeiro de 1874

Caríssimo padre Lazzero e meus caríssimos aprendizes,

Embora tenha escrito uma carta para todos os meus amados filhos do Oratório, como os aprendizes são a menina dos meus olhos, e como pedi para eles uma bênção especial do santo padre, penso ser-vos agradável satisfazer o meu coração com uma carta.

Que eu vos queira muito bem não é preciso que o diga, dei-vos provas evidentes. Que me quereis bem, não preciso que o digais, porque o tendes sempre demonstrado. Mas essa afeição recíproca sobre o que se funda? Na bolsa? Não na minha, pois a uso para vós; não na vossa, porque, não quero ofender-vos, não tendes.

Portanto, a minha afeição se funda no desejo que tenho de salvar vossas almas, que foram todas redimidas pelo sangue precioso de Jesus Cristo, e vós me amais porque procuro guiar-vos pelo caminho da salvação eterna. Assim, o bem das nossas almas é o fundamento da nossa afeição.

Mas, meus queridos filhos, cada um de nós tem um procedimento que leva à salvação da alma, ou antes, à sua perdição? Se o nosso divino Salvador nos chamasse neste momento ao seu divino tribunal para sermos julgados, encontrar-nos-ia a todos preparados? Propósitos feitos e não mantidos, escândalos dados e não reparados, conversas que ensinam o mal aos outros, são coisas a respeito das quais devemos temer uma recriminação.

Entretanto, enquanto Jesus Cristo poderia com razão fazer tais recriminações, estou persuadido de que muitos se apresentariam com a consciência limpa e com as contas da alma bem em ordem, e isso é a minha consolação.

De qualquer maneira, ó meus caros amigos, tende coragem; não deixarei de rezar por vós, de trabalhar por vós, de preocupar-me convosco, e vós deveis ajudar-me com a vossa boa vontade. Ponde em prática a palavra de São Paulo que aqui traduzo: Exorta os juvenzinhos a serem sóbrios, a que nunca se esqueçam de que todos devem morrer, e que depois da morte deveremos todos comparecer diante do tribunal de Jesus. Quem não sofre com Jesus Cristo na terra não pode ser coroado com ele de glória no céu. Fugi do pecado como

do vosso maior inimigo, e fugi da fonte dos pecados, isto é, das más conversas, que são a ruína dos costumes. Dai-vos mútuo bom exemplo nas obras, nas conversas, etc. etc. O padre Lazzero dir-vos-á o resto.

Entretanto, ó meus caros, recomendo-me à vossa caridade, que rezeis de modo especial por mim, e os da Companhia de São José, que são os mais fervorosos, façam uma santa comunhão por mim.

A graça de Nosso Senhor Jesus Cristo esteja sempre conosco e nos ajude a perseverar no bem até à morte. Amém.

Vosso afeiçoadíssimo amigo

Sac. João Bosco.

202. Aos salesianos e aos alunos de Lanzo

Edição crítica em E(m) IV, pp. 385-386.

Turim, vigília da Epifania [de janeiro de] 1875

Aos meus caríssimos filhos, diretor, assistentes, prefeito, catequista, alunos e outros do colégio de Lanzo,

A graça de Nosso Senhor Jesus Cristo esteja sempre conosco. *Amen.*

Até agora, meus amadíssimos filhos, não pude satisfazer um grande desejo do meu coração, que era o de fazer-vos uma visita. Uma série ininterrupta de complicadas ocupações, algum leve incômodo de saúde me impediram.

Quero, todavia, dizer-vos uma coisa que vos custará acreditar: várias vezes durante o dia penso em vós e todas as manhãs na santa missa vos recomendo a todos de modo especial ao Senhor. De vossa parte dais também sinais indubitáveis de que vos lembrais de mim. Oh! com que prazer li vossa mensagem de boas-festas; com que prazer li nome e sobrenome de cada aluno, de cada classe, do primeiro ao último do colégio! Parecia-me encontrar-me entre vós, e no meu coração repeti várias vezes: vivam os meus filhos de Lanzo!

Começo então agradecendo a todos e de todo o coração os votos cristãos que me fizestes e peço a Deus que os centupleie para vós e para todos os vossos parentes e amigos. Sim! Deus vos conserve a todos por longos anos

de vida feliz. Querendo descer a alguns votos particulares eu vos desejo do céu saúde, estudo, moralidade.

Saúde. É um dom precioso do céu, cuidai dela. Guardai-vos das intemperanças, de suar muito, de cansar-vos demais, da passagem repentina do calor para o frio. São essas as fontes ordinárias das doenças.

Estudo. Estais no colégio para adquirir uma bagagem de conhecimentos com os quais podereis mais tarde ganhar o próprio pão. Seja qual for a vossa condição, a vocação, o vosso estado futuro, deveis fazer com que, caso venham a faltar todos os vossos bens domésticos e paternos, estejais capacitados a ganhar de outra maneira o honesto sustento. Não se diga nunca que vivemos do suor alheio.

Moralidade. O laço que une saúde e estudo, o alicerce em que se baseiam é a moralidade. Crede-me, meus queridos filhos, eu vos digo uma grande verdade: se mantiverdes bom procedimento moral, haveis de progredir no estudo, na saúde; sereis amados pelos vossos superiores, pelos vossos companheiros, pelos parentes, pelos amigos, pelos conterrâneos e, se quiserdes que vos diga, sereis amados e respeitados até pelos maus. Todos porfiarão em ter-vos em sua companhia, em louvar-vos, em fazer-vos favores. Dai-me, porém, indivíduos sem moralidade. Oh! que coisa feia! Serão preguiçosos e não terão outro nome senão o de asno: falarão mal e serão apontados como escandalosos a evitar. Se são conhecidos no colégio, serão detestados por todos, e no dia feliz em que forem para casa, se haverá de cantar o *Te Deum*. E em casa? Desprezo geral. A família, a pátria os detestam, ninguém os apoia, todos lhes evitam a companhia. E quanto à alma? Se vivem, são infelizes; em caso de morte, como só semearam o mal, não poderão recolher senão frutos funestos.

Coragem, pois, ó meus caros filhos: preocupai-vos em procurar, estudar, conservar e promover os três grandes tesouros: saúde, estudo e moralidade.

Uma coisa ainda. Ouço a voz que vem de longe e grita: ó filhos, ó alunos de Lanzo, vinde salvar-nos! São as vozes de tantas almas que esperam uma mão benéfica que vá arrancá-los da beira da perdição e colocá-los no caminho da salvação. Digo isso porque alguns de vós são chamados à carreira sagrada, à conquista das almas. Coragem; há muitos que vos esperam. Lembrai-vos das palavras de Santo Agostinho: *Animam salvasti, animam tuam praedestinasti*.

Finalmente, ó filhos, recomendo-vos o vosso diretor. Sei que ele não está muito bem de saúde; rezai por ele, consolai-o com o vosso bom procedimento, procurai querer-lhe bem, tende com ele ilimitada confiança. Tudo isso será para ele de grande conforto, de grande vantagem para vós.

Enquanto vos garanto que todos os dias vos recomendo na santa missa, recomendo-me também às vossas orações, para que não me suceda a desgraça de pregar para salvar os outros e venha depois a perder a minha pobre alma.
Ne cum aliis praedicaverim, ego reprobus efficiar

Afeçoadíssimo amigo

Sac. João Bosco

N. B. O senhor diretor queira explicar estas coisas, se por acaso não forem bem entendidas.

203. Ao jovem seminarista Antônio Massara

ASC A1720724 *Copie simpliciter*; edição em E III, p. 390.

Turim, 26 de setembro de 1878

Caríssimo em Cristo Jesus,

A tua simplicidade em escrever demonstra a tua boa vontade e me leva a falar-te com toda confiança. Deus é grande. Deus é misericordioso. Nós pensamos nele de vez em quando, mas ele pensa em nós e, vendo-nos fugir para longe, ele nos dá uma palmada nas costas, nos segura e nos faz voltar a ele. Não é verdade? Assim, pois, em tudo seja bendito o Senhor e adoremos as suas disposições. Caso a tua saúde te permita retomar os estudos, eu não me recusaria aconselhar-te a ir para frente até o sacerdócio. Se por acaso tu apreciasses a vida recolhida vivida em comum e quisesses vir comigo, eu te incluiria no número dos meus queridos e amados filhos.

Enquanto isso, a oração, o trabalho, a mortificação, com a confissão frequente e a comunhão, irão te tornar vencedor contra o antigo inimigo da tua alma. Os outros assuntos não podem ser confiados a uma carta. Adeus, meu querido. Deus te abençoe. Reza por mim que serei sempre em Jesus Cristo

Afeçoadíssimo amigo

Sac. João Bosco

204. Ao padre João Branda e aos aprendizes de Valdocco

ASC A000206 *Conichetta 1878-1879*, Quad. 14, manuscrito de Júlio Barberis, pp. 104-106; edição em E III, pp. 435-436.

Marselha, janeiro de 1879

Caríssimo padre Branda,

Sempre que eu penso nos meus queridos aprendizes e que rezo por eles, se ao mesmo tempo fosse fazer-lhes uma visita, estaria diversas vezes por dia com eles para falar-lhes e animá-los. Todavia, desejo mostrar com os fatos que me lembro deles de maneira particular. Por isso, dirás a eles que os cumprimentos que me fizeram por ocasião do Natal e do Ano Novo foram muito gratificantes e que eu lhes agradeço de coração. Tive boas notícias a respeito deles, e bendigo ao Senhor que lhes dá boa vontade e a graça de serem virtuosos.

Estou na casa de São Leão, onde já se encontram uns sessenta meninos, que pouco a pouco se tornarão verdadeiros seguidores dos aprendizes do Oratório. Aliás, alguns demonstraram empenho para superá-los na obediência e na piedade. Disse a eles que conseguirão! Veremos!

Entretanto, dirás a todos que recomendo de coração a confissão e a comunhão frequentes; mas que estes sacramentos sejam recebidos com as devidas disposições de tal modo que cada vez se note o progresso em alguma virtude. Queira Deus que eu possa dizer que cada aprendiz é um modelo de bom exemplo para os colegas! Depende de vós, meus caros jovens, dar-me esta grande consolação.

Sei que rezais por mim, e atribuo a melhora da minha vista às vossas orações; continuai. Eu vos agradeço e Deus vos recompensará.

O presente que vos peço é uma santa comunhão segundo a minha intenção.

Deus abençoe a ti, caro padre Branda, abençoe os assistentes, os operários, todos os aprendizes e nos conceda a grande graça de sermos um só coração e uma só alma para amar e servir a Deus na terra e depois, um dia, podermos louvá-lo e gozar com ele eternamente no céu.

Crê-me todo em Jesus Cristo

Afeiçoadíssimo amigo

Sac. João Bosco

205. Aos alunos da 4^a e 5^a ginásial de Borgo San Martino

ASC A1920601 *Copie simpliciter*; edição em E III, pp. 476-477.

Turim, 17 de junho de 1879

Meus queridos filhos,

Eu gostaria de já ter respondido algumas cartinhas que me foram escritas pelo vosso professor e por alguns de vós. Não podendo fazer isso em particular, escrevo uma carta para todos, reservando-me falar com cada um em particular na próxima festa de São Luís.

Lembra-vos de que neste mundo os homens devem caminhar pelo caminho do céu num desses dois estados: *eclesiástico ou secular*. Em função do estado secular, cada um deve escolher os estudos, os empregos, as profissões que lhe permitam o cumprimento dos deveres de bons cristãos e que agradem inclusive aos próprios pais. Para o estado eclesiástico, devem-se seguir as normas estabelecidas pelo nosso divino Salvador: renunciar ao bem-estar, à glória do mundo, aos prazeres da terra, para entregar-se ao serviço de Deus, e assim garantir sempre mais as alegrias do céu, que jamais terminarão.

Ao fazer essa opção, cada um ouça o parecer do próprio confessor e depois, sem dar atenção nem a superiores, nem a inferiores, nem a amigos, opte por aquilo que lhe facilita o caminho da salvação e o conforto no momento da morte. O jovem que entra para o estado eclesiástico com esta intenção tem a certeza moral de fazer um grande bem à própria alma e à alma do próximo.

Além disso, no estado eclesiástico há muitas possibilidades, e todas devem partir de um determinado ponto e tender ao mesmo centro que é Deus. Padre secular, padre religioso, padre nas missões estrangeiras, são os três campos em que os operários evangélicos são chamados a trabalhar e a promover a glória de Deus. Cada um pode escolher o que lhe estiver mais a peito, mais condizente com as próprias forças, aconselhando-se com alguma pessoa pia, douta e prudente.

Agora eu deveria resolver muitas dificuldades que se referem ao mundo, que quereria toda a juventude ao seu serviço, enquanto Deus a quereria toda para si. Todavia, procurarei responder verbalmente, ou melhor, explicar as dificuldades que cada um pode ter no momento de tomar alguma dessas importantes deliberações.

A base da vida feliz de um jovem é a comunhão frequente e rezar todos os sábados a oração a Maria Santíssima sobre a opção do estado, como consta do *Jovem Instruído*.

A graça de Nosso Senhor Jesus Cristo esteja sempre com todos vós e vos conceda o dom precioso da perseverança no bem. Eu vos recomendarei todos os dias ao Senhor, e vós também rezai por mim, que serei sempre em Jesus Cristo

Afeiçoadíssimo amigo

Sac. João Bosco

III. COMPANHIAS RELIGIOSAS E AMIZADES ESPIRITUAIS

A educação cristã da juventude em obras populares de acentuado caráter missionário, como os oratórios das periferias de Turim, frequentados por meninos em grande parte abandonados e ignorantes, requeria itinerários adequados de acordo com o passo de cada um, de forma gradual. O Jovem Instruído oferecia uma proposta completa, mas essencial, adaptada a todos. A partir dela Dom Bosco, mediante o sacramento da penitência, os colóquios pessoais, a proposta de práticas devotas à escolha e a oferta de livros de leitura e de meditação, abria percursos personalizados mais consistentes para os jovens capazes de maior empenho moral e ascético.

Lembrando suas fecundas experiências juvenis, como a Sociedade da Alegria, que ele animou nos anos em que frequentava as aulas em Chieri, teve a preocupação de promover entre os alunos do Oratório e da casa a organização de Companhias religiosas e de livres associações de amigos, assinaladas por uma finalidade espiritual e apostólica mais definida, para favorecer entre os meninos mais sensíveis e bem dispostos o desenvolvimento de uma vivência cristã integral e virtuosa, e orientá-los a agirem como fermento na comunidade juvenil.

A fundação da Companhia de São Luís Gonzaga (12 de abril de 1847) é fruto do caminho de consolidação do Oratório festivo e testemunha a passagem para um programa formativo mais orgânico, com vistas a “favorecer o crescimento na piedade mediante alguma prática estável e uniforme” e a estimular os sócios a “darem bom exemplo na igreja e fora dela; a evitar más conversas e frequentar os santos sacramentos”¹⁰.

A Companhia da Imaculada, criada por iniciativa de Domingos Savio e de seus companheiros em junho de 1856¹¹, representa uma evolução ulterior da proposta espiritual de Dom Bosco. Era constituída por um grupo seleta de jovens estudantes orientados à vocação sacerdotal e decididamente empenhados na perfeição apostólica entre seus colegas. Os estatutos dessa Companhia contêm “um programa completo de pedagogia espiritual em perfeita harmonia com o regulamento dos estudantes da casa”¹².

Uma tomada de consciência sempre mais clara da centralidade da Eucaristia como alimento da vida interior inspirou a fundação da Companhia

¹⁰ Giovanni BOSCO, *Memorie dell'Oratorio di S. Francesco di Sales dal 1815 al 1855*. Introdução e notas históricas de Aldo Giraudo. Roma, LAS 2011, p. 170.

¹¹ Giovanni BOSCO, *Vita del giovanetto Savio Domenico allievo dell'Oratorio di S. Francesco di Sales*, em ID., *Vite di giovani. Le biografie di Domenico Savio, Michele Magone e Francesco Besucco*. Introdução e notas históricas de Aldo Giraudo. Roma, LAS 2012, pp. 78-81.

¹² P. BRAIDO, *Don Bosco prete dei giovani...*, I, p. 330.

do Santíssimo Sacramento (1858). *Mais tarde surgiu a Companhia de São José (1859) para alimentar a devoção e o empenho espiritual entre os aprendizes e os jovens operários e promover as vocações leigas salesianas.*

Nesses cenáculos espirituais, verdadeiras “escolas de fé operante na caridade”¹³, foram forjados os melhores discípulos de Dom Bosco.

Dos regulamentos das Companhias da São Luís, da Imaculada e do Santíssimo Sacramento, que aqui transcrevemos, é possível constatar a qualidade moral e espiritual do método educativo de Dom Bosco e o clima de fervor que ele sabia infundir nos jovens.

206. Companhia de São Luís Gonzaga (12 de abril de 1847)

ASC A2300201 *Compagnia di S. Luigi. Regolamento*, manuscrito alógrafo com correções autógrafas de Dom Bosco (cf. MB III, 216-220).

O escopo desta Companhia é o de empenhar os jovens em praticar as principais virtudes que foram mais luminosas na vida deste santo. Por isso, cada um, antes de se inscrever, terá um mês de prova, para considerar atentamente as condições e para não ir adiante, caso não se sinta disposto a cumpri-las.

Condições

1. Dado que São Luís Gonzaga foi modelo de bom exemplo, assim, todos que querem se inscrever na sua Companhia devem evitar tudo o que pode causar escândalo e procurar dar bom exemplo em toda parte, especialmente na igreja. Quando São Luís ia para a igreja, o povo corria para observar sua modéstia e seu recolhimento.

2. Cada quinze dias, receber os sacramentos da penitência e da comunhão; até com maior frequência, sobretudo nas maiores solenidades da Igreja. Porque estas práticas são as armas pelas quais se obterá vitória garantida contra o demônio. São Luís, ainda menino, recebia esses sacramentos cada oito dias, depois, quando mais adulto, com maior frequência. Quem, porém, por justo motivo, não puder alguma vez cumprir esta condição, poderá pedir ao superior a substituição por alguma outra prática de virtude.

¹³ *Ibid.*, p. 322.

3. Fugir, como da peste, dos maus colegas e evitar cuidadosamente conversas obscenas. São Luís não só evitava essas conversas, mas ninguém ousava proferir palavras, mesmo levemente obscenas, na sua presença.

4. Usar grande caridade para com os colegas, perdoadando facilmente qualquer ofensa. Bastava ofender São Luís para tornar-se seu grande amigo.

5. Grande empenho em manter a ordem no Oratório, animando os outros à virtude e levando-os a se inscreverem na Companhia. São Luís, para o bem do seu próximo, foi servir os doentes de peste, o que ocasionou sua morte.

6. Quando um irmão estiver doente, cada sócio se preocupará em rezar por ele, e também em ajudá-lo nas coisas temporais, da maneira possível.

7. Mostrar grande amor ao trabalho e no cumprimento dos próprios deveres, obedecendo com exatidão aos superiores.

207. Companhia da Imaculada Conceição

ASC E452 *Compagnia dell'Immacolata*, manuscrito de José Bongioanni com anotações autógrafas de Dom Bosco (cf. MB V, 479-483)¹⁴.

Nós, José Rocchietti, Luís Marcellino, João Bonetti, Francisco Vaschetti, Celestino Durando, José Momo, Domingos Savio, José Bongioanni, Miguel Rua, João Cagliero, para podermos assegurar durante a vida e no momento da morte o patrocínio da Bem-aventurada Virgem Maria, e para nos consagrarmos inteiramente ao seu santo serviço, no dia 8 de junho, tendo recebido os sacramentos da confissão e da comunhão, resolvidos como estamos a professar para com a nossa mãe celeste uma devoção constante e filial, propomo-nos, perante o seu altar e com o consentimento do nosso diretor espiritual, querer imitar, tanto quanto as nossas forças permitirem, Luís Comollo. Por isso, obrigamo-nos a:

1. Observar rigorosamente o regulamento da casa.

2. Edificar os companheiros, avisando-os caridosamente e animando-os ao bem com as palavras e ainda mais com o bom exemplo.

¹⁴ Este regulamento, com algumas variantes, foi publicado por Dom Bosco na vida de Domingos Savio, cf. Giovanni BOSCO, *Vita del giovanetto Savio Domenico allievo dell'Oratorio di san Francesco di Sales*. Turim, Tip. G. B. Paravia e Comp. 1859, pp. 76-83 (OE XI, 226-233).

3. Ocupar devidamente o tempo.

Teremos o cuidado de adequar a nossa vida futura de acordo com o que estamos prometendo: por isso, submeteremos ao nosso diretor espiritual este regulamento, de tal modo que ele possa conceder a sua aprovação. A caridade nos estabelece na perfeição, mas somente por meio da obediência e da castidade é que poderemos adquirir este estado que nos aproxima de Deus.

1. Portanto, como primeira norma, seremos perfeitamente obedientes aos nossos superiores, aos quais nos submetemos com ilimitada confiança.

2. O cumprimento dos próprios deveres seja a nossa primeira e especial ocupação, e isso preceda as práticas religiosas que não são obrigatórias.

3. A caridade recíproca unirá as nossas almas, nos fará amar indistintamente os nossos irmãos, aos quais advertiremos com doçura quando mostrarem necessitar de alguma correção.

4. Durante a semana, por meia hora, nos reuniremos; após a invocação do Espírito Santo e feita breve leitura espiritual, trataremos dos progressos da Companhia na devoção e nas virtudes, responderemos às dúvidas, eliminaremos as falhas que a nossa fraqueza poderia cometer; não, porém, repreendendo abertamente o comportamento de alguém, a não ser quando uma demasiada indiferença tivesse feito desaparecer nele o zelo pela obediência e o fervor.

5. Em separado, nos advertiremos mutuamente, sem nenhuma consideração, pelos defeitos de que deveremos emendar-nos.

6. Procuraremos evitar entre nós qualquer dissabor, por menor que seja, suportando os colegas incômodos e buscando ajudar-nos reciprocamente com pequenos serviços.

7. Não se determina nenhuma prática especial de oração, dado que o tempo que sobra após o cumprimento do nosso dever será consagrado ao escopo que nos parece mais útil para a nossa alma. Com isso quer-se evitar que o demasiado número de práticas não acabe prejudicando, por falta de tempo, as que cada um já adotou, tanto mais que a verdadeira devoção não consiste em prolongadas orações vocais, mas na pureza do coração e no total sacrifício da nossa vontade. Admitimos, porém, as seguintes práticas: frequência dos santos sacramentos o mais possível, na medida em que nos for permitido. Confiamos que quanto maior for o uso desses meios tão salutares, tanto mais nos sentiremos estimulados a perseverar nessa prática e tanto mais teremos forças para vencer todo obstáculo.

8. A santa comunhão haverá de consagrar todos os domingos, as festas de preceito, as dedicadas aos santos padroeiros do Oratório e todas as solenidades de Maria Santíssima.

9. Durante a semana procuraremos comungar normalmente na quinta-feira, a não ser que estejamos impedidos por alguma ocupação inadiável.

10. À frequência dos santos sacramentos acrescentamos o santo terço, do qual recomendamos vivamente a recitação, sem, porém, torná-la obrigação diária.

11. Todos os dias recomendaremos a Maria a nossa associação, pedindo-lhe que nos obtenha a graça da perseverança, as virtudes necessárias para a exata observância destas normas e o seu patrocínio.

12. Todos os sábados procuraremos fazer alguma mortificação ou oração em honra de Maria.

13. Cuidaremos de dar bom exemplo ao nosso próximo. Por isso, teremos atitude modesta na oração, na leitura, nos ofícios divinos, no estudo e na aula. Guardaremos com todo cuidado a santa palavra de Deus e voltaremos com frequência às verdades meditadas. Evitaremos toda perda de tempo a fim de prevenir nossa alma de qualquer tentação que costuma assaltar-nos fortemente nos momentos de ócio.

14. Depois de ter cumprido as obrigações que cabem a cada um, consagraremos o tempo que sobrar a ocupações úteis ou a leituras devotas e instrutivas ou à oração.

15. O recreio é tolerado, aliás, devemos dedicar-nos a ele depois das refeições e quando a mente, muito cansada pelo estudo, precisa de descanso; ou então quando a companhia de superiores ou a boa educação nos levar a estarmos presentes para não faltar às boas maneiras.

16. Manifestaremos aos superiores tudo o que de certo relevo ocorrer entre nós, para assegurar, assim, a justeza de nossa ação ao submetê-la ao juízo deles.

17. Procuraremos também usar com critério as licenças concedidas pela bondade dos nossos superiores, dado que uma das finalidades principais que nós nos propusemos se refere à exata observância das regras da casa, frequentemente violadas pelo abuso das licenças.

18. No estudo observaremos rigoroso silêncio, evitando todo pretexto para falar, fazer barulho ou sair. Para observância desta norma recomendamos máximo cuidado e paciência.

19. Aceitamos para nosso alimento o que for destinado pelos nossos superiores, sem fazer comentários com os colegas; nem receberemos o que nos poderia ser oferecido, a não ser que resulte em prejuízo de alguém.

20. Evitaremos lamentar-nos da comida e procuraremos que também outros não o façam, seja qual for o gosto preferido.

21. Quem deseja fazer parte desta associação, em primeiro lugar deverá purificar a própria consciência por meio do sacramento da penitência e alimentar-se da Eucaristia; além disso, dar provas de bom comportamento durante uma semana de noviciado; ler atentamente estas regras e prometer a Deus, a Maria Santíssima Imaculada e ao próprio diretor espiritual observá-las com exatidão.

22. No dia de sua admissão, os irmãos se aproximarão da mesa dos anjos, pedindo à divina majestade que conceda ao neófito a virtude da perseverança e da obediência, o amor de Deus e de Maria, nossa mãe.

23. A associação é posta sob os auspícios da Imaculada Conceição, de quem trazemos o título e sua medalha. Uma sincera, filial, ilimitada confiança em Maria, uma ternura singular para com ela, uma devoção constante nos tornarão superiores a todo obstáculo, fortes nas resoluções, rígidos para com nós mesmos, amorosos para com o nosso próximo e exatos em tudo. Além disso, aconselhamos os irmãos a escrever os santos nomes de Jesus e de Maria, primeiro no coração e na mente, depois nos livros e em todos os objetos que possam cair sob nosso olhos.

Solicitamos ao muito reverendo senhor Dom Bosco que examine estas regras e nos manifeste seu parecer sobre elas, enquanto lhe asseguramos que todos nós dependemos inteiramente da sua vontade. Ele poderá introduzir neste regulamento as correções e modificações que lhe parecerem convenientes. Ele será para nós, como foi até agora, um ótimo e terno pai e nós seremos (o que até agora infelizmente não fomos) para com ele filhos sinceros e obedientes.

E Maria? Ela abençoe os nossos esforços, dado que a inspiração de dar vida a esta pia sociedade foi toda sua. Sorria às nossas esperanças, ouça nossos votos e nós, cobertos com o seu manto, desafiaremos as tempestades deste mar traiçoeiro, superaremos os assaltos do inimigo infernal, seremos de edificação para os colegas, de consolação para os superiores, seus filhos afetuosos e amados.

E se Deus nos conceder a graça e a vida para servi-lo no ministério sacerdotal, nós nos esforçaremos para realizá-lo com o máximo zelo e, desconfiando de nossas forças, ilimitadamente confiantes no auxílio divino, poderemos esperar que, depois de uma feliz passagem por este vale de lágrimas, consolados pela presença de Maria na última hora, alcançaremos com segurança o galardão eterno que Deus pode dar a quem o serve em espírito e verdade.

Visto. Este regulamento é aprovado de acordo com as seguintes condições:

1. Que as citadas promessas não tenham a força de voto.
 2. Não obriguem sob pena de culpa.
 3. Nas reuniões se estabeleça alguma obra de caridade externa: como a limpeza da igreja, o acompanhamento dos que se mostram mais relaxados na casa, ou dos mais ignorantes, etc.
 4. Dividir entre os membros os dias da semana de tal modo que em cada dia haja algumas comunhões.
 5. Não acrescentar nenhuma prática religiosa sem licença especial dos superiores.
 6. Propor-se como objetivo fundamental promover a devoção a Maria Santíssima Imaculada e ao Santíssimo Sacramento.
 7. Antes de aceitar algum membro fazer-lhe ler a vida de Luís Comollo.
- As duas primeiras condições e a quinta são obrigatórias, as outras são aconselhadas.

Turim, 9 de junho de 1856

Sac. João Bosco

208. Companhia do Santíssimo Sacramento (1857)

ASC A2300202 *Compagnia del SS. Sacramento*, manuscrito autógrafo de Dom Bosco (cf. MB V, 759-761)¹⁵.

Eis os principais artigos do regulamento desta Companhia:

1. O escopo principal desta Companhia é o de promover a adoração à Santíssima Eucaristia e desagrar Jesus Cristo dos ultrajes que recebe neste augustíssimo Sacramento por parte dos infiéis, dos hereges e dos maus cristãos.
2. Para isso, os irmãos procurarão distribuir entre si as comunhões de tal modo que nunca falte alguma comunhão diária. Cada irmão, com a autorização do confessor, terá o cuidado de comungar todos os dias santos e uma vez ao longo da semana.

¹⁵ Este documento foi compilado por Dom Bosco quando escreveu a vida de Miguel Magone e reproduzido numa nota do capítulo XIII da sua vida, cf. Giovanni BOSCO, *Cenno biografico sul giovanetto Magone Michele allievo dell'Oratorio di S. Francesco di Sales*. Turim, Tip. G. B. Paravia e Comp. 1861, pp. 69-70 (OE XIII, 223-224).

3. Com especial prontidão, cada sócio se disporá a todas as funções referentes ao culto da Santíssima Eucaristia, como ajudar a santa missa, assistir à bênção do Santíssimo, acompanhar o Viático quando é levado aos enfermos, visitar o Santíssimo Sacramento quando exposto na adoração das *Quarenta Horas*.

4. Cada sócio procure aprender bem a ajudar a santa missa, fazendo com exatidão todas as cerimônias e proferindo devota e distintamente as palavras deste santo ministério.

5. Cada semana haverá uma reunião de ordem espiritual, à qual os sócios procurarão comparecer pontualmente e convidar colegas a também estar presentes.

6. Nas reuniões se tratarão assuntos referentes ao culto do Santíssimo Sacramento, como estimular a comungar com o maior recolhimento, instruir e assistir os que fazem a primeira comunhão, ajudar a fazer a preparação e o agradecimento com os que precisarem disso, difundir livros, imagens, folhetos que tendem a este escopo.

7. Depois da reunião, se definirá um compromisso espiritual a ser posto em prática durante a semana.

IV. FORMAÇÃO ESPIRITUAL DOS JOVENS MEDIANTE A PREGAÇÃO, OS “BOAS-NOITES” E A NARRAÇÃO DE SONHOS

No sistema educativo de Dom Bosco reveste-se de particular importância a pregação, tanto a ligada ao contexto litúrgico ou catequético, quanto a informal e familiar. O Santo falava com frequência à comunidade dos jovens, por meio de reflexões breves e fervorosas, para mover os afetos, nutrir o intelecto, suscitar bons propósitos e sentimentos de devoção, e projetar horizontes estimuladores.

Nos familiares colóquios comunitários antes do repouso noturno (as “boas-noites”) misturava-se o gênero oratório do “fervorino” espiritual, a comunicação, a reflexão educativa e a exortação.

O material conservado nos arquivos é vastíssimo: selecionamos alguns discursos que oferecem um panorama geral dos temas preferidos por Dom Bosco e pelo seu estilo de expressão. Os textos aqui reproduzidos são transcritos de apontamentos tomados por alguns ouvintes durante ou logo depois das intervenções do Santo. Não reproduzem ao pé da letra todas e cada uma de suas palavras, mas certamente contêm a substância do seu discurso. As Memórias Biográficas valorizam amplamente esse material, corrigindo a linguagem, integrando o texto e amalgamando diversos testemunhos. Nós preferimos ater-nos às fontes.

Nas “boas-noites” aos jovens, Dom Bosco usou amplamente a narração de sonhos. Narrador habilíssimo e sugestivo, desse modo conseguia imprimir estavelmente na mente dos ouvintes as mensagens que mais lhe estavam a peito. Ao narrar sonhos à comunidade educativa de Valdocco, “o motivo pedagógico resulta muitas vezes entrelaçado com o motivo considerado sobrenatural ou abertamente providencial”¹⁶. Podemos constatá-lo nos quatro exemplos aqui reproduzidos (nn. 210, 213, 217, 223) que, “na sua construção alegórica”, são um exemplo excelente do seu estilo comunicativo e das suas preocupações pastorais¹⁷.

As pequenas reflexões no fim do dia e a pregação dominical geralmente tratam de temas comuns sobre o pecado e a graça, a purificação do coração por meio do sacramento da confissão, da comunhão frequente, do fervor espiritual, do empenho no cumprimento exato dos próprios deveres e no fazer o bem, da tranquilidade de consciência (nn. 211, 214, 216, 218, 219, 220). A instrução sobre a “bela virtude” (n. 209) – um dos temas preferidos – é um pequeno sermão dominical particularmente interessante, quer pela argumentação, toda ela construída com exemplos extraídos da Sagrada Escritura, segundo uma abordagem que é típica de Dom Bosco, quer pela perspectiva espiritual específica com que é apresentada a

¹⁶ P. BRAIDO, *Don Bosco prete dei giovani...*, I, p. 374.

¹⁷ Cf. P. STELLA, *Don Bosco nella storia delle religiosità cattolica...*, II, p. 505.

virgindade: virtude “bela” que abre o coração ao gosto pela vida espiritual; permite uma relação da mais intensa intimidade amorosa com Deus; torna capazes de um seguimento integral de Cristo; insere nas falanges dos espíritos bem-aventurados que rodeiam “o Cordeiro divino e o seguem para onde quer que vá”.

Em particular emerge a insistência sobre o discernimento vocacional e sobre a opção pelo estado de vida (nn. 212, 215, 221, 222). A conferência de 19 de março de 1876 (n. 212) – reservada aos salesianos, mas aberta a todos os jovens interessados – representa eficazmente o modo como Dom Bosco sabia propor a vocação apostólica, rasgando os horizontes de sentido, amplos tanto quanto o mundo, motivando e entusiasmando. Todos, diz ele, são chamados a trabalhar na vinha do Senhor para a salvação das almas; é uma messe vasta que precisa de operários diversificados, alguns dedicados à pregação e ao ensino, outros a uma variedade de serviços indispensáveis; todos voltados a conquistar os corações dos jovens para levá-los a Deus, mediante a oração, o bom exemplo, a palavra, as obras de caridade, a mansidão, a correção fraterna. Única condição é a reta intenção, isto é, o desejo sincero de cooperar na salvação dos irmãos e a disponibilidade generosa a qualquer tipo de serviço e sacrifício, como bons discípulos de Cristo crucificado.

209. Instrução sobre a bela virtude

ASC A0040601 *Memoria di alcuni fatti 1858-1861*, manuscrito de João Bonetti, pp. 1-7¹⁸ (cf. MB VI, 62-66).

Domingo, 17 de outubro de 1858

A Igreja consagra grande parte do mês de outubro a Maria Santíssima. O primeiro domingo deste mês é consagrado a Nossa Senhora do Rosário, em memória das inumeráveis graças obtidas, dos estupendos prodígios realizados por sua intercessão, a fim de fixar no coração dos fiéis uma memória sempre mais viva de tantos favores que Maria Santíssima, invocada sob esse título, concedeu aos seus devotos. O segundo domingo celebra a maternidade de Maria Virgem, para lembrar aos cristãos que Maria é nossa mãe, que nós todos somos seus queridos filhos. O terceiro domingo, que é hoje, celebra a sua pureza, que é a virtude que a tornou tão grande diante de Deus e a mais bela criatura saída das mãos do Criador.

¹⁸ Trata-se da instrução na parte da tarde, que era feita na igreja após o canto das vésperas, antes da bênção com o Santíssimo Sacramento.

Dado que já faz dois domingos que vós ouvis narrar as glórias de Maria Virgem, nesta tarde, em vez de vos falar de Maria Santíssima, desejo falar-vos desta bela virtude, mostrando-vos quanta estima tinham por ela, não os pagãos, que no entanto honravam com suma veneração os que a guardavam, mas quanta estima tinha por ela o próprio Deus, o que desejo mostrar-vos com os fatos. Oh, como eu me sentiria feliz se nesta tarde eu pudesse introduzir nos vossos tenros corações o amor por esta virtude angélica! Ficai atentos, que vou começar.

O que é a virtude da pureza? Dizem os teólogos que por pureza se entende um ódio, um aborrecimento por tudo o que é contra o sexto mandamento. De tal modo que qualquer pessoa, cada qual no seu estado, pode conservar a virtude da pureza. Esta virtude é tão apreciada por Deus que, em todos os tempos, puniu severamente o vício que lhe é contrário, premiou com os mais estupendos prodígios os que a conservaram.

Já desde os inícios do mundo, quando os homens, embora ainda não se tivessem multiplicado, já tinham aberto o caminho para a desordem, para a corrupção, como afirma a Escritura: *omnis caro corruperat viam suam* (Gn 6,12), Deus premiou a pureza. Enoque que, entre todos, fora o único a conservar para Deus o seu coração puro, Deus considerou injusto que ele permanecesse entre aquelas pessoas viciadas e, por isso, mandou dois dos seus anjos que tiraram Enoque do convívio humano, levando-o para um lugar onde Jesus Cristo, após sua morte, o introduziu no céu.

Vamos em frente. Sendo já numerosos os seres humanos que se multiplicaram sobre a terra, esquecendo-se do seu Criador, entregaram-se aos prazeres carnis, mergulharam nos vícios mais depravados, no vício da desonestidade, da impureza. Deus, indignado com tanta iniquidade, decidiu exterminar o gênero humano por meio de um dilúvio universal. Do extermínio universal, porém, salvou Noé com sua mulher e seus três filhos com suas esposas. Por que tanta preferência por eles? Porque conservaram a bela e inestimável virtude da pureza.

Vejamos mais adiante. Depois do dilúvio, os habitantes de Sodoma e Gomorra se entregaram a todo tipo de desonestidade. Deus decidiu exterminá-los, não mais com um dilúvio de água, mas com um dilúvio de fogo. Antes, porém, o que fez? Olhou para aquelas cidades infelizes e viu que Ló com sua mulher tinham conservado a pureza. Logo manda um anjo para dizer-lhes que fugissem, pois Deus queria incinerar toda aquela gente. Apenas fora da cidade, um mar de fogo, acompanhado de fragores, horrendos trovões e relâmpagos caíram sobre aquelas cidades miseráveis e num instante, com todos os seus habitantes, Deus as precipitou num abismo. Salvaram-se do in-

cêndio Ló e sua mulher. Sua mulher, porém, por um momento de curiosidade, não escapou da indignação de Deus. O anjo tinha proibido que olhassem para trás quando vissem o castigo de Deus cair sobre aqueles habitantes. Ela, porém, ouvindo tanto fragor, que parecia que todo o inferno se atirasse enfurecido sobre a cidade, não se conteve e olhou para trás: e eis que no mesmo instante se transformou numa estátua de pedra. Assim, se Deus a salvara da mortandade comum pela sua pureza, todavia, quis castigá-la, para mostrar a nós que devemos conservar os olhos modestos e não satisfazer toda a nossa curiosidade; do contrário, acabaremos sendo vítimas, não só do corpo, como foi o caso da mulher de Ló, mas também da alma, dado que os olhos são duas portas pelas quais quase sempre entra o demônio.

Continuemos. Em pensamento, vamos até o Egito, e lá vereis um jovem, que por não consentir numa infame ação desonesta à qual sua impudica senhora queria constrangê-lo, sofreu mil punições e até mesmo a prisão. Permitirá, talvez, Deus que José pereça? Absolutamente não! Esperai e vós o vereis sair da prisão e em pouco tempo subir ao trono do Egito; vós vereis que, sozinho, com seus conselhos, salva da morte não só o Egito, mas a Judeia, a Síria, a Mesopotâmia e muitas outras nações. Pois bem, vós me perguntareis, donde lhe veio tanta glória? De Deus, que quis premiar o ato heroico de José por não haver dado ouvidos aos enganos, e quis premiar o seu amor para com a bela virtude da pureza, quis premiar sua constância em conservar casto e puro o seu coração, mesmo à custa da perseguição e da própria prisão.

Eu não acabaria nunca se quisesse referir todos os fatos semelhantes, como o de Judite, por cuja pureza salvou Betúlia de um exército inteiro; da casta Susana, exaltada até os céus; de Ester, salvadora de toda a nação hebreia. Por que Deus operou tantos prodígios em favor dessas pessoas? Pela sua pureza. Sim, a virtude da pureza é tão bela, tão grata a Deus, que em todos os tempos e em todas as circunstâncias jamais deixou sem proteção os que a possuíam.

Vamos ainda em frente, que isso não basta. Já chegara o tão desejado tempo em que devia nascer o suspirado das gentes, o Salvador do mundo. Quem era aquela da qual queria nascer o Filho de Deus? Deus volta seus olhos e contempla todas as filhas de Sião e encontra uma que o deixa enamorado. É Maria Santíssima. Dela nasceu o Salvador do mundo, não por obra de homem, mas por obra do Espírito Santo. Com isso, Deus quis operar um prodígio jamais operado e que jamais renovará. Mas por que tantos privilégios? Para recompensar, para premiar a pureza de Maria que, entre todas as criaturas, foi a mais pura, a mais casta.

Qual pensais que foi o motivo por que o nosso divino Salvador tanto gostava de estar com as crianças, as abraçava, a não ser porque elas ainda não

tinham perdido a bela virtude da pureza? Os apóstolos queriam mandá-las embora porque enchiam seus ouvidos de gritaria, mas o divino Salvador, reprimendo-os, mandou-lhes que as deixassem vir até ele, *sinite pueros venire ad me*, [Mc 10,14] dizendo-lhes que não entrariam no reino dos céus se não se tornassem simples, puros e castos como aquelas crianças. O divino Salvador ressuscitou um menino e uma menina, mas por quê? Porque, segundo os santos padres, não tinham perdido a pureza.

Por que Jesus Cristo mostrou tanta predileção para com São João? Jesus quis subir o monte Tabor para a sua transfiguração? Levou consigo São João. Quis ir pescar com os seus apóstolos? Pois bem, preferiu subir na barca de São João. Vai ao horto do Getsêmani? Quer consigo São João. Pregado na cruz, é a João que ele se dirige e diz: “Filho, eis aí tua mãe; Mulher, eis aí teu filho”. Por que Jesus confia sua Mãe a João, Maria, a maior criatura que saiu das mãos de Deus e que, como ela, jamais haverá outra? Por que toda essa preferência? Porque, caros jovens, João, mais do que todos os apóstolos, tinha conservado a bela virtude da virgindade, da pureza. Jesus permitiu que João descansasse sua cabeça sobre o peito divino, por quê? Porque João possuía a bela virtude da pureza. Se Jesus amou todos os seus apóstolos com especial amor, João foi amado por ele mais do que todos: tanto é verdade que os outros pensavam que João nunca morreria porque Jesus dissera a Pedro: e se eu quiser que este viva até meu retorno, que te importa?

De fato, São João foi o apóstolo que viveu mais tempo. Foi a ele que Jesus Cristo fez ver, em espírito, a glória que gozam no paraíso os que neste mundo conservaram a bela virtude da pureza. Ele mesmo escreveu no seu Apocalipse que, tendo sido raptado até o último céu, viu uma multidão de almas vestidas de branco, com um cinto de ouro e que traziam nas mãos uma palma. Essas almas rodeavam o Cordeiro divino e o seguiam para onde quer que ele fosse. Cantavam um hino tão belo, tão suave, que ele, não podendo mais suportar tanta harmonia, ficou como que fora de si e falou assim ao anjo que o acompanhava: “Quem são estes que circundam o Cordeiro e que cantam um hino tão belo, desconhecido dos outros bem-aventurados?”. Então o anjo respondeu: “Estes são aquelas almas que conservaram a bela virtude da pureza, *isti sunt qui cum mulieribus non sunt coniugati* (Ap 14,4).

Ó almas bem-aventuradas, que ainda não perdestes a bela virtude da pureza, por favor, redobrai os vossos esforços para conservá-la! Vós possuís um tesouro tão belo, tão grande, que até os anjos o invejam. Vós sois, como diz o nosso Redentor Jesus Cristo, vós sois semelhantes aos anjos.

E vós, que para vossa desgraça a perdestes, não desanimeis, fazei todo o possível para recuperá-la. Verdade é que não sereis mais virgens, não tereis mais a felicidade de fazer parte daquela multidão que no paraíso tem um

lugar separado dos outros, não podereis mais cantar aquele hino que só os virgens podem cantar, não importa, no céu há um lugar tão belo para vós também, tão majestoso, que comparado com ele desaparecem os tronos dos mais ricos imperadores, dos reis mais ricos que houve e poderão existir nesta terra. Apesar disso, sereis rodeados de tanta glória que nenhuma língua humana ou de anjos poderá explicar. Podereis gozar da bela companhia de Jesus, de Maria, essa nossa boa mãe que lá nos espera, de todos os santos, de todos os anjos que estão sempre prontos a nos ajudar, contanto que tenhamos no coração a vontade sincera de conservar a bela virtude da pureza.

210. A serpente e a Ave-Maria

ASC A0080302 *Cronaca dell'Oratorio 1862*, manuscrito de Francisco Provera¹⁹, pp. 1-6 (cf. MB VII, 238-239. 241-243).

Quarta-feira, 20 de agosto de 1862

Quero contar-vos um sonho que tive em alguma das noites passadas (deve ter sido na noite da festa da Assunção de Maria Santíssima). Sonhei que estava junto com todos os jovens em Castelnuovo d'Asti, na casa do meu irmão. Enquanto faziam recreio, veio alguém (não sei quem era) e me chamou para que eu fosse com ele. Levou-me para o prado contíguo ao pátio e me mostrou no meio da grama uma serpente com 7 ou 8 metros de comprimento, enorme. Fiquei horrorizado e queria fugir.

– Não, não, me disse o tal, não fuja, venha aqui perto e veja.

– Eu respondi: como queres que eu tenha a coragem de me aproximar desse animal horrível? Não sabes que ele pode atirar-se sobre mim e devorar-me em poucos instantes?

– Não tenha medo, não lhe fará mal nenhum. Venha comigo.

– Ah, não! Não sou tão doido de expor-me a tão grande perigo.

¹⁹ Francisco Provera (1836-1874), nascido em Mirabello Monferrato, entrou para o Oratório de Valdocco com a idade de 22 anos, em 1858; foi um dos sócios fundadores da Sociedade Salesiana (18 de dezembro de 1859). Em 1863, ainda clérigo, é enviado com o padre Miguel Rua para abrir em Mirabello (sua terra) o primeiro instituto salesiano fora de Turim, com o cargo de ecônomo; no ano seguinte passou para Lanzo Torinese com o mesmo encargo, e naquele ano foi ordenado padre. Morreu com a idade de 38 anos por causa de uma úlcera nos pés que se transformou em gangrena.

– Então, ele continuou, fique aqui. Em seguida foi buscar uma corda, trouxe e me disse:

– Tome esta corda por uma das pontas e segure-a bem firme; eu pegarei pela outra ponta e irei do outro lado e a suspenderemos sobre a serpente.

– E depois?

– Depois vamos fazê-la cair sobre suas costas.

– Ah! não, por favor! Ai de nós, se fizermos isso; raivosa, saltará sobre nós e nos fará em pedaços.

– Não, não; deixe então que eu faça.

– Ai, ai! Eu não quero ter esse prazer que pode custar-me a vida. E já queria fugir. Ele, porém, insistiu novamente que eu nada tinha a temer, que a serpente não me faria nenhum mal. Terminei concordando e fiquei ali. Então ele passou do outro lado, levantou a corda e depois a deixou cair sobre o dorso da serpente. Ela deu um pulo, virando a cabeça para trás para morder quem a tinha atingido, mas em vez de morder a corda enroscou-se nela. Então aquele homem gritou:

– Segure firme e não deixe a corda escorregar. E correu para uma árvore que estava perto e amarrou nela a corda. Correu depois para mim, tomou a corda das minhas mãos e foi prendê-la na grade de uma janela da casa. Entretanto a serpente se debatia e revolia, batia com força a cabeça no chão, feria-se toda e sua carne saltava aos pedaços a uma boa distância. E assim continuou enquanto estava viva; morreu quando já não passava de um esqueleto sem carnes.

Quando a serpente morreu, aquele homem desamarrou a corda, enrolou-a e depois me disse:

– Fique atento! E a colocou numa caixa, fechou e depois abriu de novo. Ficamos todos maravilhados. Aquela corda não estava mais ali, enrolada, mas disposta de tal forma que formava as palavras *Ave, Maria*.

– Como pode ser isso? Perguntei. A corda foi posta naquela caixa toda enrolada e agora está tão bem disposta.

– Pois bem, ele disse: a serpente representa o demônio e a corda a *Ave-Maria*, ou melhor, o terço, que é uma sequência de *Ave-Marias*, com as quais se podem destruir todos os demônios do inferno.

Até aqui a primeira parte. Há outra ainda, mais curiosa e que interessa a todos. Mas já é tarde e por isso deixaremos para contá-la amanhã. Entretanto,

levemos em consideração o que aquele homem disse a respeito da *Ave-Maria*: vamos recitá-la devotamente em cada tentação, na certeza de sairmos sempre vitoriosos. Boa-noite.

Quinta-feira, 21 de agosto de 1862

Atendendo vossa insistência, contarei a segunda parte do sonho, senão toda, pelo menos o que posso contar-vos. Antes, porém, devo prepor duas condições. A primeira é que ninguém escreva ou relate fora daqui o que eu vou narrar: falai disso entre vós, ride, fazei tudo quanto quiserdes, mas só entre vós.

Então..., enquanto nós falávamos da corda, da serpente e do seu significado, eu me viro e vejo jovens que recolhiam aqueles pedaços de carne da serpente e comiam. Então logo gritei:

– O que estais fazendo? Sois doidos? Não sabeis que essa carne é venenosa e vos fará muito mal?

– Não, não, diziam eles, é muito boa! Entretanto, apenas comiam daquela carne, caíam no chão, inchavam e ficavam duros como pedra. Eu não conseguia ficar quieto, gritava para este, para aquele, dava tapas a um e socos a outro, tentando impedir que comessem, mas tudo foi inútil. Logo que alguém comia daquela carne caía no chão.

Então chamei os clérigos para que ajudassem e disse a eles que fizessem de tudo para que ninguém provasse daquela carne, mas de nada adiantou. (Interrogado depois privadamente a respeito dos clérigos, respondeu que até mesmo alguns deles começaram a comer, caindo no chão como os outros). Eu estava transtornado por completo, via um grande número de jovens caídos no chão. Então, disse ao homem que me acompanhava:

– Afinal, o que significa que estes jovens sabem que esta carne leva à morte e, no entanto, querem comê-la assim mesmo? Ele respondeu:

– Sabes bem que *carnalis homo non percipit quae Dei sunt*. [1Cor 2,14]

– Mas agora não há mais nenhum remédio para recuperar novamente estes jovens?

– Há, sim!

– E qual é?

– Não há outro senão a bigorna e o martelo.

– A bigorna e o martelo? O que fazer com isso?

– É preciso submetê-los à ação deles.

– Como? Por acaso devo colocá-los sobre a bigorna e batê-los com o martelo?

Então ele se explicou e disse:

– Aí está: o martelo significa a confissão, e a bigorna, a santa comunhão. É preciso usar esses meios.

Então comecei a fazer isso e achei muito profícuo esse remédio, não, porém, para todos. Muitíssimos reviviam, curados, mas para alguns era inútil. Esses tais eram os que não faziam boas confissões.

211. A tempestade no coração do pecador

ASC A0000309 *Piccole locuzioni del molto R.do don Giovanni Bosco*, Quad. IX, 1876, manuscrito de Francisco Ghigliotto²⁰, pp. 3-7 (cf. MB XII, 131-132).

Terça-feira, 14 de março de 1876

Visitei várias casas da Ligúria e vi que lá há muito o que fazer. Sim, há muito bem a fazer, e se todos vós que me ouvis fosseis ordenados sacerdotes e verdadeiros operários evangélicos, todos teríeis muito bem a fazer. Fiquei maravilhado ao ver quanto bem já se fez com tão poucos operários, especialmente em Bordighera, onde, como sabeis, está como diretor o padre Cibrario, o clérigo Cerruti como professor e Martini como coadjutor e também sacristão, e que vai buscar o pão e também come um pouco. [...]

Vindo para o litoral, pude ver que o mar estava furioso. Durante cinco dias houve contínuas tempestades no mar, especialmente numa parte dele. Eu já tinha ouvido falar disso, mas nunca quis ver; digo-vos, porém, que fiquei maravilhado. As ondas eram altas como uma casa e se entrechocavam, faziam um estrondo surdo e forte como o de quatro canhões. Desse encontro fragoroso resultava uma espuma branca e subia tão alto que, se um navio fosse surpreendido por tais ondas, teria sido jogado pelo ar e tão alto que as pessoas que nele estivessem teriam morrido no ar. Entretanto, não havia ali nenhum navio. Eu estava a uns trezentos metros do mar e várias vezes tive que me

²⁰ Francisco Ghigliotto (1859-1900) naquele ano era noviço e tinha recebido do mestre dos noviços, padre Barberis, o encargo de anotar as palavras de Dom Bosco aos jovens e aos noviços.

afastar para não ficar molhado. Observando esse espetáculo, admirei o poder de Deus que, quando quer, faz com que o mar seja sereno e tranquilo a tal ponto que se possa caminhar sobre ele. Depois, com uma só palavra, põe tudo em movimento numa grandíssima extensão, de tal forma que causa horror contemplá-lo. Se os deputados e senadores fossem gritar ao mar para que se acalme, aí, sim, eles veriam quanto “poder” eles têm...

Observando o mar, eu pensava no pecador que está continuamente submergido por uma tempestade, como estava então o mar. A consciência sempre o corrói e ele jamais tem paz e tranquilidade. Faz um pouco de recreio, depois se retira triste. Os colegas o convidam a divertir-se, mas ele dá de ombros e não tem vontade de brincar, porque o coração o repreende, dizendo-lhe: “Tu não és amigo de Deus”. Vai almoçar e procura ficar alegre, tentando expulsar todo pensamento que o censura, mas o coração lhe diz: “E se agora, enquanto te alimentas, morresses, tu serias excluído do paraíso e o inferno estaria pronto para receber-te”. À noite, vai para a cama e procura afastar de si os funestos e justos remorsos de consciência, dizendo: “Agora quero dormir tranquilamente, pelo menos me livrarei desses pensamentos tormentosos”. Aliás, naquela noite nem recitou as orações a fim de reprimir sempre mais seus remorsos. Inutilmente se esforça, pois seu coração lhe diz: “E se nesta noite tivesses que morrer, passarias à eternidade na desgraça de Deus”. Enfim, ele não tem paz e tranquilidade, mas seu coração está sempre em tempestade.

Esses os pensamentos que me passavam pela mente enquanto olhava para o mar em tempestade. Boa-noite.

212. Todos são chamados a trabalhar na vinha do Senhor

ASC A0000408 *Conferenze e prediche di D. Bosco 1875/1876*, Quad. XIX, manuscrito de Júlio Barberis²¹, pp. 63-78²² (cf. MB XII, 625-631).

Domingo, 19 de março de 1876

Um dia, o divino Salvador, passeando pelos campos vizinhos à cidade de Samaria, olhando ao seu derredor e para as planícies e os vales, vendo que a colheita em toda parte era muito abundante, convidou os seus apóstolos a se deleitarem também eles com a visão daquele agradável aspecto dos campos, mas logo se deram conta de que, apesar da quantidade da messe, não havia ninguém para recolher a colheita. Então, Jesus, aludindo a algo bem superior, voltou-se para os apóstolos e disse: *Messis quidem multa operarii autem pauci*, a messe é grande, mas vede como são poucos os operários. [Mt 9,37]. Este é o grito doloroso que em todos os tempos a Igreja e os povos levantaram: a messe é grande, os operários são poucos.

O divino Salvador, vós compreendeis muito bem, por campo ou vinha entendia falar da Igreja e de todos os homens do mundo: a colheita a se fazer consiste na salvação das almas, pois todas as almas devem ser recolhidas e levadas para os silos do Senhor. Oh, como é copiosa a messe; quantos milhões de homens há na terra! Quanto trabalho ainda a fazer para conseguir que todos se salvem, mas *operarii autem pauci*, os operários são poucos! Por operários que trabalham na vinha do Senhor entendem-se todos os que de alguma maneira concorrem para a salvação das almas. E, notai bem, que, como alguém pode pensar, por operários aqui não se compreendem somente sacerdotes, pregadores e confessores, que sem dúvida mais efetivamente são postos a trabalhar e mais diretamente se afadigam em recolher a messe, mas eles não estão sós, nem seriam suficientes.

²¹ Júlio Barberis (1847-1927), íntimo confidente de Dom Bosco, foi nomeado por ele primeiro mestre dos noviços da Congregação (1874), cargo que ocupou por 25 anos. Sua obra formativa foi determinante para a consolidação da Congregação. Foi membro do Conselho Superior e, a partir de 1910, diretor espiritual-geral da Sociedade Salesiana. O seu *Vade mecum dei giovani salesiani* (1901, 2 vol.; 2 ed. 1905, 3 vol.) pode ser considerado o primeiro texto orgânico de espiritualidade salesiana.

²² O padre Barberis introduz o texto com esta observação: “Conferência feita pelo senhor Dom Bosco na noite do dia de São José, 19 de março de 1876, após as orações na igreja pequena, a todos os professores, noviços, aspirantes e aos que desejam ser aspirantes no Oratório de São Francisco de Sales. Foram convidados em público para essa conferência todos os que desejavam pertencer à Congregação; entre os adultos se reuniram 203 pessoas, e a conferência produziu grande efeito” (A0000408 *Conferenze e prediche di D. Bosco...*, p. 63).

Operários são todos que de alguma forma concorrem para a salvação das almas; assim como operários no campo não são somente os que recolhem o grão, mas também os demais. Há quem ara a terra, quem a limpa; outros, com a enxada, a ajeitam; há quem a aplaina com o ancinho; alguns lançam a semente, outros a cobrem; há quem arranca as ervas daninhas, outros regam a terra em tempo oportuno; há quem colhe os grãos, faz feixes e montes de feixes²³; há quem carrega o carro, quem conduz; há quem espalha os feixes no terreiro, quem bate o grão; há quem separa o grão da palha; outros o levam ao moinho para fazer a farinha, depois a ensacam; há também quem a peneira²⁴, quem a empasta, prepara o pão, coloca no forno. Vede, caros amigos, quanta variedade de operários é necessária antes que a messe possa chegar ao seu destino de dar-nos um pão excelente.

Tanto no campo quanto na Igreja há necessidade de todo tipo de operários; não há um só do qual se possa dizer: “Eu, embora meu comportamento seja irrepreensível, não sirvo para nada no trabalho para a maior glória de Deus”. Não, não se fale isso de ninguém; todos podem fazer alguma coisa de algum modo. Os operários são poucos. Oh, se fosse possível dispor de muitos sacerdotes para enviar para cada região da terra, cada cidade, lugarejo, vila, campo e converter o mundo. E impossível, porém, dispor de tantos sacerdotes; por isso, é preciso que haja também outras pessoas dispostas a isso. Além disso, como os sacerdotes poderiam estar livres em função do seu ministério, se não houvesse quem lhes cozinha o pão e prepara as refeições? Se tivessem que providenciar eles mesmos a fabricação dos sapatos e das roupas? O sacerdote precisa ser ajudado; e eu creio não dizer algo errado afirmando que todos os que estais aqui, sacerdotes, estudantes, aprendizes, coadjutores, todos, todos podeis ser verdadeiros operários evangélicos e fazer o bem na vinha do Senhor. De que maneira? De muitas maneiras.

Por exemplo, todos podem rezar. Sem dúvida, não há ninguém que não possa dedicar-se a isso. Oh, vede, todos podeis fazer a parte principal de que fala o divino Salvador, pois, depois de dizer que poucos são os operários, ele acrescenta: “Orai ao dono da messe que envie operários para a sua messe”, *Rogate ergo dominum messis ut mittat operarios in messem suam* [Mt 9,38]. A oração toca profundamente o coração de Deus; Deus, de certo modo, fica obrigado a enviar operários. Rezemos a Deus pelas nossas povoações, pelos países distantes; rezemos pelas necessidades das nossas famílias e das nossas cidades; e rezemos por aqueles que ainda estão mergulhados nas trevas da idolatria, da superstição, da heresia. Oh, todos rezemos de todo o coração, rezemos muito ao dono da messe.

²³ [...].

²⁴ [...].

Uma coisa que pode ser feita por todos e que é da maior utilidade, um verdadeiro trabalho na vinha do Senhor, consiste em dar bom exemplo. Oh, quanto bem se pode fazer dessa maneira: bom exemplo com as palavras, encorajando os outros ao bem, dando bons conselhos. Aqui está alguém que se encontra duvidoso quanto à sua vocação; lá há outro que está para tomar uma decisão que será para ele prejudicial para sempre; pois bem, se essas pessoas forem aconselhadas, fortalecidas no bem, poderão colher imensas vantagens! Muitas vezes basta uma só palavra para levar alguém a permanecer no bom caminho ou a retornar para ele. São Paulo dizia aos fiéis que procurassem ser *lucerna lucens et ardens* [Jo 5,35]. Se de fato os outros vissem em nós essa luz! Que todos fossem edificados pelas nossas palavras. Mas não basta: é preciso que haja também as obras. Se existisse aquela caridade inflamada que nos leva a desprezar todas as coisas, contanto que possamos fazer o bem aos nossos irmãos; se houvesse de fato aquela castidade perfeita que nos leva a obter vitória sobre todos os outros vícios; se houvesse de fato aquela mansidão que arrebatava os corações dos outros, oh, eu creio que o mundo inteiro ficaria retido em nossas redes.

Outra coisa que todos podem fazer é a frequência na prática religiosa, nas orações, em tomar parte em tudo o que pode promover a maior glória de Deus e a salvação das almas. Falar bem da Igreja, dos ministros da religião, do papa, de modo particular, das disposições eclesiásticas. Essas coisas podem ser feitas por todos, do maior ao menor dentre vós; e entre nós, aqui em casa, falar bem dos superiores, da Congregação, da casa, de tudo o que nos é proporcionado.

Mas não basta. Algo que todos podem fazer é ajudar a extirpar as ervas daninhas, a cizânia e todas as demais ervas que só prejudicam; quero dizer, quando houver algum escândalo, que não seja tolerado; quem puder eliminá-lo, faça-o por conta própria e use de todos os meios para fazê-lo cessar; quem não puder eliminá-lo, não fique de braços cruzados, mas fale com quem de direito, e se não for suficiente falar uma só vez, fale duas, três e mais vezes, contanto que o escândalo seja eliminado.

Ouvindo alguém queixar-se da comida, todos vós podeis corrigi-lo. Haverá quem pense em sair sem autorização ou quem se lamenta por não poder sair, todos vós podeis animá-lo, encorajá-lo, aconselhá-lo a ter paciência. Além disso, grande coisa é extirpar a cizânia, isto é, o escândalo no falar. Acontece às vezes que em casa se verifica alguma desordem e os superiores a desconhecem e por isso não podem remediá-la. É absolutamente necessário que vós faleis, que os torneis conscientes do mal; vós estais em contato com essas pessoas, ao passo que os superiores estão mais distantes.

Outra forma de extirpar a cizânia é a correção fraterna. Acontece que, enquanto estais aqui ou em casa dos pais na própria terra, os nossos amigos

inadvertidamente, na nossa presença, têm conversas inconvenientes para um jovem cristão; escrevem cartas servindo-se de frases não cristãs e de expressões que podem suscitar a nossa ira ou então maus pensamentos. O que fazer? Responda-se a essa pessoa educadamente: “Vê, tu dizes assim e assim; mas repara que essas palavras não ficam bem na boca de um cristão. Eu sei que tu és meu amigo e escreveste essas coisas sem dar-te conta; mas precisamente porque és meu amigo, eu creio que tu não te ofenderás se eu te corrijo quanto a isto e àquilo”. Ou então: “Desculpa-me, mas eu não posso aceitar as propostas que me fazes e que não estão de acordo com a vida que deve levar um jovem cristão”. Muitas vezes, uma correção amigável feita assim produz no coração dos colegas e dos irmãos mais efeito do que uma pregação, e começam a servir a Deus ou pelo menos a amar mais a religião, só pelo fato de encontrar essas boas maneiras em quem sabem que pratica a religião.

Infelizmente, acontece que várias vezes é preciso usar essa caridade com os próprios pais para instruí-los, corrigi-los, repreendê-los. Tenha-se a fortaleza de fazer isso também; sim, corajosamente, mas de forma a usar de toda a caridade, bondade, mansidão que usaria São Francisco de Sales, se estivesse em nosso lugar. Todos esses modos e muitos outros, cada qual, padre, clérigo, leigo de qualquer idade e condição, pode usar ao trabalhar na vinha do Senhor. Vede, portanto, que na messe evangélica todos podem trabalhar de muitas maneiras, contanto que cada qual zele pela honra de Deus e pela salvação das almas.

Alguém poderá perguntar: “Mas, Dom Bosco, com isso tudo, o que o senhor quer dizer? Por qual motivo nos está dizendo essas coisas nesta tarde?”. Oh, meus caros amigos! Aquele grito “*operarii autem pauci*” não se fazia ouvir somente nos tempos antigos, nos séculos passados; mas a nós, a nós, nestes nossos tempos, ele se faz ouvir mais imperioso do que nunca. Para a Congregação Salesiana a messe cresce cada dia e de forma tão desmesurada que quase eu diria que não se sabe mais por onde começar e como regular-nos no trabalho. É por isso que eu gostaria de ver-vos todos e logo como bons operários na vinha do Senhor! Os pedidos de colégios, de casas, de missões chegam em número extraordinário, tanto de lugares daqui da Itália, como da França, do exterior: da Argélia, do Egito, da África, da Arábia, da Índia, da China, do Japão na Ásia; da Austrália, da República da Argentina, do Paraguai, de Gibraltar. Pode-se dizer, em toda a América fazem-se pedidos para abrir novas casas, pois por toda parte há uma escassez de operários evangélicos que assusta quem observa o grande bem que se poderia fazer e que se deve deixar para trás por falta de missionários.

Da Argentina temos notícias dolorosas por parte do padre Cagliero. Lá, em geral, quando as pessoas vão se confessar, não se pergunta: quanto tempo

faz que não se confessa, mas se diz: já vos confessastes alguma vez? E não é raro encontrar homens e mulheres com seus quarenta anos e que nunca na vida se confessaram. Não é que não gostem das coisas da Igreja ou da confissão, não; mas é que nunca tiveram a oportunidade para isso. Imaginai quantos se encontram no momento da morte e gostariam de pelo menos naquele momento ter um padre para confessar os próprios pecados e receber a absolvição, mas nem isso lhes é concedido porque muito raramente encontram um padre que possa atendê-los!

Não tenho, porém, a intenção de convidar-vos a ir para lugares distantes; isso pode acontecer para alguns, não para todos, quer porque as necessidades são urgentes também aqui, quer porque por vários motivos nem todos os que se sentem chamados a fazer parte da Congregação Salesiana estariam dispostos a ir a lugares tão distantes. Mas em vista de tantas necessidades, de tanta falta de operários evangélicos, notando que todos vós, de um modo ou de outro, podeis trabalhar na vinha do Senhor, poderia eu ficar quieto e não vos manifestar o desejo secreto do meu coração? Oh, claro que eu gostaria de ver-vos todos dedicados a trabalhar como verdadeiros apóstolos! A isso é que tendem os meus pensamentos, todos os meus cuidados, todas as minhas fadigas. E por isso que se aceleram os estudos, que se oferece a oportunidade para que quanto antes se possa vestir a batina, que se oferecem escolas particulares.

Diante de tantas e tão prementes necessidades, poderia eu calar? Poderia eu acomodar-me, quando de toda parte nos chamam e parece ser realmente a voz de Deus que se manifesta pela boca de tantas pessoas? E depois de tão manifestos sinais da divina Providência, que quer operar tão grandes coisas por meio dos salesianos, poderia eu ficar mudo e não procurar aumentar o número dos operários evangélicos?

Agora, quero dizer-vos ainda uma coisa e é a mais importante. Enquanto eu vos convido a todos a serdes constantes ou a fazer-vos inscrever na Congregação Salesiana, não quero que quem não tem vocação entre nela. Eu vejo o grande bem que podemos fazer; mostro como é grande a messe diante dos nossos olhos, como a vinha do Senhor precisa de muitos operários, para que os que sentirem uma voz interna que lhes diz: tu, na Congregação salesiana, poderás salvar mais facilmente a tua alma e a do próximo, fica sabendo como estão as coisas e vê como fazer para pertencer a ela. Ao passo que espero que cada um siga a própria vocação. O que eu quero e sobre o que muito insisto é que, cada qual, esteja onde estiver, seja de fato, como diz o Evangelho, “*lucerna lucens et ardens*”.

Eu não sou contrário a que um jovem, querendo, vá para o seminário e se faça padre secular. O que eu quero e sobre o que insistirei até que tiver

respiro e voz é que quem se faz clérigo seja um clérigo santo, quem se faz padre seja um padre santo, quem quiser participar da herança do Senhor, abraçando o estado eclesiástico, não se envolva em coisas terrenas, mas procure unicamente salvar as almas. Isso é o que peço a todos, mas especialmente peço que quem é eclesiástico seja luz que ilumina a todos os que o rodeiam e não trevas com que engane a si mesmo.

Que esta luz, porém, não se manifeste só com palavras: que ela se traduza em obras. Cada qual procure ornar o próprio coração com aquela caridade que leva a dar a vida para salvar as almas; que faz com que não se olhe para nenhum interesse corporal quando se trata de fazer o bem, e que diga como São Paulo, que considerava os interesses mundanos e as coisas deste mundo como lixo, para somente lucrar as almas para Jesus Cristo: “*omnia arbitror ut stercora ut Christum lucrificam*” [Fl 3,8].

É preciso que ninguém se deixe dominar pela gula, pela intemperança, que é a que faz com que tantos jovens naufraguem miseravelmente e, digamos francamente, também tantos eclesiásticos. É preciso que saiba moderar e mortificar especialmente o vinho quem deseja trabalhar com fruto na vinha do Senhor, seja qual for o estado em que se encontra.

Por isso, verdadeiro operário evangélico é quem toma parte de boa vontade nas práticas da religião, que as promove, que as torna solenes. Se há uma novena, essas pessoas estão contentes; se cumprem alguma prática especial, convidam outros a participar dela.

Para ser verdadeiro operário evangélico é preciso não perder tempo, mas trabalhar, seja onde for; numa parte ou noutra, nos estudos, na assistência, no magistério; nas coisas materiais, no púlpito ou no confessionário, nos escritórios ou nos economatos. Contanto que se tenha em mente que o tempo é precioso e que quem perde tempo ou não se esforça para ocupá-lo bem, jamais poderá ser um bom operário evangélico.

Aí está, meus queridos filhos, o que eu vos quis dizer para vos tornardes bons operários evangélicos. Oh, se essas coisas fossem praticadas com exatidão por todos! Vamos dar uma olhadinha: todas elas são praticadas na nossa Congregação? Oh, seu eu pudesse dizer que realmente tudo isso é praticado com exatidão, como me sentiria feliz, eu poderia me sentir envaidecido. Oh, se os salesianos pusessem de fato em prática a vida religiosa como a entendia São Francisco de Sales, com aquele zelo que ele tinha, orientado por aquela caridade que ele tinha, moderado por aquele zelo e por aquela mansidão que ele tinha, aí sim eu poderia me sentir de fato envaidecido e haveria motivos para esperar um imenso bem feito no mundo. Aliás, quero dizer-vos que o mundo correria atrás de nós e ele haveria de ser nosso.

Ainda uma coisa que eu creio seja de importância extraordinária e que é preciso que cuidemos que ela esteja em nós e que a conservemos sempre. Trata-se do amor fraterno. Crede-o, o vínculo que mantém unidas as sociedades, as congregações, é o amor fraterno. Creio que posso dizer que ele é o vínculo, o eixo em torno do qual giram as congregações eclesiais. E até que grau ele deveria crescer? O divino Salvador nos diz: *Diligite vos alterutrum sicut et ego dilexi vos* [Jo 13,34]. Amai-vos uns aos outros reciprocamente, com a mesma medida com que eu vos amei. Na Sagrada Escritura a cada passo se repete que nós nos amemos uns aos outros. Este amor, porém, para ser como se deve, deve ser tal que o bem de um seja o bem de todos e o mal de um seja o mal de todos. É preciso que nos apoiemos reciprocamente e nunca alguém critique o que o outro faz, nunca haja nem mesmo um pouco de inveja: “A fulano foi dado aquele cargo, em vez de dá-lo a mim”. “Aí está, se há algo de belo e bom, tem que ser sempre para fulano, ao passo que em mim ninguém pensa”. Não, para longe esse tipo de inveja, o bem de um deve ser o bem de todos. O mal de um que seja o mal de todos. Alguém está sendo perseguido? É preciso que todos nós nos sintamos perseguidos e tenhamos pena dele e o ajudemos. Alguém está doente? Devemos estar insatisfeitos como se fôssemos nós a estar doentes. Além disso, é preciso que juntos, de acordo, promovamos as coisas boas, venha de quem vier a iniciativa. Todos sabem que nem todos possuem as mesmas capacidades, os mesmos estudos, os mesmos meios. Portanto, grande amor fraterno. Se fizermos assim, sabeis o que acontecerá? Acontecerá o que aconteceu com a Igreja. Alguns eram apóstolos, mas além dos apóstolos havia os 72 discípulos; depois havia os diáconos, os cooperadores evangélicos, mas todos eles trabalhavam de acordo, todos juntos, com grande amor fraterno e por isso conseguiram o que conseguiram, isto é, mudar a face do mundo. Assim devemos fazer também nós, em qualquer lugar que estivermos, seja qual for a missão que nos for confiada, contanto que possamos salvar almas e acima de tudo possamos salvar a nossa alma, e isso será suficiente para nós.

Tudo isso, porém, só se obtém à custa de grandes sacrifícios, não sem dever sofrer um pouco. Sem grandes fadigas, nunca se chega a fazer grandes coisas, por isso, nós devemos estar prontos para tudo.

Sim, cada qual se inscreva na Congregação Salesiana, mas diga: eu quero enveredar por este caminho pela única razão de salvar almas, entendendo que ao salvar as almas dos outros, antes de tudo pretendo salvar a minha. É possível conseguir esse intento sem sacrifícios? Pois bem, eu estou pronto a fazer qualquer sacrifício. Eu quero pôr-me no seguimento de Jesus Crucificado; se ele morreu na cruz, sofrendo dores horríveis, eu que quero ser seu seguidor, devo mostrar-me pronto a qualquer sofrimento, mesmo que se trate de morrer na cruz como ele.

Aliás, notai, no Evangelho eu vejo escrito que são bem-aventurados os que sofrem tribulações e não os que gozam a vida. Cabe-me, portanto, sofrer alguma coisa. Feliz de mim, que assim poderei seguir os passos do divino Redentor mais de perto. Quem goza a vida neste mundo, goza por um momento e depois muito pouco sobrar de seus prazeres; pelo contrário, nada sobrar, e pior ainda para a eternidade. Ao passo que os que sofrem, sim, sofrem um pouco, mas isso durará pouco e cada sofrimento irá transformar-se em pedra preciosa no céu que os consolará por todos os séculos.

Termino com o que disse São Paulo*: “*Vos delectat magnitudo praemiorum; non vos deterreat magnitudo laborum*”: se vos alegra o pensamento da grande recompensa no paraíso, não vos assuste, se deveis sofrer alguma coisa nesta terra.

213. A fé, a temperança e o ócio

ASC A0000301 *Conférenze e sogni*, Quad. I, 1876, manuscrito de Tiago Gresino²⁵, pp. 1-9 (cf. MB XII, 349-356).

Domingo, 15 de junho de 1876, solenidade de *Corpus Christi*

Parecia-me estar no meio do pátio, caminhando para a porta de saída, rodeado dos meus jovens, alguns para me cumprimentar, outros para me dizer alguma coisa, conforme sempre acontece. De repente, do lado dos aprendizes ouço fortes gritos: “Ai! Ai!”, e vejo que fogem precipitadamente de cá para lá, muitos saem pela porta dos fundos. Em seguida, também os estudantes se põem a correr, agrupando-se em torno a mim. Eu queria ver o que assustava tanto os meus jovens, mas eles queriam impedir-me, pois havia um monstro que me devoraria, e assim eles me seguravam junto deles.

Enquanto eu estava sem saber o que fazer, apareceu um monstro horrível que corria em nossa direção. Aquele animal, ou demônio que fosse, era tão feio, nojento, terrível, enorme como nenhum outro. Parecia-se um pouco com um urso, mas na parte traseira era menor, se comparada com os demais membros; tinha as espáduas e a barriga muito grandes e grossos, sua cabeça era enorme, a boca escancarada mostrava dois dentes pontiagudos como espadas.

* Dom Bosco cita diversas vezes esta frase, inclusive com variantes, atribuindo-a na maioria das vezes a São Paulo; na verdade é de São Gregório Magno.

²⁵ Tiago Gresino (1859-1946) naquele ano era noviço e tinha recebido do mestre dos noviços, padre Barberis, o encargo de anotar as conferências e as falas de Dom Bosco.

Os jovens, assustados, vinham ter comigo para que lhes dissesse o que fazer, mas eu mesmo estava assustado, sem saber como proceder. Eu disse que todos se reunissem aqui debaixo do pórtico e, ajoelhados, pedissem a ajuda da bem-aventurada Virgem. Num instante ficamos todos de joelhos, rezando com maior devoção do que de costume a Maria Auxiliadora para que nos livrasse daquele monstro que, no entanto, a passos lentos, vinha em nossa direção, prestes a nos assaltar.

Poucos minutos se passaram desde quando estávamos ali, quando, não sei como nem quando, de repente nos encontramos todos do outro lado, no refeitório dos clérigos, que era muito mais amplo e intensamente iluminado. No centro estava Nossa Senhora, que se parecia com a imagem que está ali no início dos pórticos ou com a que está na cúpula da igreja ou com a da igreja, não lembro bem; de qualquer forma, estava toda radiante, rodeada de santos e anjos, de tal modo que o refeitório parecia o paraíso. Ao terror sucedeu o estupor, e todos nós estávamos voltados para Nossa Senhora, atentos, pois ela parecia querer dizer alguma coisa; e de fato, ela nos acalmou com estas palavras: “Não tendes medo, tende fé; esta é só uma prova que meu Filho quer fazer com todos vós”.

Então reparei atentamente os que estavam em redor da Santa Virgem e reconheci o padre Alasonatti, o padre Ruffino, o irmão Miguel das Escolas Cristãs, meu irmão e outros que pertenceram à nossa Congregação e que agora estão no paraíso. Quando, de repente, um deles diz em voz alta: “*Surgamus*”. Nós estávamos em pé e não sabíamos o que ele queria dizer. Mas a mesma voz repetiu: “*Surgamus*”; e nós, ali, parados, atentos para ver como tudo iria acabar. Eu já estava para pedir alguma explicação, quando Nossa Senhora começou a dizer, com voz admiravelmente forte: “Tu, que és sacerdote, deverias entender o que significa este *surgamus*; quando celebras a santa missa e dizes: *Sursum corda*, o que tu entendes dizer? Por acaso entendes que é para se levantar ou que é para elevar os afetos do coração para Deus?”.

Então eu falei assim aos meus jovens: “Façamos o melhor que pudermos um ato de amor e de arrependimento a Deus”. Todos, ajoelhando-se rapidamente, em silêncio, rezamos. Um momento depois ouvimos novamente um “*Surgite*”, e nos pusemos em pé. Naquele momento, ouviu-se então uma voz maviosa vinda de Nossa Senhora cantando o hino de São Paulo: “*Sumite scutum fidei*” [Ef 6,16]; a voz era tão cheia, harmoniosa e melodiosa, que caímos como que em êxtase, pois numa só voz ouvíamos todas as notas desde a mais alta até a mais baixa, e parecia que cem vozes cantassem a uma só voz.

Estáticos, ouvindo aquele concerto, de repente nos sentimos arrebatados para o alto por uma força sobrenatural, alguns se agarravam a um prego, outros à beirada da abóbada. Eu me segurava na grade de uma janela e me admirava ao ver que não caíamos; donde eu estava víamos grande quantidade de animais de diversas espécies, todos ferozes, que corriam de cá para lá por todo o refeitório, nos perseguiram e parecia que em pouco tempo pulariam sobre nós, embora ainda não tentassem fazê-lo.

Enquanto se ouvia aquele canto paradisíaco, de perto de Nossa Senhora saíram muitos belos jovens, com asas, e aproximando-se de nós, puseram sobre o nosso coração um escudo que, no centro, era de ferro, próximo ao círculo de ferro havia um de prata, em seguida um de diamante e finalmente um círculo de ouro. Quando todos estávamos munidos desse escudo e o canto cessou, ouviu-se esta voz: “*Ad pugnam*”; vimos então aqueles animais agitarem-se ferozmente, atirar contra nós bolas de chumbo, flechas e outras coisas, mas nada nos alcançava ou atingia os nossos escudos; todos, depois de uma longa batalha, estávamos incólumes. Então se ouviu Nossa Senhora dizer: “*Haec est victoria vestra, fides vestra*” [1Jo 5,4] e todos nos encontramos no chão, tendo desaparecido aqueles animais.

Logo depois ouvimos gritos dolorosos no pátio: eram os nossos jovens que pareciam dilacerados por aquelas feras. Eu quis sair do refeitório para ver se de alguma forma podia ajudá-los. Não queria me deixar passar, com medo de que me acontecesse algum acidente. Não levei em conta seu medo e respondi-lhes: “Quero ver o que é, nem que tenha que morrer”. Saí e vi uma cena horrorosa: aqueles animais perseguiram os nossos jovens, feriam-nos e os dilaceravam. Particularmente fazia espantoso estrago aquele monstro que tinha aparecido antes: feria com ambos os lados da barriga, por meio daqueles dois dentes enormes; muitos jaziam por terra, alguns mortos, outros feridos. Quando eu apareci, aquele monstro correu ao meu encontro, mas não podia ferir nem a mim, nem a outros que me tinham seguido até o limiar da porta, porque estávamos defendidos pelo escudo.

Observei bem aquelas fauces do monstro que tinham feito uma carnificina de meus jovens e vi escrito na ponta de uma *Otium* e na outra *Gula*. Então compreendi do que se tratava, mas não a ponto de poder dar-me conta de que meus jovens pecassem de ócio, ou de gula, parecendo-me que, pelo contrário, eles trabalham ou estudam, e no recreio não perdem tempo; quanto à gula, parece-me que não temos cara de sermos intemperantes.

Voltei para o refeitório muito triste e pedi explicações desse problema a alguém que estava junto de Nossa Senhora, que me respondeu desta for-

ma: “É, meu caro, neste ponto és ainda um noviço, tu que pensas ter muita experiência. Sabe, portanto, que por ócio não se entende somente não trabalhar e nem mesmo ocupar o tempo de recreio para divertir-se, mas também aquele tempo que se deixa livre para a imaginação, pensando em coisas que são perigosas; aqueles retalhos de tempo que não se ocupam como se deve e especialmente na igreja. Quanto à gula, debes saber que se pode pecar de intemperança só com água e quando se come ou se bebe mais do que o necessário é sempre intemperança. Se conseguires dos teus jovens que sejam temperantes nessas pequenas coisas, eles vencerão sempre o demônio; e com a temperança virão também a humildade, a castidade e as outras virtudes. Se ocuparem integralmente o tempo como devem, jamais cairão na tentação do demônio, viverão e morrerão como santos cristãos”.

Agradei-lhe tão bela instrução e cheguei perto do irmão Miguel e dos outros que eu conhecia para ouvir deles se o que eu via e fazia era realidade ou puro sonho. Entretanto, enquanto tento apertar-lhes a mão, fico como fora de mim mesmo ao não conseguir tocá-la. Vendo minha admiração, um deles me disse: “Deverias saber o que tu estudaste, que nós somos puros espíritos e para sermos vistos pelos mortais devemos assumir uma figura, enquanto não tivermos ressuscitado, pois então reassumiremos o nosso corpo que terá os dotes da imortalidade”. Então quis chegar perto de Nossa Senhora que me parecia ter alguma coisa para me dizer, mas quando estava bem pertinho, ouvi fora um forte grito e me acordei.

214. O fervor espiritual

ASC A0000310 *Discorsetti di D. Bosco*, Quad. X, 1876/1877, manuscrito de Tiago Gresino, pp. 4-6 (cf. MB XII, 557).

Sexta-feira, 27 de outubro de 1876

A novena da festa de Todos os Santos vai andando e eu sempre espero que alguém se faça santo, ou pelo menos faça algum milagre: pode ser que haja alguém, mas eu até agora não percebi. No tempo de Domingos Savio, Francisco Besucco e Miguel Magone, essas novenas eram feitas com mais empenho: nada havia que levasse a desejar que fosse melhor. Não digo que agora sejam mal feitas, não, pois há muita gente boa; mas não há aquele entusiasmo. Não sei donde vem que agora não é mais como outrora. Talvez da

minha parte, que não falo mais aos meus jovens, que não me façam entender; ou então, da parte deles, que não querem mais me entender; ou então, também de ambos. Seja como for, eu não vejo mais aquele ardor universal como nos tempos de que vos falei, quando eram sessenta ou setenta jovens e de manhã havia sessenta ou setenta comunhões. Mas há ainda tempo. Digo isso porque, estando assim as coisas, num momento, com um fósforo, pode-se pôr fogo a um paiol e acender um grande incêndio, uma bela fogueira. Isso pode ser feito por cada um de nós. Cada um pense no paraíso, onde alguns têm irmãos, irmãs, amigos e companheiros; outros, superiores ou inferiores, que gozam o prêmio da sua virtude. Eles eram de carne e osso como nós; e nós estamos longe dos perigos, temos facilidade em praticar a religião, a comodidade de acertar os assuntos da própria consciência: se eles se fizeram santos, por que não poderemos ser nós também? – Mas, diz alguém, é preciso a graça de Deus! Garanto-vos que a graça de Deus, ele a dá. – O que falta então? Falta-nos um pouco de boa vontade. Se vós não tendes boa vontade, se não podeis empenhá-la, pedi-a a Deus, pedi-a com insistência e ele a suscitará. E se as vossas orações não forem suficientes, diri-vos aos santos, que neste tempo estão dispostos a tudo em nosso favor, especialmente diri-vos a Maria Santíssima: que os santos peçam por vós um amor divino ardente, um amor constante; e se o Senhor não o concede a vós, não poderá negá-lo a tantos santos. Boa-noite.

215. Crescer depressa para ser apóstolos

ASC A0000302 *Discorsetti di D. Bosco*, Quad. II, 1876, manuscrito de Emanuel Dompè²⁶, pp. 7-9 (cf. MB XII, 557-558).

Domingo, 29 de outubro de 1876

Hoje houve um grupo que viajou para Roma, não ainda definitivamente rumo à América, mas para assumir um pequeno colégio num lugar perto de Roma, que se chama Albano, exatamente no mesmo lugar onde antigamente havia a chamada Alba Lunga. Depois, daqui a três ou quatro dias, haverá um novo grupo que parte para assumir outro pequeno colégio, em Ariccia; em seguida, um terceiro grupo irá assumir um pequeno colégio em Trinità. Enquanto isso, nós rezamos por aqueles que estão em viagem desde esta noite até as duas da tarde de amanhã.

²⁶ Emanuel Dompè (1860-1926) naquele ano era noviço e fora encarregado pelo mestre dos noviços, padre Barberis, de anotar as conferências e as falas de Dom Bosco.

Agora estamos na novena da festa de Todos os Santos e precisamos nos lembrar de não perder nenhum desses dias, para rezar por aqueles que deverão partir para a América; também os sacerdotes se lembrem de rezar por eles na missa. Desta vez partirão em número de 24, não sei se todos de uma vez, mas a diferença de tempo será de uma semana ou no máximo de duas; nem por isso, porém, o número do exército deverá diminuir.

Agora que vão embora os alunos maiores seria preciso que os menores crescessem e ocupassem o lugar dos primeiros. Precisaria que os pães, que são feitos sob a proteção de Maria Auxiliadora, vos fizessem crescer um metro cada vez e assim todos vós vos tornásseis grandes de um só golpe. Nós confiamos na Providência e espero que com a ajuda de Deus conseguiremos fazer tudo um pouco por vez.

Aproveito para avisar que amanhã de tarde, talvez às cinco e meia, conforme me disseram, haverá uma conferência para aqueles que pertencem à Congregação: digo-o aqui em público para que todos fiquem informados.

Mantenhamo-nos junto ao Senhor, que é quem guia todo o nosso trabalho, e comportemo-nos de tal modo que depois ele não deva repreender-nos no dia do juízo, quando vier para julgar o mundo. Boa-noite.

216. No início do ano escolar

ASC A0000302 *Discorsetti di D. Bosco*, Quad. II, 1876, manuscrito de Emanuel Dompè, pp. 18-21 (cf. MB XII, 565-567).

Quinta-feira, 2 de novembro de 1876

Amanhã começa o horário regular. Alguns já estavam se queixando: muito recreio, muitos passeios, pouco estudo. Pelo menos amanhã começará o horário regular e todos ficarão contentes. Não basta, porém, que comece o horário, é preciso também que se estude; por isso, a começar de amanhã, todos se empenhem o mais possível para fugir do ócio. Se soubésseis como é precioso o tempo! Os sábios dizem que o tempo é um tesouro, portanto, quem perde um minuto de tempo perde uma parte desse tesouro. Por isso, é preciso ocupar bem o tempo desde o início, a fim de que no fim do ano não tenhamos de nos queixar do tempo perdido. Mas a verdadeira sabedoria vem do Senhor: *Initium sapientiae est timor Domini*. [Sl 111,10]. Por isso, antes

de tudo temos que acertar bem a nossa consciência. *Sapientia non introibit in animam malevolentem*, é o que estava escrito num cartaz no estudo, não sei se ainda está lá ou se não está mais; o padre Durando faça dependurar outro.

E agora repito o aviso que costume dar no começo do ano: confissão frequente e frequente comunhão. Quanto à confissão frequente, alguns santos padres aconselham a fazê-la toda semana, outros a cada quinze dias ou uma vez por mês. Santo Ambrósio e Santo Agostinho estão de acordo em dizer-nos: cada oito dias. Eu pessoalmente não vos dou nenhum conselho especial, só digo que procureis o confessor sempre que na consciência sentirdes que alguma coisa não está bem. Alguém pode passar dez dias sem ofender a Deus, outros quinze, outros também vinte. Alguém, porém, passa somente três ou quatro dias e depois cai logo no pecado; este busque logo a confissão, a não ser que se trate de ninharias.

Quanto à comunhão frequente, não quero estabelecer tempo, mas desejo contar-vos um fato. Antes, porém, quero olhar o relógio, para ver se não é muito tarde: são só nove horas e oito minutos. São fatos que se contam em cinco minutos. Havia um homem que costumava confessar-se com são Vicente de Paulo. Não gostava, porém, do confessor porque lhe recomendava a comunhão frequente. Então pensou em mudar de ideia e buscar outro confessor, e lhe disse: “Eu costumava me confessar com o padre Vicente, mas ele me mandava comungar com frequência e por isso vim aqui para receber o seu conselho”. O padre em poucos instantes o despachou, dizendo-lhe: “Meu filho, comece devagar: você comungará a cada oito dias, depois a cada quinze, em seguida poderá ser só uma vez por mês”. O pobre homem seguiu esse conselho e em pouco tempo passou a fazer só a comunhão, não mais a confissão, da confissão passou aos teatros, aos bailes, etc. Depois, adeus confissão, adeus comunhão: aí começou a viver uma vida desregrada. Passado certo tempo, não se sentia mais contente como antes, a consciência o censurava das suas culpas, e por isso voltou a são Vicente e lhe disse: “Eu vejo que, deixando a santa comunhão, deixo também a piedade e me torno cada vez pior; de agora em diante quero seguir o seu conselho e receber mais frequentemente a santa comunhão”.

Eu vos digo a mesma coisa. Praticai-a, para conservar a consciência tranqüila, se quiserdes a verdadeira sabedoria do Senhor. Boa-noite.

217. Sonho de Lanzo ou do jardim salesiano

Edição crítica em Cecilia ROMERO, *I sogni di Don Bosco*. Edição crítica. Apresentação de Pietro Stella. Leumann (Turim), Elle Di Ci 1978, pp. 40-44²⁷.

Sexta-feira, 22 de dezembro de 1876

Uma planície semelhante ao mar quando está perfeitamente calmo, mas formada por cristais brilhantes. O olhar se perdia naquela vasta superfície.

Enorme quantidade de plantas, ervas, vinhedos, bosques, flores de toda espécie cobriam aquela paisagem. Alamedas magníficas, edifícios admiráveis acrescentavam-lhe beleza. Tudo era semelhante ao que se vê na terra, mas a beleza e a forma eram inexprimíveis.

Música instrumental que parecia composta por milhares de instrumentos diferentes, cada qual produzindo um som diverso, mais alto ou mais baixo, mas sempre em perfeito acorde. Diga-se o mesmo das vozes. Via-se imenso número de habitantes, deliciando-se em ouvir o som dos instrumentos e em tomar parte nos cânticos. Quanto mais se ouvia, mais crescia o desejo de ouvir e todos se mostravam sempre mais ansiosos.

Em determinado momento, cessou a música e então muitos ouvintes se voltaram para mim, que não me encontrava sobre aquela planície maravilhosa, mas ali perto sobre uma pequena elevação. Os que mais se aproximaram de mim foi Domingos Savio, o padre Alasonatti, o padre Chiala, o padre Giulitto, em quem muito tinha pensado no dia anterior. Pela pouca distância eu podia tocá-los com as mãos. Eu, porém, tremia e não tinha coragem de dizer uma palavra sequer. Os outros me olhavam com semblante alegre, como querendo me dizer alguma coisa, mas calavam.

Domingos Savio vestia uma túnica branca recoberta de diamantes que lhe cobria o corpo inteiro; uma faixa vermelha com debruns dourados cingia-lhe a cintura. Seu rosto era viçoso, luminoso, belo como um anjo. Numa das mãos trazia um ramalhete de flores, como se fosse dá-las a alguém. Nele notei o lírio, a rosa, a violeta, o girassol, a sempre-viva, uma espiga de trigo, a genciana e outras flores, artisticamente entrelaçadas e de uma beleza incrível.

²⁷ É um sonho muito valorizado na tradição salesiana. O Santo escreve numa linguagem simples, não estudada; enquanto a versão das *Memórias Biográficas* (MB XII, 586-595) refere uma transcrição mais elaborada, feita depois da narração oral no boa-noite de 22 de dezembro de 1876.

Domingos Savio, com a mão livre fez-me um sinal para que eu escutassem e começou a falar assim:

– Por que tens medo, aqui, onde tudo deve inspirar coragem?

– Tenho medo por causa do lugar onde me encontro e que não conheço: e não compreendo tudo isso e as pessoas que eu vejo.

– A terra em que agora estás, se for bem cultivada, se tornará um pavimento de pedras preciosas no céu. Estes são servos de Deus que tiveram fé e que agora gozam do fruto de suas fadigas.

– Mas por que somente tu falas e não os outros?

– Porque eu sou o mais novo e o mais antigo dos que estão aqui.

– O que significa esta veste branca?

Domingos Savio calou-se e os outros, em coro, puseram-se a cantar: *Dealbaverunt stolas in sanguine Agni, ideo sunt ante tronum Dei* [Ap 22,14].

– Por que esta faixa?

O padre Alasonatti, o padre Chiala e outros responderam cantando: *Habuerunt lumbos praecinctos, virgines enim sunt, ipsi sequuntur agnum quocumque ierit* [Ap 14,4].

– Este jardim é, por acaso, o paraíso onde vós gozais da felicidade eterna?

– Nada disso. Não é mais do que uma beleza material; um mortal que visse uma luz sobrenatural morreria no instante. Queres ver um diminuto raio de luz sobrenatural? Fecha os olhos e abre-os de novo imediatamente.

Apenas abri os olhos, vi uma luz da qual se desprendia um pequeníssimo raio como um relâmpago que vinha na minha direção, mas tão ardente que me fez dar um forte grito involuntário, como se me tivessem arrancado os olhos. Pouco depois reabri os olhos e tudo era como antes.

– Esta, disse Domingos Savio, é ainda a luz natural, isto é, formada por substância material e é cem milhões de vezes menos brilhante do que o menor raio, aliás, do que uma sombra separada da matéria. O homem enquanto vive nesta terra não pode ver nenhum raio da luz divina sem morrer. A razão é esta: a criatura material não pode suportar o confronto com o Criador infinito que é puríssimo espírito. Somente a alma, enquanto princípio espiritual, separada do corpo, voa a contemplar a luz inacessível da divindade e verá a Deus como é em si mesmo.

– O que estou vendo em ti é corpo ou é espírito? Dizendo isto, pus a minha mão sobre a dele. Mas não toquei nada e foi como se eu tocasse uma sombra.

– É inútil procurar tocar-me. O que vês não é senão a forma, ou seja, a sombra do meu corpo, e Deus conserva esta aparência aos espíritos até o dia

da ressurreição universal, quando cada qual vestirá a matéria imortal, retomando o corpo que possuía antes de morrer.

– Dize-me qual é a finalidade desta tua visita; antes, porém, dize-me se estou acordado ou dormindo.

– Nem um, nem outro. Estás na situação de receber severas ordens da parte de Deus e ai de ti se não te esforçares por executá-las. Algumas coisas se referem ao passado, outras ao presente, não poucas ao futuro. Quanto ao passado, é a falta de fé, muita tibieza. Vê quantas almas os oratórios conduziram ao céu: vemos multidões. Seriam cem mil a mais, se tivesses tido fé viva, como devem ter todos os ministros do Rei dos reis.

– Tu me assustas demais. Dize-me alguma coisa do presente.

– Para o presente, tens aqui um ramalhete de flores; toma-o e presenteia-o a todos os teus filhos de qualquer idade e condição, e garantirás para eles o reino dos céus.

– Mas eu não compreendo o que significa.

– Eu te darei breve explicação: a rosa é a caridade; a violeta, a humildade; o lírio, a castidade; o girassol, a obediência; a sempre-viva, a perseverança; a hera, a mortificação; a espiga de trigo, a santa comunhão; a genciana, a penitência. Cada uma dessas coisas deve ser atenta e longamente explicada, e oferecerás aos teus um tesouro finito que os conduzirá a um prêmio infinito.

– Acrescenta alguma coisa para o futuro.

– Não falo mais eu, mas é Deus misericordioso, o único que o conhece e se exprime assim: No próximo ano serás privado de seis e depois de ainda duas outras pessoas muito queridas; mas que da terra deverão ser transplantadas para o lugar de delícias, ou seja, no paraíso do Deus incriado.

Para a Congregação Salesiana despontará uma luminosa aurora desde os quatro cantos da terra. Haverá batalhas e triunfos, mas os seus soldados crescerão muito, se os chefes não permitirem que se desviem do caminho as rodas do carro sobre o qual está sentado o Senhor. Está próximo o tempo em que os bons e os maus ficarão boquiabertos pelas maravilhas que acontecerão rapidamente, mas é tudo misericórdia, e cada qual receberá consolação.

– Qual é o estado atual dos meus jovens?

– Deves dizer dos filhos de Deus, que os confiou a ti, e dos quais deverás a seu tempo prestar contas: toma estas três folhas e em cada uma delas encontrarás o que é necessário.

Eu apanhei aquelas folhas e sobre uma delas estava escrito: *Anotação dos que no momento presente caminham direito pelo caminho do céu*. E vi muitos nomes que eu conhecia e muitos de pessoas desconhecidas. A segunda anota-

ção tinha como título: *Vulnerati*, o número também era grande, não, porém, como o primeiro. Na terceira havia este título: *Lassati sumus in via iniquitatis* [Sb 5,7].

– As duas primeiras tu podes vê-las e os seus nomes podem ser vistos pelos espíritos. Não é assim da terceira. Os que moram no céu, embora sejam espíritos puríssimos, todavia, sentem um odor insuportável só de vê-los. Se quiseres conhecer os nomes e vê-los, vira a página do outro lado. Virei a folha e num instante não vi os nomes, mas as pessoas entregues ao ato mais abominável. Ouviu-se uma voz de um trovão que me ensurdeceu: *Execrables viae eorum coram Deo et coram omnibus viventibus*.

Naquele momento, com aquele rumor, acordei. Levanto os olhos, mas tudo era escuridão, não vi mais ninguém e foi só então que me dei conta de estar na cama, mas tão abatido e estressado por aquele sonho, que não pude mais descansar, nem pensar em outra coisa senão nele, de tal forma que, dia e noite, ainda agora me ocupa a mente.

218. A consciência tranquila

ASC A000303 *Confereenze*, Quad. III, 1877-1878, manuscrito de Tiago Gresino, pp. 10-13 (cf. MB XIII, 427-429).

Terça-feira, 21 de agosto de 1877

Aproxima-se o tempo das férias, tanto para os estudantes quanto para os aprendizes: os primeiros para descansar a cabeça, os outros para repousar as costas e os braços; todos para fazer férias. Para essas férias é preciso que eu vos dê alguns conselhos. O conselho que eu vos dou é um só: que fiquéis em plena liberdade, até mesmo que apronteis alguma desordem, mas para isso retirai-vos para um lugar onde Deus não vos veja. Cada qual saberá que lugar é este: uma casa, a torre da igreja, a cantina. Mas penso que não haverá ninguém tão tonto que creia encontrar um lugar onde Deus não o possa ver. Este pensamento da presença de Deus deve acompanhar-nos em todo o tempo, em todo lugar e em cada atividade. E quem terá a coragem de assim cometer alguma coisa que possa ofender o Senhor, quando pensa que aquele que ele quer ofender pode, no mesmo instante em que ele quer pronunciar essa palavra, fazer-lhe secar a língua, paralisar a mão com que pensa pecar?

Acreditai, não é necessário considerar o Senhor como pura justiça, inflexível. Não, pelo contrário, ele é pura misericórdia, bondade, amor. Assim como deve temê-lo quem o ofende, assim deve estar contente quem pode dizer de si mesmo: “Eu não tenho nada ruim na consciência”. A este eu digo: vai dormir tranquilo, diverte-te no recreio, vive feliz. Se quem está em harmonia com Deus deve viver feliz, quem não puder dizer que está com a consciência em paz, deve temer que Deus não lhe dê tempo para a conversão. Ontem, por exemplo, o vigário paroquial de Lanzo passeava no jardim com o seu pároco que elogiava a pregação que ele tinha feito; e o vigário paroquial estava contente porque tinha dado satisfação aos seus ouvintes. Quando, de repente, o pároco não viu mais seu vigário ao lado, mas caído ao chão: “Padre Oggero, padre Oggero!”. Não responde. Sacode-o: “O que está acontecendo? Como vai?”. Já estava morto. Não nos devemos preocupar pelo destino deste padre, que pertenceu a este Oratório e que era uma santa pessoa, mas para dizer que se pode morrer passeando ou comendo, dormindo ou em qualquer outro momento. Da mesma forma, algum tempo atrás morreu em San Nicolas, perto do padre Cagliero, um padre da paróquia que esteve aqui, passou por este Oratório, e eu me recordo dele. Falo destes dois, mas poderia falar de muitos outros que morreram improvisamente e de todas as formas. Assim, amanhã, ao levantar, poderia acontecer que algum de nós viesse a faltar. Quem morreu? Dom Bosco. Oh, como pode ser? Ele não está mais conosco. E o que poderia acontecer a Dom Bosco, poderia acontecer também a cada um de vós. E quem não estiver preparado, pense em acertar sua situação. Quando alguém está tranquilo na sua consciência, pode viver alegre, dormir seu sono com tranquilidade, porque não teme o juízo de Deus. Boa-noite.

219. Cuidar da roupa ao voltar de uma viagem

ASC A000303 *Conférenze*, Quad. III, 1877-1878, manuscrito de Tiago Gresino, pp. 24-26 (cf. MB XIII, 438-440).

Domingo, 29 de outubro 1877

O motivo pelo qual vos reuni todos aqui é para cumprimentá-los e para dizer-vos algumas palavras depois das vossas férias. Uma notícia bem recente, que acabou de chegar agora por meio do padre Ronchail, refere-se à abertura de uma nova casa em Cannes, cidade pouco distante de Nice. Dentro em breve abriremos outras em outros lugares e iremos até a América. Assim, irão

abrir-se casas em La Navarre, Tonon, Marselha, Bordeaux...; vamos em frente: em Barcelona, etc. Todo o litoral e depois um salto de 15 dias seguidos de viagem de navio até o Rio de Janeiro. Mas preciso que vós cresçais como bons padres e bons professores.

O que, porém, eu vos quero dizer é que depois de uma viagem a gente sempre tem as roupas manchadas ou pelo menos empoeiradas. E assim, embora nestas férias não tenhamos tido lama, não faltou um pouco de poeira nas roupas, alguma mancha. Férias, mais ou menos, todos vós tivestes, por isso, é preciso pensar em cuidar das roupas, como quando se volta de uma viagem.

Agora temos a oportunidade para isso nesta festa de Todos os Santos, de fazer uma revisão da própria consciência; e para que vos possais preparar convenientemente se pensou em fazer um tríduo com uma pequena pregação à noite. Procurai executar o que nela for indicado. O que eu vos proponho, nesses dias dedicados pela Igreja às almas dos falecidos, é que procureis sufragá-las o mais possível. Os que puderem fazer a comunhão, comunquem. Todos rezem e rezem muito, e procurai adquirir as indulgências, aplicando-as aos mortos; esta é a melhor maneira de sufragar aquelas almas. Fazei-lhes esta caridade, especialmente para com as almas dos vossos parentes, pois, próximos ou remotos, todos vós os tendes. No fim das contas, essas orações, este bem que fazeis às almas do purgatório, resulta na realidade um bem para vós mesmos; é como o alimento que se dá à boca que o saboreia, mas que nutre a pessoa que o ingere.

Recomendo-vos, pois, que vivais bem esses dias, fazendo uma revisão da própria consciência e oferecendo todo o bem que fizerdes em favor das almas do purgatório; e assim, quando nós tivermos que nos apresentar à eternidade, encontraremos o bem já preparado para nós, que nos preservará das chamas do purgatório e irá abrir-nos as portas do paraíso. Boa-noite.

220. “Exatidão e limpeza”

ASC A000303 *Conferenze*, Quad. III, 1877-1878, manuscrito de Tiago Gresino, pp. 27-30 (cf. MB XIII, 417-419).

Quarta-feira, 28 de novembro de 1877

Dom Bosco vos saúda a todos e vos traz uma boa notícia: amanhã começa a novena de Maria Santíssima Imaculada. Entre os nossos jovens sempre

houve uma devoção a Maria Imaculada. De fato, existe uma companhia chamada da Imaculada, iniciada por Domingos Savio, como se pode ler em sua vida, junto com o regulamento que ele e alguns companheiros prescreveram para si mesmos. A essa companhia pertencem muitos de vós (mas somente aqueles que brilham em todas as virtudes)...

Eu me lembro como no princípio da novena da Imaculada Conceição Domingos Savio propôs vivê-la bem; veio conversar comigo e quis fazer a confissão geral (ainda não a fizera, pelo que sei); depois conservou de tal modo sua consciência pura em todos os dias da novena que em cada dia pôde fazer a santa comunhão; assim como é desejo ardente da Igreja que todos os cristãos – e eu acrescento: todos os jovens do Oratório – se comportem bem para que todas as manhãs possam participar da mesa eucarística.

E como lembrança para esta novena, que conselho eu vos darei? Aqui está, são duas coisas: *exatidão e limpeza*. São duas palavras que fazem rima* e que andam muito de acordo. Exatidão na observância de todas as normas da casa, de todas e sem exceções. Portanto, exatidão em ir para a igreja ou para o estudo, exatidão em ir comer e dormir. Exatidão em tudo. A outra coisa é a limpeza, não em engraxar os sapatos, mas em manter limpa a consciência. É bom que estejamos sempre limpos, mas se alguém sentir algum incômodo no coração e, dando uma olhada para suas confissões, vir que deve sempre acusar as mesmas coisas: as mesmas mentiras, as mesmas perdas de tempo, as mesmas faltas, de tal modo que viver envolvido por uma série de pecados e confissões, de confissões e pecados; pois bem, esse tal manifeste essas coisas e, se julgar oportuno, faça também uma revisão de sua vida ou com uma confissão geral, ou somente a respeito daqueles pontos que considerar mais necessários. Outro sentirá algum incômodo no coração e dirá: “Eu receio ter feito mal uma confissão e não estar numa boa situação; verdade é que daquele pecado eu me tinha esquecido, mas eu me tinha esquecido de propósito”. Pois bem, também este – e há gente assim – fale com o próprio diretor a respeito desse assunto e se entregue completamente a ele. Outro dirá: “Eu, faz certo tempo que me encontro inquieto, tenho receio de não ter a minha consciência na devida ordem”. Pois bem, converse com o seu diretor espiritual e, se desejar, faça também uma confissão geral, pois este é o tempo oportuno para isso. E assim se diga a respeito de todos que perceberem que as suas confissões foram defeituosas por falta de arrependimento ou de propósito ou de exame de consciência.

Lembraí-vos sempre, portanto, mas especialmente nesta novena: exatidão e limpeza. Sede exatos em tudo e conservai vossa consciência limpa de tal

* Em italiano: *esattezza e pulitezza*.

modo que possais frequentar a santa comunhão; como me lembro que fazia exemplarmente Domingos Savio na última novena da Imaculada Conceição, comportando-se em tudo como digno imitador de São Luís; digno de um jovem que, com a idade de sete anos e meio, ao fazer a primeira comunhão, se propôs: antes morrer que pecar. Fazendo assim também nós, Maria Imaculada terá para todos um favor a conceder e será aquele que for de maior proveito para a nossa alma. Boa-noite.

221. Como fazer os exercícios espirituais

ASC A000303 *Conferezenze*, Quad. III, 1877-1878, manuscrito de Tiago Gresino, pp. 31-35 (cf. MB XIII, 752-754).

Domingo, 2 de junho de 1878

Uma palavra depois de quase seis meses. Vede quanto tempo passou sem que eu pudesse vir dar-vos boa-noite. Mas, se não vim pessoalmente, a minha mente estava sempre aqui convosco. Quando eu me encontrava em Roma ou em viagem para Nice ou para Sampierdarena, de manhã, na missa, eu pensava em vós, e à noite, irresistivelmente, o meu pensamento corria até vós. Agora, desde há algum tempo estamos aqui e esperamos não nos afastar de vós tão cedo. Estamos aqui para buscar o vosso proveito espiritual e também temporal.

O que, porém, eu vim aqui para dizer-vos é que amanhã à noite começaremos os exercícios espirituais para os estudantes e logo depois para os aprendizes. Tudo o que eu costume recomendar durante os exercícios se reduz a uma só coisa: ficai atentos e ponde em prática o que se prega ou se lê. Como pôr em prática? Em todas as pregações, em todas as leituras há sempre alguma coisa útil para nós: poderá ser o exame de consciência mal feito ou a falta de arrependimento ou de um propósito ou o esquecimento dos conselhos do confessor, etc. Pensemos no que passou, no que estamos vivendo, no que será; se nada temos a reprovar em nossas ações passadas, se agora caminhamos retamente pelo caminho que Jesus Cristo nos indica e o que devemos fazer para o futuro.

Por isso, este é o tempo mais apropriado para pensar na própria vocação, porque *in solitudine Deus loquitur*, e os exercícios espirituais são precisamente dias de retiro e de solidão. Também os aprendizes devem pensar na própria

vocação, porque alguns devem perguntar-se se Deus não está propondo que fiquem a trabalhar na Congregação e a fazer parte dela, ou se os chama a fazer o bem em outra parte. Por sua vez, todos precisam deixar por alguns dias as próprias ocupações para só se aplicar às coisas da alma.

Pensai que as grandes graças não se recebem tão frequentemente; e poder fazer os exercícios espirituais é uma grande graça. Quantos no ano passado estavam aqui ouvindo estas mesmas palavras e a esta hora já passaram para a outra vida. Creio que todos fizeram bem os exercícios espirituais do ano passado, mas se não os tivessem feito bem, disporiam ainda de tempo? E quem nos garante que no próximo ano todos nós que estamos aqui voltaremos a fazê-los novamente? Eu não posso dar-vos esta garantia. Só Deus poderia dizê-lo. Aliás, ele nos diz o contrário: *Estote parati, quia qua hora non putatis filius hominis veniet* [Lc 12,40]; e nos mostra por meio da experiência que também sendo jovens pode-se morrer. Se é assim, estejamos sempre preparados, de tal modo que, se a morte vier, possamos apresentar-nos tranquilamente diante das portas da eternidade.

Por isso, agora que dispomos de comodidade, vamos fazer bem os exercícios espirituais. E assim como o Senhor nos diz: *Ante orationem praepara animam tuam* [Eclo 18,23], eu também vos digo: antes dos exercícios espirituais, preparaí a vossa alma; isto é, antes de começá-los, despertai em vós o desejo de tirar deles grande proveito.

Se dia e noite eu me ocupo sempre de vós, nos próximos dias dos exercícios eu me consagro inteiramente ao vosso proveito espiritual. Na missa farei sempre uma oração especial com esta finalidade, isto é, que os exercícios corram bem – e o que digo de mim mesmo, entendo dizê-lo também dos que trabalham comigo e dos que aqui virão para esta finalidade. Nas próximas noites espero falar-vos novamente, e para não prolongar demais estas poucas palavras, vamos encerrar com esta bela conclusão: poder fazer os exercícios espirituais é uma grande graça; por isso, devemos fazê-los bem; para fazê-los bem colocaremos em prática tudo o que ouvirmos nas pregações e nas leituras: e como todos os favores provêm do céu, eu e também vós pediremos a Deus que nos conceda a graça de tirar o maior proveito possível para as nossas almas. Boa-noite.

222. Discernir a própria vocação e decidir

ASC A000303 *Conferenze*, Quad. III, 1877-1878, manuscrito de Tiago Gresino, pp. 35-40 (cf. MB XIII, 807-808).

Terça-feira, 18 de junho de 1878

Em todas estas solenidades que houve ou que ainda virão: de Nossa Senhora, da Consolata, de São Luís, de São João, de São Pedro, e outras que haverá antes do fim do ano, há uma coisa de grande importância a se fazer: decidir a respeito da própria vocação. Alguns já devem ter meditado e só esperavam semana após semana, dia após dia, para decidir definitivamente. Por isso, todos os anos eu costumava conceder um tempo para quem quisesse falar comigo a respeito disso; também neste ano gostaria que os jovens da 5ª e da 4ª séries, e também os outros que quisessem decidir quanto à própria vocação venham no meu aposento em qualquer uma das festas, depois das vésperas.

Todavia, alguma coisa de forma geral pode ser dita também aqui. Quando se percebe ter sido chamado para o estado eclesiástico, é de grande importância examinar bem se o melhor é permanecer no mundo ou retirar-se para alguma ordem religiosa. Além disso, quem pretendesse abraçar o estado eclesiástico deve ter em mente uma finalidade reta e santa: isto é, a de salvar a própria alma. Alguém pode perguntar: e não se pode ajudar os parentes? Ajudar os parentes é coisa boa e santa; para isso vós podereis ser comerciantes, sapateiros ou o que quiserdes, e assim ajudar os parentes e outras pessoas e fazer o que mais vos agrada com os vossos rendimentos. Mas um padre não; poderá dar uma esmola, como a qualquer outra pessoa, caso se encontrar em necessidade extrema, mas não pode ir além disso. Aqui sempre há quem levante a costumeira objeção: “Mas muitos padres – este, aquele – fizeram isso, compraram aquilo, se enriqueceram e enriqueceram a própria família, etc”. Portanto, todos eles procederam mal? Eu não quero julgar ninguém, só observo aquilo que diz o divino Salvador e a santa Igreja. Jesus Cristo diz expressamente: Quem quiser entregar-se ao ministério de Deus, não se ocupe com assuntos temporais; pelo contrário, não só não se ocupe com eles, mas *non implicet se*, diz precisamente a Escritura, não se envolva com eles: *non implicet se in negotiis* [2Tm 2,4]. As palavras são claras. E dito por Santo Ambrósio ou São Gregório que o que o sacerdote possui é patrimônio dos pobres: não é dele, vede, é dos pobres. Suas fadigas são para Deus, os meios são de Deus, portanto os rendimentos devem ser de Deus e, por isso, dos pobres. O padre não deve buscar outra coisa senão a salvação das almas: exige-se, por isso, uma finalidade santa.

O que ainda vos posso dizer é que quem não se sente chamado ao estado eclesiástico, nem pense em fazer-se padre, pois não tiraria disso nenhum bem. Quem não consegue conservar a virtude da castidade não é feito para o sacerdócio, busque outra coisa, pois como padre só faria mal a si e aos outros. Digo estas coisas para que tenhais tempo para pensar nelas e em seguida tomeis as decisões mais convenientes para o vosso bem. Boa-noite.

223. Os cordeiros e a tempestade

ASC A000303 *Conferenze*, Quad. III, 1877-1878, manuscrito de Tiago Gresino, pp. 41-48 (cf. MB XIII, 761-764).

Quinta-feira, 24 de outubro de 1878

Estou contente por ver o meu exército de soldados armados *contra diabolum*. Esta expressão, embora latina, é entendida até mesmo por Cottini. Eu teria tantas coisas para dizer-vos, tanto mais que vos falo pela primeira vez depois das férias, mas por ora só quero contar-vos um sonho. Vós sabeis que a gente tem os sonhos dormindo e que não é necessário crer neles; mas se não há nenhum mal em não crer neles, às vezes também não há nenhum mal em crer, e podem até nos servir de instrução, como, por exemplo, o que vou contar.

Eu estava em Lanzo na primeira turma dos exercícios espirituais e dormia, como disse, quando tive este sonho. Eu me encontrava num lugar que não pude saber qual era, mas estava próximo de um povoado onde havia um jardim e perto desse jardim, um vastíssimo prado. Estava em companhia de alguns amigos que me convidaram a entrar no jardim. Entro e vejo um grande número de cordeiros que saltitavam, corriam, faziam cabriolas, segundo seu costume. De repente se abre uma porta que leva ao prado e aqueles cordeirinhos correm para fora para ir pastar. Muitos, porém, não se preocupam em sair, permanecem no jardim e ficam andando de cá para lá, comendo alguns fios de erva; assim se alimentavam, embora não houvesse erva na mesma abundância que havia fora para onde tinha ido o maior número.

“Quero ver o que fazem esses cordeiros que estão fora”. Fomos até lá e os vimos pastar tranquilamente; mas, de repente, o céu escurece, há relâmpagos e trovões e se aproxima uma tempestade. “O que acontecerá a esses cordeirinhos, se forem apanhados pelo temporal? Eu repetia: vamos retirá-los a salvo”. E os chamava. Depois, eu de um lado, os meus companheiros de outros lados, procurávamos encaminhá-los para a porta do jardim, mas eles

não queriam saber. Toca daqui, escapa dali..., eles tinham as pernas melhores do que todos nós. Entretanto, começava a gotejar, depois a chover e eu não conseguia recolhê-los. Um ou dois entraram no jardim, mas os demais, e eram em grande número, continuaram no Prado. “Muito bem, se não querem vir, pior para eles; então, vamos embora”. E entramos no jardim.

Ali havia uma fonte com uma inscrição em caracteres cubitais: *Fons signatus*, fonte selada. Estava coberta. De repente ela se abre, a água salta para o alto, divide-se e forma um arco-íris com aparência de abóbada, como a deste pórtico. Entretanto, viam-se sempre mais frequentes os relâmpagos, mais numerosos eram os trovões e começou a cair granizo. Nós, com todos aqueles cordeiros que estavam no jardim, nos apertamos debaixo daquela cobertura, onde não penetrava nem água nem granizo. “Mas, o que é isto? Eu perguntava aos amigos: e o que acontecerá com os coitadinhos que estão lá fora?”. “Verás, me respondiam. Observa a testa desses cordeiros, o que está escrito?”. Observei e vi que na testa de cada um daqueles animais estava escrito o nome de um jovem do Oratório. “O que é isso?”. “Verás, verás”.

Entretanto, eu não podia mais me conter e quis sair para ver o que faziam aqueles pobres cordeiros que tinham ficado do lado de fora. Eu pensava: “Recolherei todos os que foram mortos e despacharei para o Oratório”. Meti-me debaixo da chuva também eu e vi aqueles pobres animaizinhos caídos por terra que, batendo as patas, procuravam voltar para o jardim, mas não conseguiam caminhar. Abri a porta, mas seus esforços eram inúteis. A chuva e o granizo os tinham deixado tão mal e continuavam a maltratá-los que dava dó. Um estava ferido na cabeça, outro no focinho, aquele numa orelha, aquele outro na pata, outros em outras partes do corpo. Entretanto, a tempestade cessou.

“Observa, disse-me quem estava ao meu lado, o que se vê na frente dos cordeiros”. Observei e li sobre a frente de cada um o nome de um jovem do Oratório. Eu disse: “Mas eu conheço o jovem que tem este nome e não me parece um cordeirinho”. “Verás, verás”. Em seguida, me foi apresentado um vaso de ouro com a tampa de prata, dizendo-me: “Toca com a tua mão banhada com este unguento as feridas dos cordeiros e logo serão curados”. Eu comecei a chamá-los: “Beh! Beh!”. E eles, como se nada fosse. Procuo aproximar-me de um deles, mas ele foge. “Não quer, pior para ele!”. Vou até outro e também foge. Eu repetia seguidamente essa tentativa.

Finalmente consigo segurar um que, pobrezinho, tinha de tal modo os olhos fora das órbitas que dava pena. Toquei-os com minha mão e ficou bom, correndo para o jardim. Muitos outros não tiveram mais medo e se deixaram tocar e sararam e entraram no jardim. Mas houve também muitos outros, geralmente os mais feridos, que não foi possível aproximar-me deles.

– Se não querem ser curados, pior para eles; mas não sei como poderei fazê-los entrar no jardim.

– Deixa estar, disse-me um dos amigos que estavam comigo, eles virão, sim.

– Veremos. Coloquei o vaso onde antes estava e voltei ao jardim. Tudo tinha mudado e pude ler sobre a porta a palavra: *Oratório*. Apenas entrei, de repente, aqueles cordeiros que não queriam entrar, entram e correm a pastar aqui e ali, mas nem então pude aproximar-me de algum deles. Houve vários que, não aceitando de bom grado o unguento, tornou-se para eles veneno; em vez de curá-los, aumentava suas chagas.

Olha, vêes aquele estandarte?

Sim, vejo. Podia-se ler nele, escrita em grandes caracteres, a palavra *Férias*.

– Aqui está, este é o efeito das férias, explicou-me um dos que me acompanhavam, pois eu já estava como que fora de mim. Os teus jovens saem para passear, mas depois chega a tempestade, que são as tentações; em seguida a chuva, que são os assaltos do demônio; finalmente cai o granizo e é quando eles caem em culpas. Alguns se curam com a confissão, mas outros ou não a fazem bem ou então não a frequentam. Lembra-te disto e nunca te canses de repeti-lo aos teus jovens que as férias são uma grande tempestade para suas almas.

Eu observava aqueles cordeiros e notava em alguns deles feridas mortais; procurava muito curá-los, quando, como vos disse que eu dormia, o padre Scappini fez barulho no aposento vizinho ao meu e me acordou.

Este é o sonho e, embora fosse sonho, tem, todavia, um significado que não fará mal a quem der atenção a ele. Posso também vos dizer que eu vi alguns nomes entre aqueles cordeiros do sonho e confrontando-os com os jovens, vi que eles se comportavam precisamente como aconteceu no sonho. Seja como for, nesta novena de Todos os Santos devemos corresponder à bondade de Deus que quer usar de misericórdia para conosco e, por meio de uma boa confissão, curar as feridas da nossa consciência. E devemos pôr-nos todos de acordo para combater o demônio e, com a ajuda de Deus, seremos vitoriosos e iremos receber o prêmio da vitória no paraíso.